

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Nayara Domingues Cardoso

AS ESTRATÉGIAS DE DATIVO DE 2ª PESSOA
EM CARTAS PESSOAIS (SÉCULOS XIX E XX)

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

NAYARA DOMINGUES CARDOSO

AS ESTRATÉGIAS DE DATIVO DE 2ª PESSOA
EM CARTAS PESSOAIS (SÉCULOS XIX E XX)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos. Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva. Linha de Pesquisa: 1A - Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Cristina de Brito Rumeu.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2017

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

C268e Cardoso, Nayara Domingues.
As estratégias de dativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (séculos XIX e XX) [manuscrito] / Nayara Domingues Cardoso. – 2017.
155 f., enc. : il., grafs (color), tabs (p&b)
Orientadora: Márcia Cristina de Brito Rumeu.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 150-155.

1. Língua portuguesa – Pronomes – Teses. 2. Cartas – Teses. 3. Sociolinguística – Teses. 4. Linguística histórica – Teses. 5. I. Rumeu, Márcia Cristina de Brito. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

As estratégias de dativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (séculos XIX e XX)


NAYARA DOMINGUES CARDOSO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 16 de fevereiro de 2017, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Márcia Cristina de Brito Rumeu - Orientador
UFMG


Prof(a). Célia Regina dos Santos Lopes
UFRJ


Prof(a). Santa Martins Ramos
UFMG

Belo Horizonte, 16 de fevereiro de 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Dissertação de Mestrado intitulada "As estratégias de dativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (séculos XIX e XX)" apresentada por Nayara Domingues Cardoso, em 16 de Fevereiro de 2017, à Banca Examinadora constituída pelos seguintes Membros:

Prof.^ª Dr.^ª Márcia Cristina de Brito Rumeu - Orientadora
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof.^ª Dr.^ª Célia Regina dos Santos Lopes - Examinadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof.^ª Dr.^ª Jânia Martins Ramos - Examinadora
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof. Dr. Vander Lúcio de Souza - Suplente
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus a oportunidade de poder realizar este sonho. Nos momentos mais difíceis, a fé e a esperança que me deram força para prosseguir.

Aos meus pais, Jorge e Iêda, agradeço por todo amor, carinho e por sempre me mostrarem a importância de buscar o conhecimento. Aos meus irmãos, Nina, Naiane e Cristiano, pelo companheirismo e compreensão ao longo desses dois anos.

Aos meus familiares, em especial minhas primas Carolina e Ramaiana, agradeço pela disponibilidade e incentivo.

Às minhas amigas da graduação e pós-graduação, Ires, Iracema e Natália, por serem tão especiais e solidárias. Sem vocês a caminhada teria sido ainda mais difícil!

Aos amigos da escola e alunos, agradeço por contribuírem para a minha formação.

Um agradecimento especial à Márcia Rumeu, pela orientação competente e dedicada. Este trabalho não seria possível sem seu olhar crítico e atencioso. Obrigada por tudo!

Aos professores da Faculdade de Letras da UFMG, agradeço pelas aulas enriquecedoras que muito contribuíram para a minha trajetória acadêmica.

Por fim, agradeço aos professores Célia Regina Lopes dos Santos, Jânia Martins Ramos e Vander Lúcio de Souza por aceitarem o convite para participar da minha banca.

CARDOSO Nayara Domingues. *As estratégias de dativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (séculos XIX e XX)*. 2017. 155 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

RESUMO

Este trabalho é conduzido pelo objetivo principal de descrever analiticamente as estratégias de representação do dativo de 2ª pessoa do singular em missivas pessoais (*cartas amorosas, de amizade e familiares*) confeccionadas entre fins do século XIX e fins do século XX. À luz da conjugação dos pressupostos da sociolinguística variacionista laboviana (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968) aos da sociolinguística histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY & CONDE SILVESTRE, 2012) descrevem-se não só as frequências de uso das formas dativas como *te, a ti, lhe, a você, para você* e o *dativo nulo* (), mas também correlaciona-se a produtividade de tais estratégias dativas de complementação verbal ao sujeito de 2ª pessoa do discurso nas cartas mineiras (*cartas de tu-sujeito, cartas de você-sujeito* e cartas de alternância *tu/você*). Na perspectiva de uma análise metodologicamente orientada pela sociolinguística quantitativa de base Laboviana, (cf. LABOV, 1994, 2001), utilizou-se o GOLDVARB-X como aparato estatístico para a análise quantitativa e qualitativa dos 582 dados de dativo de 2SG em termos de frequências percentuais. Em síntese, os resultados anunciam não só a diversidade de estratégias de complementação verbal em estruturas sintáticas de dativo (*te, a ti, lhe, a você, para você,*), mas também a convivência mais acirrada entre as formas pronominais *lhe* e *te*. O *lhe* se apresentou como a forma mais produtiva principalmente nas cartas de *você-sujeito*, denotando um maior grau de formalidade nas relações pessoais, ao passo que o *te* se mostrou mais frequente nas cartas de *tu-sujeito*, alcançando uma produtividade um pouco mais discreta nas cartas mistas (alternância *tu/você*). O fato de o *te* ter se espalhado por todos os subgêneros das missivas mineiras (amorosas, familiares e de amizade) permite interpretá-lo como uma forma neutra nas relações sociopragmáticas travadas entre casais, familiares e amigos, cf. observado também por Oliveira (2014) para o *te* nas cartas cariocas.

Palavras-chave: pronomes de 2ª pessoa do singular, complemento verbal dativo, cartas pessoais mineiras.

CARDOSO Nayara Domingues. *The 2nd person dative strategies in personal letters (19th and 20th centuries)*. 2017. 155 fls. Dissertation (Master in Linguistic Studies) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ABSTRACT

This paper is conducted by the main goal of analytically describing the strategies of representation of the 2nd singular person dative in personal letters (love, friendship and family letters) written between late 19th century and late 20th century. In the light of the conjugation of the assumptions of the Labovian variationist sociolinguistics (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968) to the historical sociolinguistics (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY & CONDE SILVESTRE, 2012), it is described not only the frequencies of use of dative forms as *te*, *a ti*, *lhe*, *a você*, *para você* and *null dative* (), but also correlated the productivity of such dative strategies of verbal complementation to the 2nd person subject of the discourse in the Mineira letters (letters of *tu*-subject, letters of *você*-subject and alternating letters *tu/você*). In the perspective of an analysis methodologically oriented by the Labovian-based quantitative sociolinguistics (LABOV, 1994, 2001), GOLDVARB-X was used as a statistical apparatus for the quantitative and qualitative analysis of 582 dative data of 2nd singular person in terms of percentage frequencies. In summary, the results announce not only the diversity of verbal complementation strategies in syntactic structures of dative (*te*, *a ti*, *lhe*, *a você*, *para você*,), but also a more intense coexistence between the pronominal forms *lhe* e *te*. *Lhe* has presented itself as the most productive form, mainly in the letters of *você*-subject, denoting a greater degree of formality in personal relations, while *te* was more frequent in the letters of *tu*-subject, achieving a slightly more discreet productivity in the mixed letters (alternating *tu/você*). The fact that *te* has been spread by all the subgenres of Mineira missives (love, family and friendship) can be interpreted as a "neutral form" in relation to sociopragmatic relations between couples, family and friends, cf. also observed by Oliveira (2014) for *te* in Carioca letters.

Keywords: 2nd singular person pronouns, verbal dative complement, mineira personal letters.

LISTA DE SIGLAS

1SG	1ª pessoa do singular
2SG	2ª pessoa do singular
3SG	3ª pessoa do singular
ACU	Acusativo
AEM	Acervo dos Escritores Mineiros
APM	Arquivo Público Mineiro
DAT	Dativo
IHGMG	Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais
MG	Minas Gerais
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
Oco	Ocorrências
OBL	Oblíquo
OD	Objeto Direto
OI	Objeto Indireto
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PREP	Preposição
SN	Sintagma Nominal
SPREP	Sintagma Preposicionado
SU	Sujeito
V	Verbo

LISTA DE IMAGENS, GRÁFICOS, QUADROS, TABELAS:

QUADRO 01	Os pronomes pessoais em latim, cf. Faria (1995, p. 130).	Pág. 18
QUADRO 02	Pronomes pessoais do português na perspectiva tradicional, cf. Bechara ([1961] 2015, p. 172).	Pág. 20
QUADRO 03	Pronomes oblíquos átonos, cf. Rocha Lima ([1972] 2011, p. 387).	Pág. 23
QUADRO 04	Pronomes oblíquos tônicos, cf. Rocha Lima ([1972] 2011, p. 388).	Pág. 23
QUADRO 05	Os complementos verbais preposicionados (OI e CR), cf. Rocha Lima ([1972] 2011).	Pág. 26
QUADRO 06	Pronomes pessoais retos e oblíquos, cf. Perini (2010, p. 116).	Pág. 30
QUADRO 07	Os índices da 2ª pessoa no PB, cf. Bagno (2011, p. 746).	Pág. 32
QUADRO 08	Os índices pessoais de 2ª pessoa no PB contemporâneo, cf. Bagno (2011, p. 754).	Pág. 33
TABELA 01	Distribuição percentual das variantes <i>para~a~ø~clítico</i> em relação às comunidades de fala, cf. Nascimento (2009, p. 54).	Pág. 40
Gráfico 01	Distribuição das variantes de dativo em relação às variedades do português, cf. Freire (2005, p. 149).	Pág. 44
TABELA 02	Distribuição das variantes dativas no contínuo de oralidade-letramento, cf. Freire (2005, p. 150).	Pág. 46
TABELA 03	Distribuição da preposição <i>a</i> em função dos grupos de fatores selecionados, cf. Gomes (2007, p.15).	Pág. 48
GRÁFICO 02	O OI no PB adap. de Berlinck (2005, p. 127).	Pág. 50
GRÁFICO 03	O OI seg. a pessoa adap. de Berlinck (2005, p. 128).	Pág. 50
IMAGEM 01	Fac-símile da carta de OAP. Lagoa Santa, 06.06.1917.	Pág. 74
IMAGEM 02	Fac-símile da carta de M. Lagoa Santa, 25.07.1925.	Pág. 74
IMAGEM 03	Fac-símile da carta de MRVL a 08 de fevereiro de 1951.	Pág. 76
QUADRO 09	Síntese das principais informações sobre as amostras de cartas em análise (séculos XIX e XX).	Pág. 76
ESQUEMA 2.1	Hierarquia de animacidade (adaptado de GIVÓN 1995 <i>apud</i> COMPANY, 2006, cf. OLIVEIRA 2014, p. 37).	Pág. 84
ESQUEMA 2.2	Localização do dativo na hierarquia de agentividade-topicalidade (COMPANY 2006, p. 508).	Pág. 85
ESQUEMA 2.3	O <i>continuum</i> de papéis temáticos do OI, cf. Oliveira (2014, p. 41).	Pág. 86
QUADRO 10	As principais características dos cinco papéis semânticos do OI, cf. Company (2006, p. 520-521).	Pág. 86
QUADRO 11	Sistema pronominal geral para o acusativo e dativo, cf. Berlinck (1996, p. 120).	Pág. 88
ESQUEMA 2.4	Organização sintática geral das estruturas transitivas, cf. Berlinck (1996, p. 128).	Pág. 90
ESQUEMA 2.5	Organização sintática geral das estruturas intransitivas, cf. Berlinck (1996, p. 136)	Pág. 93
QUADRO 12	Categorias distintivas, cf. Berlinck (2005, p. 131).	Pág. 98

GRÁFICO 04	Estratégias dativas de 2SG nas cartas mineiras (1890-1980).	Pág. 107
TABELA 04	Correlação entre o tratamento ao interlocutor (sujeito) e as estratégias dativas de 2SG nas missivas mineiras.	Pág. 108
TABELA 05	Distribuição das estratégias dativas de 2SG pelos padrões de organização sintática dos predicadores verbais.	Pág. 116
TABELA 06	Distribuição das estratégias dativas de 2SG pelas possibilidades de expressão do objeto direto nas estruturas ditransitivas das cartas mineiras analisadas.	Pág. 121
QUADRO 13	Categoria semântica dos verbos que selecionam complemento dativo, cf. Berlinck (1996, 2005).	Pág. 128
TABELA 07	Distribuição das estratégias dativas de 2SG em relação ao valor semântico do predicador verbal.	Pág. 128
TABELA 08	Distribuição das estratégias dativas de 2SG em relação ao seu papel semântico.	Pág. 133
TABELA 09	Distribuição das estratégias dativas de 2SG em relação aos subgêneros de cartas mineiras.	Pág. 137
TABELA 10	Distribuição das formas pronominais dativas de 2SG no decorrer do tempo nas missivas: 1860-1989.	Pág. 144
GRÁFICO 05	As estratégias de complementação verbal dativa nas missivas entre 1860 e 1989.	Pág. 144

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
CAPÍTULO 1. REVISÃO HISTÓRICO-DESCRITIVA	16
1.1 O caso dativo na língua latina	16
1.2 Os pronomes pessoais de 2SG à luz de gramáticas tradicionais do português..	20
1.3 Os pronomes pessoais de 2SG à luz de gramáticas descritivas do português. 28	
1.4 A complementação verbal dativa de 2SG à luz dos estudos linguísticos	39
1.4.1 A complementação verbal dativa de 2SG à luz dos estudos linguísticos: resultados de pesquisas sincrônicas	40
1.4.2. A complementação verbal dativa de 2SG à luz dos estudos linguísticos: resultados de pesquisas diacrônicas	50
Síntese do capítulo	59
CAPÍTULO 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	62
2.1 A composição de amostras históricas do português brasileiro	70
2.2 Apresentação das amostras de missivas mineiras oitocentistas e novecentistas	72
2.3 A noção de òpredicadorö na complementação verbal: critérios sintáticos e semânticos	77
2.3.1 A configuração semântica do dativo: animacidade e multiplicidade semântica	80
2.3.2. O dativo em língua portuguesa: critérios e tipologia	87
2.4 As estratégias de 2ª pessoa do singular em contextos de complementação verbal dativa: os grupos de fatores	98
2.4.1 Os grupos de fatores linguísticos	99
2.4.2 Os grupos de fatores extralinguísticos	104
Síntese do capítulo	106

CAPÍTULO 3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	107
3.1 A correlação entre as formas pronominais nas funções dativa e nominativa de 2SG	108
3.2 Os padrões de organização sintática das estruturas dativas de 2SG	116
3.3 O objeto direto e a sua forma em estruturas ditransitivas de complementação verbal (SU V OD OI)	121
3.4 A categoria semântica do verbo	127
3.5 O papel semântico do complemento dativo	133
3.6 Distribuição das estratégias dativas de 2SG pelos subgêneros das missivas pessoais mineiras (séculos XIX e XX)	136
3.7 O dativo de 2SG no eixo do tempo	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Vários estudos a respeito da variação entre as formas pronominais *tu* e *você* evidenciaram a posição de *sujeito* como a propulsora da inserção do *você* no quadro pronominal do Português Brasileiro (doravante PB), cf. Machado (2011); Lopes e Cavalcante (2011), Silva (2012); Souza (2012); Pereira (2012); Rumeu (2013) dentre vários outros. Cabe, por outro lado, o exame minucioso acerca da produtividade das estratégias de representação da 2ª pessoa do singular (doravante 2SG) na função de dativo (objeto indireto, doravante OI) em amostras escritas do PB. À luz dos princípios norteadores da Sociolinguística Histórica, cf. Romaine ([1982] 2009), Conde Silvestre (2007), Hernández-Campoy & Conde Silvestre (2012), Lobo (2001) conjugados aos princípios da sociolinguística Laboviana (1994, 2001) volta-se o foco, neste estudo, para a descrição panorâmica das *estratégias de complementação verbal dativa* de 2SG (*te, lhe, a você, para você, a ti, para ti, zero*) em missivas mineiras (séculos XIX-XX).

Assume-se o dativo como o argumento interno de uma relação gramatical central projetado por um predicador verbal de dois lugares (SU V OI) ou três lugares (SU V OD OI). Trata-se de um complemento cliticizável no pronome *lhe* marcado pelo papel semântico de *alvo, fonte* ou *beneficiário* da ação com o traço semântico [+animado], cf. Duarte (2006, p. 289-290 *apud* Mateus *et alii* 2006). Em (a) e (b), exemplificam-se possíveis contextos de uso das estratégias dativas de complementação verbal projetadas pelas formas verbais *agradou* (verbo transitivo de dois lugares com argumento interno objeto indireto) e *deu* (verbo ditransitivo), respectivamente.

¹(a) O médico agradou (*te, lhe, a ti, a você*) O médico *te/lhe* agradou; O médico agradou *a você/a ti*.

²(b) Júlia deu um livro (*a ti, para ti, a você, para você*) Júlia *te/lhe* deu um livro; Júlia deu um livro *a você/a ti/para ti*.

Propõe-se, tendo em vista a diversidade de estratégias dativas de complementação verbal, a descrição da produtividade de tais formas (*te ~ lhe ~ zero ~ a/para você ~ a*

¹ Convencionou-se, nesta dissertação, expor os predicadores verbais sublinhados e os complementos verbais dativos em itálico.

² Os exemplos (a) e (b) foram formulados pela autora deste trabalho.

ti/para ti) na escrita mineira entre fins do século XIX e fins do século XX. De (c) a (p), ilustram-se as ocorrências do dativo de 2SG levantadas nas cartas mineiras em análise.

(c) ð[...] Venho com saudades fazer-te uma carinhosa visita com votos a Deus para que continues com saude assim, como todos os nossos que ahi estão. Recebi hontem o registrado com o corte de vestido que enviaste do Rio; achei muito lindo venho agradecer-te muito a optima lembrança [...]ö (Sinhá, s.l, 18.07.1937.)

(d) ð[...] Muito agradeço a você, Mamãe e St. Antônio as orações e votos pelo dia 18 [...]ö (MLB. Lambari, 03.10.1948.)

(e) ðHenriqueta, não quero deixar passar uma brechazinha dêste sábado, sem uma palavra, para agradecer-lhe o poema do Mário, que Você me mandou e de que falei em carta a Papai. [...]ö (HL. RJ, 07.04.1945)

(f) ð[...] Agradeço a ti muito o gentil offerecimento, prova segura da amizade que me dedicas. [...]ö (FAP. Caeté, 19.08.1917)

(g) ð[...] Tenho recebido tuas cartas com muito prazer e contentamento; e, si não te escrevo sempre, peço-te dar me desconto [...]ö (RAAP. Lagoa Santa, 30.10.1912)

(h) ð[...] Escreví a você, ante-ontem, para lhe dar a boa nova do nascimento de meu filho. Hoje, não vai aqui nenhuma notícia dêsse teor. Vão, antes, duas chateações. [...]ö (OLR. RJ, 27.04.1951)

(i) ðMurilo: Recebí ontem, via Fernando, a sua carta. Já lhe iria enviar uma carta, resposta um tanto ao bilhete que você aquí deixou. [...]ö (OLR. RJ, 04.04.1950)

(j) ð[...] Todos enviam-te mil saudosos abraços, a ti e Maria Antonia. [...]ö (HL. RJ, 06.07.1933)

(k) ð[...] Veio junto com minha roupa uma combinação cor de roza de seda sua que enviarei ø logo que tenha um portador: estou avizando porque voce ficará, procurando ahi. [...]ö (MRVL. sl, 23.12.1944)

(l) ð[...] Você me fala que Edgar está muito doente, eu soube há poucos dias que êle ia casar. Queria mandar-lhe hoje um retratinho do Ivan Sérgio, mas não ficou revelado a tempo. Logo que estiver pronto, eu o enviarei ø. [...]ö (MAVP. Campanha, 16.10.1957)

(m) ð[...] Com esta envio ø tambem o meu grande abraço e o de todos de casa.ö (CLB. MG, Lambari, 15.07.1947);

(n) ð[...] O Guilhermino vai fazer a secção de crítica na Folha, a partir de amanhã, domingo. Foi anunciado. Tenho um palpite de que possa começar a série com a nota sobre o seu livro. Se assim for,

mandarei ø amanhã o recorte. [...] Logo que Você possa ir ao Vargas, avise.ø (JCL. MG, Lambari, 21.06.1941).

(o) ø[...] Antes que me esqueça: lê a notícia que *te mando* inclusa. Lê e pasma. Não rias muito, porque eu me zangaria...ø (AR. BH, 02.05.1927)

(p) ø[...] Peco a benção a vovó e vovô e *a você* com carinho e meus agradecimentos. [...]ø (CLB. Lambari, 09.09.1946)

A diversidade de formas alternantes para a representação do dativo de 2SG não licenciadas pela tradição gramatical (*te ~ lhe ~ zero ~ a/para você, PREP+você ~ a ti/para ti ~ PREP+ti*) que, por sua vez, legitima tão somente as formas do paradigma de *tu* (*te, a ti, para ti, PREP+ti*) é um fato. Quantas e quais seriam, então, as formas dativas de 2SG na escrita mineira íntima de sincronias passadas (séculos XIX e XX)? Haveria, na produção escrita culta dos mineiros, um panorama de *uniformidade* (nos termos da gramática tradicional) na correlação entre as formas de representação do sujeito e as estratégias de dativo de 2SG? Nesta dissertação, essas duas questões encaminham a proposta de descrição das estratégias dativas de 2SG em sincronias pretéritas (séculos XIX e XX).

Considerando que a reorganização do sistema pronominal do PB acionada pela inserção da forma *você* também conduziu à ampliação das possibilidades de representação do complemento dativo, justifica-se o objetivo principal desta dissertação de mestrado: descrever panoramicamente os níveis de produtividade das estratégias dativas de 2SG (*te, lhe, a você, para você, a ti, para ti, zero*). Nesse sentido, assumem-se os seguintes objetivos específicos:

(I) Descrever analiticamente as distribuições das estratégias de dativo de 2SG (*te, lhe, a você, para você, a ti, para ti, zero*) produtivas na escrita mineira entre fins do século XIX e fins do século XX, observando não só a retenção do clítico *te* correlacionado ao *você*, cf. Lopes e Cavalcante (2011), Oliveira (2014), mas também a alternância entre as preposições *a* e *para* em sintagmas preposicionados (SPREPs doravante) nucleados pelo *você* (*a você ~ para você*), cf. discutido por Gomes (2007);

(II) Analisar a questão da uniformidade tratamental com base na análise de dados da produção escrita mineira de sincronias passadas (séculos XIX e XX);

(III) Discutir as possíveis interferências dos subgêneros de missivas pessoais (*amor, amizade, familiar*) na representação do dativo de 2SG.

Tendo em vista os objetivos geral e específicos expostos, apresentam-se, na sequência, as hipóteses norteadoras desta dissertação. São elas:

(I) Prevê-se a produtividade do *te dativo* de 2SG em convivência com o *você-sujeito* como evidência de um contexto morfossintático de retenção do pronome *tu* no espaço mineiro já em sincronias passadas, cf. Lopes e Cavalcante (2011), Oliveira (2014), Rumeu (2015);

(II) Acredita-se que as formas preposicionadas *a você* e *para você*, como estão ilustradas em (q) e (r), tendem a substituir, também nas cartas mineiras oitocentistas e novecentistas, os SPREPs *a ti* e *para ti*, cf. Oliveira (2014).

(q) ã(...) mas eu peço licença *a você* para preferir ou pôr em primeiro lugar o poema (...).ö (AR. MG, BH, 08.09.1993);

(r) õ(...) Mario foi muito amavel em tres corações, passou o telegrama *para você* e comprou jornaes, para seu Pae.ö (MVL. MG, Lambari, 23.12.1944).

Estruturalmente, esta dissertação está organizada em três capítulos. Inicialmente, apresentam-se as *considerações iniciais*. No primeiro capítulo, faz-se uma revisão do tema *dativo* desde a perspectiva gramatical, passando pelas gramáticas descritivas da língua portuguesa até alcançar os estudos linguísticos contemporâneos. O segundo capítulo trata não só das questões relacionadas à constituição das amostras no âmbito da sociolinguística histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY & CONDE SILVESTRE, 2012), mas também dos aspectos sintáticos e semânticos que envolvem a representação do *dativo* à luz de Duarte e Brito (2006 *apud* Mateus *et alii* 2006), Berlinck (1996, 2005), Company (2006). Além disso, descrevem-se a metodologia para o levantamento dos dados, os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos. No terceiro capítulo, expõem-se, inicialmente, os resultados gerais, pormenorizando os contextos sintáticos e semânticos que subsidiaram as estruturas dativas de 2SG. Por fim, sistematizam-se os principais resultados, relacionando-os às questões e hipóteses que conduzem este trabalho.

CAPÍTULO 1. REVISÃO HISTÓRICO-DESCRIPTIVA

Este capítulo apresenta uma revisão histórica-descritiva sobre o objeto de estudo deste trabalho: o complemento verbal dativo de 2SG. Na subseção 1.1, expõe-se o caso dativo em gramáticas latinas. Na subseção 1.2, descreve-se o quadro pronominal sob a perspectiva prescritivista do português. Na subseção 1.3, por sua vez, apresentam-se os pronomes pessoais retos e oblíquos de 2SG à luz da descrição gramatical. Em seguida, na seção 1.4, estão sintetizados alguns dos principais resultados de pesquisas científicas sincrônicas e diacrônicas que investigam o complemento verbal dativo principalmente no PB. Por fim, faz-se uma breve síntese deste primeiro capítulo.

1.1 O caso dativo na língua latina

Na língua latina, os itens lexicais (substantivos, adjetivos, pronomes) se desdobravam não só em relação ao gênero e número, mas também no que se refere ao caso, que, por sua vez, também se evidenciava como uma categoria de flexão verbal. Em consonância com Ivo (1978, p. 75), assume-se cf. Ivo (1978, p. 75) que o caso morfológico é a expressão da função sintática da palavra. Ele indica o papel que a palavra exerce dentro da oração. Como são várias as funções, o caso exibe, forçosamente, desinências diferentes. Dentre os seis casos latinos (nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo e ablativo), observa-se a expressão semântica do dativo para a atribuição, referindo a quem ou a que se destina uma coisa, ou ainda no interesse de quem ou para quem ela se faz, cf. Faria (1995, p. 305). Funcionalmente, o caso dativo se deixava evidenciar tanto como complemento verbal (no exercício da função sintática de objeto indireto), quanto como complemento nominal (substantivos e adjetivos), cf. Faria (1995, p. 305) e Ivo (1974, p. 76). Semanticamente, a interpretação do caso dativo latino, ainda que mantivesse como caráter unitário o fato de que evidencia a pessoa interessada (como favorecida ou prejudicada)³, cf. Rubio (1984, p. 148), apresenta nove especificidades semânticas (*dativo de objeto indireto, dativo de contato ou de aproximação, dativo de interesse, dativo de posse, dativo de referência,*

³ ã2. - CARÁCTER UNITARIO DE TODOS LOS DATIVOS El dativo es siempre el caso que expresa ãa persona interesada (como favorecida o perjudicada). Nos parece ocioso acudir a nuevas nociones para explicar los usos del dativo, ya que todos los usos tienen por base la única noción del ãinterés, cf. Rubio (1984, p. 148).

dativo ético, dativo de agente, dativo de distinção e dativo de direção), respectivamente ilustradas, de (01) a (09)⁴, com a exemplificação proposta por Faria (1995, p. 305-310).

(01) *ōnem est qui tibi sapientius suad re possit te ipso* (Cíc., Fam., 2, 7, 1) *ō*não há ninguém que *te* possa aconselhar mais sabiamente do que tu mesmo. *ō* (*dativo de objeto indireto*)

(02) *ōdextrae iung re dextram* (Verg., En., 1,408) *ō*unir a minha destra à *tua* destra. *ō* (*dativo de contato ou de aproximação*)

(03) *ōnon tibi sed patr ae natus* (Cíc., Mur., 83) *ō*nascido não para *ti*, mas para pátria. *ō* (*dativo de interesse*)

(04) *ōnihil est mihi*⁵ cum eo (Cíc., Phil., 2, 77) *ō*nada tenho com ele. *ō* (*dativo de posse*)

(05) *ōnon tibi ego ex mpli satis sum*? (Ter., Heaut., 920) *ō*não sou eu *para ti* um exemplo bastante? *ō* (*dativo de referência*)

(06) *ōcaue mihi mend ci quicquam* (Plaut., As., 30) *ō*não me venhas com qualquer mentira! *ō* (*dativo ético*)

(07) *ōtibi cauendum censeo* (Plaut., Cas., 411) *ō*penso que te debes acautelar. *ō* (*dativo de agente*)

(08) *ōit rum conloquio diem constitu ret* (Cés., B. Gal., 1, 47, 1) *ō*que novamente marcasse um dia para a entrevista. *ō* (*dativo de destinação*)

(09) *ōlat ri cap lo tenus abd dit ensem* (Verg., En., 2,553) *ō*cravou-lhe no flanco a espada até os copos. *ō* (*dativo de direção*)

A flexão pronominal para a 2SG nos casos nominativo, acusativo e dativo correspondem, respectivamente, às formas *t*, *t* e *tib*, cf. Faria (1995, p. 130), evidenciando que *ō*vestígios de marcas casuais foram preservados nos pronomes pessoais, ainda que de maneira débil (...) entre as formas de sujeito (*tu*), de complemento acusativo de 2ª pessoa (*te*) e de complemento dativo e/ou ablativo (*ti*), cf. Oliveira (2014, p. 27), caracterizando a expressão de uma espécie de conservadorismo linguístico no PB. Por outro lado, é interpretado como uma inovação linguística o fato de ser produtivo no PB o ajuste entre uma preposição e as formas pronominais do paradigma de *tu* consubstanciados nos sintagmas preposicionados (*ō* *ti* *ō*, *ō* *para ti* *ō*) no exercício de complementação verbal dativa (*ō* *Pedro* *enviou uma carta a ti* *ō*), cf. discutido por Oliveira (2014, p. 27).

⁴ A exemplificação exposta foi retirada de Faria (1995, p. 305-310). Optou-se por expor em itálico os dados de dativo, preferindo-se selecionar, dentre os dados expostos pelo gramático, exemplos que ilustrassem a 2SG.

⁵ Dativo de 1ª pessoa do singular, cf. Faria (1995, p. 130).

CASOS	PRONOMES PESSOAIS EM LATIM ⁶				
	1PSG	1PPL	2SGG	2PPL	3P ⁷
NOMINATIVO	ego	n s	t	u s	-
VOCATIVO	-	-	t	u s	-
ACUSATIVO	m	n s	t	u s	s
GENITIVO	me	nostr , nostrum	tu	uestr , uestrum	su
DATIVO	mih	n b s	tib	u b s	sib
ABLATIVO	m	n b s	t	u b s	s

Quadro 01: Os pronomes pessoais em latim, cf. Faria (1995, p. 130)

Aos verbos do tipo *ōto giveō* (*ōdarō*), responsáveis por evidenciar a função de objeto indireto, foi atribuído, no grego antigo, o rótulo *pt sis dotik* (*ōgiving caseō*)⁸, cf. Blake (2004, p. 142-143): *ōBr tu_{NOM} rem_{ACC} mihi_{DAT} mand vit_{PRET.PERF(3SG)}ō*. Nesse sentido, o autor interpreta o dativo, dentre as suas variadas classificações, como um caso sintático responsável por codificar o destino sensível, caracterizando o único para o qual a transferência é dirigida, cf. Blake (2004, p. 144), aproximando-se, pois, da noção de *polo de orientação* discutida por Oliveira (2014, p. 25-26) à luz de Van Hoescke (1996, p. 31)⁹ como traço sintático que tende a caracterizar sintaticamente as expressões do caso dativo.

A morfossintaxe verbo-nominal do latim clássico é determinada pela expressão formal do caso morfológico nos itens lexicais. Isso significa que, no latim clássico, *ōa* palavra muda de forma para indicar mudança de valor no seu relacionamento com as

⁶ Segundo Faria (1995, p. 130), *ō*Os nossos pronomes retos *ōeuō, ōtuō, ōnōsō, ōvōsō* vieram diretamente das formas nominativas *ego, tu, nos, uos*. Do acusativo *me, te, nos, uos* como também do acusativo do reflexivo *se*, provieram os nossos pronomes oblíquos átonos *ōmeō, ōteō, ōnosō, ōvosō* e *ōseō*. Aos dativos *mihi, tibi, sibi* ligam-se os nossos pronomes oblíquos tônicos *ōmimō, ōtiō, ōsiō*.

⁷ A referência à 3ª pessoa se dá para os pronomes reflexivos *s, su, sib, s* do singular e do plural, cf. Faria (1995, p. 130).

⁸ *ō*(...) The dative is likewise a syntactic case that can encode a variety of roles, but I would suggest that its central function is to encode entities that are the target of an activity or emotion. Traditional definitions refer to the entity indirectly affected as opposed to the entity directly affected, which is encoded by the direct object (at least in the active) [...] the dative encoding the sentient destination, the one to whom the transfer is directed. *ō* cf. (2004, 144).

⁹ *ō*(...) Analysis of the uses of the dative (2.) suggests that in Latin the dative forms a rather homogeneous case: it indicates the pole towards which the action or the process referred to by the predicate is oriented. Adopting another perspective, we could also say that the dative serves as the limit of the predicate in the sense that it indicates the ultimate term towards which the action or process referred to tends. This basic value can, however, take on specific nuances according to the actual contexts in which the dative appears. *ō* cf. Van Hoescke (1996, p. 31).

demais palavras da frase, em consonância com Rezende (2009, p. 19). Por outro lado, no latim vulgar, o rompimento com o sistema de casos latinos repercutiu na sintaxe portuguesa que passou a assumir uma organização gramatical cuja relação de dependência entre os constituintes da sentença é estabelecida por preposições, cf. Tarallo (1994, p. 133). Ainda em conformidade com Ivo (1978, p. 89) acerca da morfossintaxe do latim vulgar, observa-se.

(...) o uso da preposição, que no latim clássico se restringia ao acusativo e ao ablativo apenas para indicar o tipo de circunstância que acompanhava a função sintática, amplia-se no sentido de tornar-se, ela mesma, o elemento determinante da função sintática como substitutivo do caso. E assim é que no Português a preposição é elemento indispensável na estrutura da frase. (IVO 1978, p. 89)

Nesse sentido, apoiado na análise de Coutinho (1969) acerca da ampliação do acervo de preposições do português, Tarallo (1994, p. 134) interpreta a produtividade das preposições portuguesas como um *ganho morfológico encaixado* como reflexo da perda da sintaxe dos casos no latim vulgar.

(...) o aumento do número de preposições em português se deveu provavelmente ao fato de essas partículas terem começado a desempenhar uma função na organização gramatical portuguesa que existia somente como um esboço no sistema do latim clássico. (TARALLO 1994, p. 134)

Dentre as preposições, a preposição *ã* teve o seu domínio funcional ampliado no português, visto que, no latim clássico, *õ* indicava direção no sentido de adjunção, cf. Tarallo (1994, p. 136). Espreado-se o uso de *a* na indicação de interioridade que, por sua vez, estava reservada à preposição *in* na indicação do caso acusativo no latim clássico, passou a assumir a interpretação de movimento *até* e entrada em algum espaço (*õir à florestaõ* no lugar de *õire in silvamõ*), cf. Câmara Jr. (1976, p. 179 *apud* Tarallo, 1994, p. 136), evidenciando o PB atual muito mais próximo da realidade pretérita do latim clássico com a atual preferência pelas construções *ir na floresta*. Considerando, cf. Ivo (1978, p. 91), o dativo como o caso que *õ* parece ser o mais resistente dentre os demais já destinados à extinção, entende-se que aliado a tal fato parece estar a alta produtividade do *a* como uma evidência de que *õ* a marca desinencial dativa foi substituída pela preposição *aõ*, cf. Oliveira (2014, p. 27). Nesse sentido, a sentença em (10) com a expressão do dativo morfológicamente marcado em latim

clássico, cf. Blake (2004, p. 142), assume, no PB atual, efeito de sentido de dativo com a introdução da preposição *a*, como se observa em (11) que, por sua vez, no PB atual tem evidenciado a concorrência entre as preposições *a* e *para* nos contextos de complementação dativa, cf. Gomes (2003).

(10) ðCassius_{NOM} Br t_{DAT} librum_{ACUS} dat_{3SG}õ

(11) ðCassius deu um livro [a Brutus]_{DAT}õ

Considerando a produtividade variável das preposições *a/para* em construções dativas do PB atual, a atenção também será voltada para tal questão nas estruturas dativas de 2SG das cartas mineiras oitocentistas e novecentistas.

1.2 Os pronomes pessoais de 2SG à luz de gramáticas tradicionais do português

Tendo em vista que a variação dos complementos verbais dativos de 2SG está relacionada à inserção do *você* no quadro pronominal do PB, é importante analisar o que dizem os gramáticos a respeito dos pronomes e mais especificamente das formas oblíquas relacionadas à 2SG (*você* e *tu*).

Segundo Bechara ([1961] 2015), Cunha & Cintra ([1985] 2013) e Rocha Lima ([1972] 2011), os pronomes pessoais indicam as três pessoas do discurso: *quem fala* (eu, nós), *com quem se fala* (tu, vós) e *de quem se fala* (ele, ela, eles, elas). Além de concordar que apenas o *tu* é um legítimo pronome pessoal de 2SG, a maioria dos gramáticos expõe um sistema pronominal avesso às mudanças, como se observa no quadro 02 a seguir exposto.

NÚMERO	PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		ÁTONOS (SEM PREP.)	TÔNICOS (C/ PREP.)
SINGULAR	1ª pessoa: <i>eu</i>	<i>me</i>	<i>mim</i>
	2ª pessoa: <i>tu</i>	<i>te</i>	<i>ti</i>
	3ª pessoa: <i>ele, ela</i>	<i>lhe, o, a, se</i>	<i>ele, ela, si</i>
PLURAL	1ª pessoa: <i>nós</i>	<i>nos</i>	<i>nós</i>
	2ª pessoa: <i>vós</i>	<i>vos</i>	<i>vós</i>
	3ª pessoa: <i>eles, elas</i>	<i>lhes, os, as, se</i>	<i>eles, elas, si</i>

Quadro 02: Pronomes pessoais do português na perspectiva tradicional (Bechara [1961] 2015, p. 172).

De acordo com os parâmetros prescritivos da norma-padrão, expressos através da GT, o *tu* figura como o pronome pessoal para a referência à 2SG, sendo o *você*

caracterizado como *pronome de tratamento* que se refere semanticamente à 2SG, mas que formalmente se harmoniza com formas verbais de 3SG. Segundo Cunha & Cintra ([1985] 2013, p. 303), denominam-se *pronomes de tratamento* certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você, o senhor, Vossa Excelência*. No entanto, essa não é a única definição atribuída ao *você* nos compêndios normativos, uma vez que, diferentemente de Cunha & Cintra (2013 [1985]), Bechara (2015 [1961]) classifica o *você* como uma *forma substantiva de tratamento indireto de 2SG*. De acordo com o gramático, *õvocê*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caíndo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu* (BECHARA [1961] 2015, p. 173).

Apesar de não listarem o *você* na relação de pronomes pessoais de 2SG, Cunha e Cintra ([1985] 2013) afirmam que

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

(CUNHA & CINTRA [1985] 2013, p. 306).

Conforme evidenciado no excerto anterior, o uso de *você* é predominante em várias regiões e em diferentes tipos de relações sociais entre os interlocutores brasileiros (cf. CUNHA e CINTRA [1985] 2013). Já o emprego de *tu*, está associado a variedades regionais específicas, uma vez que esse pronome foi substituído pelo *você* em quase toda a extensão territorial brasileira (cf. CUNHA & CINTRA [1985] 2013).

Dentre os compêndios analisados, a *Gramática Normativa do Português Brasileiro*, de Rocha Lima ([1972] 2011), é a única que introduz o *você* no quadro pronominal do PB. Apesar de inicialmente desconsiderar sua legitimidade, o gramático inclui o *você* na lista de formas retas em um capítulo posterior sobre o ãemprego dos pronomes. De acordo com Rocha Lima ([1972] 2011),

O pronome *você* pertence realmente à 2ª pessoa, isto é, àquela *com quem se fala*, posto que o verbo com ele concorde na forma da 3ª pessoa. Tal ocorre em virtude da origem remota do pronome (*vossa mercê*). A concordância faz-se com o substantivo *mercê*, como nos

tratamentos de reverência (*Vossa Majestade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria, etc.*); é com os substantivos e não com o possessivo (*vossa*) que se estabelece a concordância

(ROCHA LIMA [1972] 2011, p. 386).

Redirecionando o foco especificamente para a expressão formal do dativo, observa-se, no quadro 02, que as formas pronominais *oblíquas* (*tônicas* e *átonas*) estão correlacionadas aos respectivos pronomes pessoais *retos*. Ao utilizar o pronome *tu*, por exemplo, espera-se que as formas correlatas desse paradigma também sejam estendidas para outras posições sintáticas. Nesse caso, recomenda-se que o clítico *te* seja o privilegiado nas posições sintáticas de objeto direto e indireto e o pronome *ti*, encetado em um sintagma preposicionado, no exercício da função sintática de objeto indireto, caracterizando assim o paradigma *õtu-te-tiö* conforme discutido por Oliveira (2014). Tendo em vista essas considerações, constata-se que o quadro pronominal do PB, no âmbito da tradição gramatical, sugere uma *õpadronizaçãoo* em busca da *uniformidade tratamental*:

É de regra, num discurso, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, a uniformidade de tratamento, isto é, do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se tratamos o interlocutor por *vós*, os pronomes oblíquos devem ser os que correspondem a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos pronomes possessivos. Se o tratarmos por *tu*, usaremos os oblíquos *te, ti, contigo* e os possessivos *teu, tua, teus, tuas* (jamais *seu, sua*). Se o tratarmos por *vossa senhoria, senhor, você*, diremos *o, lhe, seu, sua* etc.

(ALMEIDA, 1980 *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 53).

De acordo com essa perspectiva conservadora, independentemente do gênero textual, é preciso manter a *uniformidade de tratamento* na referência ao sujeito de 2SG seja com o pronome sujeito, seja com os pronomes correlatos.

Quando escrevemos, principalmente, devemos observar a chamada uniformidade de tratamento. Significa que, escolhida uma das pessoas, não podemos mudar para outra. Se, por exemplo, começamos a tratar o nosso correspondente de você (3ª pessoa), devemos tratá-lo nessa pessoa em todo o escrito, e não passarmos para a 2ª, depois voltarmos para a 3ª, etc.

(SACCONI, 1989 *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 54).

Rocha Lima (2011 [1972]), ao listar as formas pronominais *oblíquas* (*objetivas diretas e indiretas*), associa o *lhe* ao pronome *você*. Considerando especificamente os complementos *indiretos*, que constituem o foco deste trabalho, observa-se a

configuração proposta por esse gramático para as formas oblíquas átonas e tônicas, cf. os quadros 03 e 04 a seguir expostos.

FORMAS OBLÍQUAS ÁTONAS (OBJETIVAS INDIRETAS)		
1ª PESSOA	2ª PESSOA	3ª PESSOA
<i>me</i>	<i>te</i>	<i>lhe (a ele, a ela)</i>
<i>nos</i>	<i>lhe (a você)</i>	<i>lhes (a eles, a elas)</i>
	<i>vos</i>	<i>se (reflexivo)</i>
	<i>lhes (a vocês)</i>	
	<i>se (reflexivo)</i>	

Quadro 03: Pronomes oblíquos átonos, cf. Rocha Lima ([1972] 2011, p. 387).

FORMAS OBLÍQUAS TÔNICAS (SEMPRE REGIDAS DE PREPOSIÇÃO)	
1ª PESSOA	2ª PESSOA
<i>mim</i>	<i>ti, você</i>
<i>nós</i>	<i>vós, vocês</i>

Quadro 04: Pronomes oblíquos tônicos, cf. Rocha Lima ([1972] 2011, p. 388).

Em relação ao pronome *você*, nota-se que para a função sintática de OI, Rocha Lima (2011 [1972]) recomenda a utilização do clítico *lhe* e do sintagma preposicionado *a você*. A este respeito, Cunha & Cintra ([1985] 2013) apenas tecem a seguinte observação:

As formas *você* (no Brasil) e *o senhor, a senhora* (tanto em Portugal como no Brasil) estendem-se também às funções de objeto (direto ou indireto), substituindo com frequência as correspondentes átonas, *o, a* e *lhe*:

- Há uma hora estou esperando *você* sozinha, neste escritório. (C. dos Anjos, *DR*, 32.)

- Devo *a você* e ao doutor Rodrigo. (J. Amado, *MM*, 229.)

- Eu aprecio muito *o senhor* e era incapaz de ofendê-lo voluntariamente. (R. M. F. de Andrade, *V*, 124.)

(CUNHA & CINTRA [1985] 2013, p. 308)

Apesar de não inserirem o *você* (*sujeito*) e suas formas oblíquas correlatas no quadro pronominal, Cunha & Cintra ([1985] 2013) já observam que o *você* pode ser

utilizado como OD (õHá uma hora estou esperando *você* sozinha, neste escritórioö) e o sintagma preposicionado *a você* na função de OI (õDevo *a você* e ao Doutor Rodrigoö). Observa-se, nesta última frase, que o sintagma preposicionado *a você* exerce a função sintática de complemento verbal dativo de 2SG, cliticizável em *lhe*: õDevo-*lhe*ö.

Em síntese, constata-se que há uma hesitação por parte dos gramáticos em considerar o *você* como um legítimo pronome pessoal de 2SG, uma vez que a maioria dos autores privilegia apenas o *tu* e suas formas oblíquas correlatas (*tu-te-ti*). Verifica-se ainda que os compêndios normativos são bastante conservadores e prezam pela *uniformidade de tratamento*, de modo que, ao escolher o pronome-sujeito, é preciso utilizar as formas associadas à esse pronome em outras posições sintáticas (*objeto direto, objeto indireto e possessivos*). Contudo, observa-se que Rocha Lima ([1972] 2011) e Cunha & Cintra ([1985] 2013) já admitem que o pronome *você* pode ser usado na posição sintática de OD e o sintagma *a você* na função de OI, mesmo que Cunha e Cintra ainda exponham o *você* no grupo das formas de tratamento (CUNHA E CINTRA 1985, p. 284).

Tendo em vista a exposição dos pronomes pessoais retos e oblíquos de 2SG, no âmbito da tradição gramatical, passa-se à caracterização do dativo levando em conta as características sintáticas, semânticas e morfológicas que o difere de outros complementos verbais preposicionados do PB.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), publicada em 1959, pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), propõe que as gramáticas brasileiras apresentem õuma terminologia simples, adequada e uniformeö. No que diz respeito aos complementos verbais, o documento recomenda a separação entre os objetos *diretos* e *indiretos*¹⁰, porém, não é feita uma distinção entre os complementos preposicionados. Seguindo a proposição da NGB, Cunha & Cintra ([1985] 2013), assim como outros gramáticos tradicionais, também classificam os complementos verbais em dois tipos. O OD é definido como um complemento que, normalmente, não é preposicionado, e o OI

¹⁰ Assume-se que õos termos tradicionais *nominativo, acusativo, dativo* etc., referentes aos casos formais ainda presentes no sistema pronominal, passam a ser entendidos como variantes denominativas das relações ou funções gramaticais correspondentes, *sujeito, objeto direto, objeto indireto*ö (cf. TORRES MORAIS & BERLINCK, 2006, p. 73). Sendo assim, os termos *dativo* e OI serão utilizados como formas sinônimas.

aquele que, necessariamente, se liga ao verbo através de uma preposição (CUNHA & CINTRA, [1985] 2013). Todavia, Cunha & Cintra ([1985] 2013) ressaltam que ainda hoje não é tranquila a conceituação do OI, ã(...) embora desde o século XVIII gramáticos, filólogos e linguistas tenham procurado precisá-la (cf. CUNHA & CINTRA, [1985] 2013, p. 151).

A distinção entre os complementos verbais preposicionados legítimos dativos das construções preposicionadas oblíquas precisa ser clarificada. Segundo Oliveira (2014), a perda da marcação morfológica de *caso* que existia no latim difundiu o uso das preposições e

Como resultado, passa a haver em português um número bem maior de constituintes nominais encabeçados por preposição do que havia em latim. Isso faz com que, formalmente, o complemento dativo se apresente da mesma maneira que outros elementos constituintes da sentença (OLIVEIRA 2014, p. 27).

O emprego mais amplo das *preposições* nas línguas românicas ocasionou um importante *enriquecimento funcional* e coube à essa classe morfológica ã(...) a tarefa de relacionar os substantivos a outros substantivos e alguns verbos aos seus complementos (OLIVEIRA 2014, p. 26). Como consequência disso, verifica-se, então, a possibilidade de o *dativo* (OI) se manifestar formalmente de maneira semelhante a outros constituintes (cf. OLIVEIRA, 2014). No entanto, levando em consideração apenas a distinção apresentada pela NGB e também pelas gramáticas tradicionais, pode-se dizer que os sintagmas destacados em (12) e (13) seriam classificados como *complementos indiretos*:

¹¹(12) A empresa enviou um ofício *ao funcionário*.

(13) Muitos assistiram *ao filme*.

Por outro lado, Bechara ([1961] 2015) e Rocha Lima ([1972] 2011) afirmam que, além do OI, existe outro tipo de complemento verbal preposicionado: o *complemento relativo* (doravante CR). Tendo em vista as considerações expostas por Rocha Lima ([1972] 2011), é possível agrupar as principais características formais, lexicais e sintáticas que diferem esses dois complementos:

¹¹ Os exemplos (12) e (13) foram criados pela autora deste trabalho.

COMPLEMENTOS VERBAIS PREPOSICIONADOS	
OBJETO INDIRETO (OI)	COMPLEMENTO RELATIVO (CR)
Vem encabeçado pela preposição <i>a</i> (às vezes <i>para</i>).	Vem ligado ao verbo por uma preposição determinada (<i>a, com, de, em, etc.</i>).
Corresponde, na 3ª pessoa, às formas pronominais átonas (<i>lhe, lhes</i>).	Corresponde, na 3ª pessoa, às formas tônicas <i>ele, ela, eles, elas</i> , precedidas de preposição.
Representa o <i>ser animado</i> a que se dirige ou destina a ação ou estado que o processo verbal expressa.	Não representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza.
Não admite, salvo raríssimas exceções, passagem para a função de sujeito na voz passiva.	Denota, como o objeto direto, o ser sobre o qual recai a ação.

Quadro 05: Os complementos verbais preposicionados (OI e CR), cf. Rocha Lima ([1972] 2011).

Considerando essas distinções expostas por Rocha Lima (2011 [1972]), torna-se importante aplicar um teste com o intuito de verificar se os complementos verbais das frases (14) e (15) seriam de fato classificados como *objetos indiretos*:

(14) A empresa enviou um ofício ao funcionário. A empresa enviou-lhe / lhe enviou um ofício. Um ofício foi enviado pela empresa ao funcionário.

(15) Muitos assistiram ao filme. *Muitos assistiram-lhe / *lhe assistiram/assistiram a ele. O filme foi assistido por muitos.

Conforme análise acima, observa-se que no exemplo (14) o complemento verbal representa o *ser animado* a que se destina a ação verbal (ao funcionário), foi cliticizado em *lhe* (enviou-lhe / lhe enviou um ofício), e não exerceu a função sintática de *sujeito* na passagem para a voz passiva (Um ofício foi enviado pela empresa ao funcionário). Já no exemplo (15), o complemento verbal não representa um *ser animado* a que se destina a ação verbal (Muitos assistiram ao filme) e não pode ser cliticizado em *lhe*, uma vez que a frase se torna agramatical (*Muitos assistiram-lhe/*lhe assistiram). Ao invés disso, esse complemento evidencia o ser *inanimado* sobre o qual *recai a ação verbal* (Muitos assistiram ao filme), exerce a função de *sujeito* na passagem para a voz passiva (O filme foi assistido por muitos), e corresponde, na 3SG, à forma tônica *ele* antecedida por preposição (Muitos assistiram = *a ele*). Com base nas características expostas, verifica-se que não é possível caracterizar os complementos verbais preposicionados das sentenças (14) e (15) como pertencentes à mesma categoria, uma vez que há diferenças morfosintáticas e semânticas que os caracterizam como evidências de OI e CR, respectivamente (cf. BECHARA, [1961] 2015; ROCHA LIMA, [1972] 2011).

Ao definir o CR e o OI, Bechara ([1961] 2015) aponta características que estão em conformidade com as considerações feitas por Rocha Lima ([1972] 2011). Em relação ao dativo, o gramático afirma que os estudiosos têm encontrado dificuldade para identificá-lo, o (...) preferindo servir-se concomitantemente de critérios léxicos, formais e sintáticos (BECHARA, [1961] 2015, p. 440). Sendo assim, é preciso atentar-se para o fato de que a integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto (BECHARA, 2015 [1961], p. 440). Como prova disso, verifica-se que normalmente não se pode eliminar o OD (Vi o acidente / *Vi) ou o CR (Preciso do auxílio / *Preciso), mas é possível que o OI não seja expresso formalmente em uma sentença (Escrevi cartas aos pais/Escrevi cartas) (BECHARA, 2015 [1961], p. 440). Tendo em vista essas características, Bechara (2015 [1961]) comenta ainda que

(...) o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complexos verbais e os adjuntos circunstanciais

(BECHARA [1961] 2015, p. 440).

De acordo com Bechara ([1961] 2015), como o OI se distancia da demarcação semântica do predicado, a relação predicativa estabelecida entre ambos não é instantânea, diferentemente do que ocorre com o OD e o CR, cuja relação é imediata.

Nesta subseção da revisão histórico-descritiva do tema em análise (dativo de 2SG), constatou-se que nem todos os gramáticos diferenciam os complementos verbais preposicionados. Cunha & Cintra ([1985] 2013), por exemplo, dividem os complementos em apenas dois tipos: o OD, vinculado a um verbo sem o auxílio de preposição, e o OI, complemento do verbo necessariamente mediado por preposição. Já Rocha Lima ([1972] 2011) e Bechara ([1961] 2015) distinguem os complementos verbais preposicionados em dois tipos: o OI e o CR. Os gramáticos apresentam critérios formais, lexicais e sintáticos que possibilitam perceber as diferentes características dos dois tipos de complementos verbais. Resumidamente, pode-se dizer que o OI representa o ser animado a que destina a ação verbal, é cliticizável em *lhe*. O CR, por sua vez, designa o ser sobre o qual recai a ação verbal e corresponde às formas pronominais tônicas *ele, ela, eles, elas*, regidas por preposição.

Considerando as considerações formuladas no tom da prescrição gramatical (ROCHA LIMA, CUNHA E CINHA, BECHARA), passa-se à descrição dos pronomes pessoais à luz de gramáticas descritivas (BAGNO, CASTILHO, PERINI) do PB, atentando especificamente à expressão do dativo de 2SG.

1.3 Os pronomes pessoais de 2SG à luz de gramáticas descritivas do português

Ao analisar diferentes gramáticas descritivas do PB, verifica-se que, além do *tu*, o *você* também é considerado um legítimo pronome pessoal de 2SG (cf. BAGNO, 2011; CASTILHO, [2010] 2014; PERINI, 2010). Segundo Bagno (2011, p. 747), o fato de as gramáticas normativas e os livros didáticos brasileiros classificarem o *você* como pronome de tratamento demonstra ã(...) um apego irracional ao passado e/ou à norma linguística de Portugal (...). Ao desconsiderar a legitimidade do *você*, desprezam-se não somente aspectos semânticos desse pronome, mas também seus efeitos pragmáticos e discursivos (cf. BAGNO, 2012). Sendo assim, com o intuito de apresentar uma descrição mais õrealistaö do PB contemporâneo, é necessário reconhecer a evidente gramaticalização do pronome *você* bem como a repercussão de sua inserção para a estrutura sintática da língua (cf. BAGNO, 2011).

Castilho ([2010] 2014) comenta que os pronomes pessoais são muito propensos a mudanças, principalmente na modalidade falada. Estudos recentes comprovam que ocorreu uma reestruturação no quadro pronominal do PB que repercutiu nos outros pronomes, na morfologia e concordância verbal, bem como na estrutura funcional da sentença (cf. CASTILHO, 2014 [2010], p. 477). No que se refere especificamente à alteração categorial do pronome *você*, o gramático afirma que

Na segunda pessoa do singular, *tu* tem sido substituído por *você*, forma que surgiu por alterações fonológicas da expressão de tratamento *Vossa Mercê*, um sintagma nominal que deu origem a *você*, seguindo então para *ocê* > *cê*. A gramaticalização desse sintagma se produziu simultaneamente nos seguintes campos: (1) alterações fonológicas bilineares (= fonologização) de *Vossa Mercê*: numa linha, tivemos as derivações *Vossa Mercê* > *vosmecê* > *você* > *ocê* > *cê*; em outra linha, tivemos *Vossa Mercê* > *vosmicê* > *vassuncê*; (2) alterações sintáticas: um sintagma nominal é reanalisado como pronome pessoal; (3) alterações pragmáticas: *Vossa Mercê* era um tratamento dispensado aos reis. Com o desenvolvimento da burguesia os novos-ricos quiseram esse tratamento para eles também. Indignado, o rei passou a reclamar *Vossa Majestade* para ele (...).

(CASTILHO [2010] 2014, p. 479)

Ao analisar o excerto anterior, constata-se que a trajetória de gramaticalização de *Vossa Mercê* ocorreu concomitantemente nos planos fonológico, sintático e discursivo (cf. CASTILHO [2010] 2014). O uso do *você* entre pessoas de mesma classe social se generalizou tanto que esse pronome se tornou o verdadeiro indicador de 2SG no PB, apresentando um caráter ão marcadoö e ãneutroö (cf. BAGNO, 2011). Em contrapartida, ão pronome *tu*, tendo sofrido a concorrência desleal de *você*, acabou se confinando a determinadas variedades regionais e/ ou a determinadas camadas sociaisö (BAGNO 2011, p. 750). Segundo Bagno (2011), o *tu* e o *você* concorrem no PB, havendo espaços como Minas Gerais¹² e São Paulo, por exemplo, em que o *você* prevalece. O *tu*, por sua vez, é considerado uma forma ãmarcadaö, sendo seu uso associado a determinadas regiões e/ou classes sociais (BAGNO, 2012).

Redirecionando o foco para as formas alternantes de expressão do complemento verbal dativo de 2SG, constata-se que, diferentemente da perspectiva tradicional, os descrições do PB legitimam variadas combinações entre os pronomes *retos* (*tu* e *você*) e as formas *oblíquas* (*te*, *lhe*, *a ti*, *para ti*, *a tu*, *para tu*, *a você*, *para você*, *pra você*, *procê*) (cf. BAGNO 2011; CASTILHO [2010] 2014; PERINI, 2010). A este respeito, Bagno (2011) argumenta que

A apropriação por parte de *você* de amplos terrenos de emprego de *tu* levou à indiferenciação dos IP¹³ do caso oblíquo, que se aplicam sem distinção tanto a *tu* quanto a *você* ó o que vai determinar o emprego mais frequente da forma-sujeito X com a forma-objeto Y é principalmente a origem geográfica do falante.

(BAGNO 2011, p. 753)

Conforme discutido por Bagno (2011), o principal fator que condiciona o uso dos pronomes *sujeito* e *objeto* de 2SG é a ãorigem geográfica do falanteö. No Norte e Nordeste, por exemplo, é recorrente o uso do *lhe* até mesmo nas comunidades linguísticas em que o *tu* é mais recorrente (cf. BAGNO, 2011). Os pronomes *te* e *ti*, por sua vez, são usados no Sudeste por muitos falantes, mas como formas oblíquas de *você* e não de *tu* (PERINI, 2010). Essas, dentre outras combinações, que são consideradas

¹² A cidade de São João da Ponte (MG) pode ser considerada uma ilha linguística do pronome *tu* em Minas Gerais (cf. Mota 2008, p. 60). Apesar do índice de ocorrência desse pronome ser baixo (19 ocorrências em 509 dados), os resultados comprovam sua utilização no ãdialeto mineiroö (cf. Mota 2008, p. 60).

¹³ Leia-se IP como ãíndices de pessoaö, cf. Bagno (2011, p. 753).

pela tradição gramatical como *mistura de tratamento*, são para a perspectiva descritivista o resultado de uma reestruturação do quadro pronominal do PB. A este respeito, Bagno (2011) comenta que

O lamentável emprego da expressão *mistura de tratamento* revela uma atitude preconceituosa e carente de qualquer fundamentação científica, pois não existe mistura nenhuma o que de fato ocorreu no português brasileiro foi uma *reorganização do quadro de índices pessoais*. A ideia de mistura só serve como rótulo pejorativo para algo que é inevitável e natural: *a mudança linguística*. O contrário da mistura seria a pureza daí o *purismo* linguístico, a doença crônica do normativismo, basta dar um passo. As pessoas que persistem com tal discurso renegam sua própria língua materna e exigem um código de conduta linguística irreal (e irracional) que ninguém no Brasil obedece, nem mesmo nossos melhores escritores, tradutores, jornalistas e compositores (Chico Buarque, Caetano Veloso e Cartola, só para citar três grandes).

(BAGNO, 2011, p. 756)

Tendo em vista que a reestruturação do quadro pronominal do PB repercutiu na correlação entre os pronomes-*sujeito* aos pronomes-*objeto*, torna-se incoerente, portanto, falar em mistura de pessoas gramaticais (cf. BAGNO, 2011). Na verdade, o que essa expressão revela é uma concepção conservadora e preconceituosa por parte daqueles que não reconhecem a legitimidade da mudança linguística (BAGNO, 2011). Constata-se que, diferentemente da tradição gramatical, o quadro de pronomes apresentado por descritivistas do PB evidencia uma maior flexibilidade de combinação entre as formas pronominais, conforme se verifica também na exposição de Perini (2010) sintetizada no quadro 06:

FORMA RETA	FORMA OBLÍQUA
<i>Eu</i>	<i>me, mim, -migo</i>
<i>você, (tu)</i>	<i>te, (-tigo), (ti), (lhe)</i>
<i>ele, ela</i>	-
<i>Nós</i>	<i>nos, -nosco</i>
<i>Vocês</i>	-
<i>eles, elas</i>	-
-	<i>se [reflexivo]</i>

Quadro 06: Pronomes pessoais retos e oblíquos, cf. Perini (2010, p. 116).

[Os pronomes entre parênteses são de uso restrito, só sendo correntes em alguns lugares do território brasileiro]

Ao analisar o quadro pronominal apresentado pelo autor, observa-se que as formas oblíquas de 2SG são correlacionadas indistintamente aos pronomes *tu* e *você*.

Apesar de Perini (2010) se referir ao termo *objeto* de maneira ampla, observa-se que as construções *dativas* estruturadas pelo pronome-oblíquo *te* correlacionado ao *você* (*sujeito*) são produtivas, uma vez que o pronome *tu* e as formas oblíquas *ti* e *lhe* são classificadas pelo autor como de uso restrito no PB. Segundo Perini (2010, p. 118), as formas (*me, te, lhe*) são usadas em casos paralelos onde aparece a preposição *para* (ou ocasionalmente *a*), como se observa em (16) e (17). Castilho ([2010] 2014) e Perini (2010) também comentam sobre a possibilidade de essas variantes pronominais de 2SG equivalentes (*te* e *para você*) conviverem na mesma oração, conforme ilustram os exemplos (18)¹⁴ e (19)¹⁵:

(16) Pedro pediu um favor *a/para* o João.

(17) Pedro *me/te/lhe* pediu um favor.

(18) Eu *te* falei *para você*; meu bem, precisamos de mais rigor na casa!

(19) Eu vou *te* contar *para você*; uma história incrível.

Em (18) e (19), tem-se o redobramento pronominal, uma vez que o OI é preenchido formalmente através de duas estratégias pronominais dativas na referência à 2SG: *te* e *para você*. De acordo com Perini (2010, p. 118), essas formas redundantes parecem mais coloquiais, menos cuidadosas que as outras; mas sem dúvida ocorrem com frequência. Em relação às formas oblíquas preposicionadas, Perini (2010) assume que apenas os pronomes retos *eu* e *tu* possuem uma forma especial para ser usada depois de preposições (exceto *com*): os pronomes *mim* e *ti*, respectivamente. Nos demais casos, as *formas retas* é que são utilizadas depois da *preposição*, tal como se exemplifica em (20)¹⁶:

(20) O Joaquim trouxe um quindim *para você / para nós / para elas...*

Dentre as gramáticas descritivas analisadas, Bagno (2011) é o único autor que apresenta um quadro pronominal específico para a 2SG em que organiza as formas oblíquas de acordo com a função sintática que desempenham, conforme reproduzido no quadro 07 a seguir exposto. Por outro lado, ao incluir os clíticos *o(s)/a(s)* para a

¹⁴ Exemplo retirado de Castilho ([2010] 2014, p. 479).

¹⁵ Exemplo retirado de Perini (2010, p. 118).

¹⁶ Exemplo extraído de Perini (2010, p. 120).

expressão da função de objeto direto no *discurso menos monitorado* do PB é impropriedade, tendo em vista não só os resultados de Souza (2014, p. 110) em relação a sua baixa produtividade na referência à 2SG, mas também em relação à perda do clítico de acusativo de 3SG aliado ao avanço do objeto nulo, cf. discutido por Duarte (1989) e Cyrino (1993), ou seja, os clíticos *o(s)/a(s)* não se evidenciam como um traço do PB.

INDICADORES DA 2ª PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO									
<i>discurso -monitorado</i>									
SUJEITO		OBJ. DIRETO		OBJ. INDIRETO		REFLEXIVO		COMP. OBLÍQUO	
sing.	plur.	sing.	plur.	sing.	plur.	sing.	plur.	sing.	plur.
você		te		te				você	
ocê		lhe		lhe				ocê	
cê	vocês	o/a/os/as	vocês	pra/a você	pra/a vocês	se	se	ti	vocês
tu	ocês	você	ocês	procê	procês	te		(contigo)	ocês
ti	cês	ocê	o/a/os/as					tu	
		tu							
<i>discurso +monitorado</i>									
o sr.	vocês	o sr.	vocês	para/ao sr.	para/a	se	se	o sr.	vocês
a sra.	os srs.	a sra.	os srs.	para/à sra.	vocês			a sra.	os srs.
	as sras.	o/a/os/as	as sras.	lhe	para/aos				as sras.
		lhe	o/a/os/as	te	srs.				
		te			para/às				
					sras.				

Quadro 07: Os índices da 2ª pessoa no PB, cf. Bagno (2011, p. 746).

Verifica-se, no quadro pronominal apresentado pelo gramático, que as formas oblíquas de 2SG que exercem a função sintática de OI (*te, lhe, pra você, a você, procê*) são correlacionadas tanto a *tu* quanto a *você* (cf. BAGNO, 2011). O gramático também inclui o *ti*¹⁷ na relação de *pronomes retos* e indica que o pronome *você* pode assumir as formas *ocê* e *cê* na função sintática de sujeito. Com o intuito de expor a realidade do sistema pronominal do PB contemporâneo, Bagno (2011) apresenta também outro quadro pronominal em que correlaciona as formas de pronomes-sujeito às formas de pronome-complemento também de 2SG, cf. está exposto no quadro 08.

¹⁷ Segundo Bagno ([1999] 2009, p. 63-64), em frases como *“Esse é um bom livro para ti ler”, atribui-se ao ti a função de sujeito, assim como ocorre em frases com o pronome mim antecedido da preposição para + verbo no infinitivo: “Para mim fazer isso vou precisar da sua ajuda”.*

FUNÇÃO PRON. 2SG	OBJETO DIRETO	OBJETO INDIRETO	COMPLEMENTO OBLÍQUO
VOCÊ	Eu vi <i>você</i> ontem na feira, mas você não me viu. Eu <i>te</i> vi ontem na feira, mas você não me viu. Eu <i>lhe</i> vi ontem na feira, mas você não me viu. É um grande prazer recebê- <i>lo/la</i> em nossa casa nova!	Eu vou dar de presente <i>a/para</i> <i>você</i> o celular que você me pediu. Eu vou <i>te</i> dar de presente o celular que você me pediu. Eu vou <i>lhe</i> dar de presente o celular que você me pediu.	Ana confessou que gosta muito <i>de</i> <i>você</i> .
TU	Eu vi <i>tu</i> ontem na feira, mas tu não me viu/viste/visse. Eu <i>te</i> vi ontem na feira, mas tu não me viu/viste/visse. Eu <i>lhe</i> vi ontem na feira, mas tu não me viu/viste/visse.	Eu vou dar de presente <i>a/para</i> <i>tu</i> o celular que tu me pediu/pediste/pedisse. Eu vou dar de presente <i>a/para</i> <i>ti</i> o celular que tu me pediu/pediste/pedisse. Eu vou <i>te</i> dar de presente o celular que tu me pediu/pediste/pedisse. Eu vou <i>lhe</i> dar de presente o celular que tu me pediu/pediste/pedisse.	Ana confessou que gosta muito <i>de</i> <i>tu</i> . Ana confessou que gosta muito <i>de</i> <i>ti</i> .
O SENHOR A SENHORA	Eu vou acompanhar <i>o sr./a sra.</i> até o elevador. Eu vou acompanhá- <i>lo/la</i> até o elevador. Eu vou <i>lhe</i> acompanhar até o elevador.	Eu vou mostrar nossas ofertas <i>ao/para</i> <i>o sr./à/para</i> <i>a sra.</i> Eu vou <i>lhe</i> mostrar nossas ofertas. Eu vou <i>te</i> mostrar nossas ofertas.	Foi um prazer negociar <i>com</i> <i>o sr./a sra.</i>

Quadro 08: Os índices pessoais de 2ª pessoa no PB contemporâneo, cf. Bagno (2011, p. 754).

Constata-se que o emprego dos índices pessoais de 2SG nas funções de OD e OI é bem mais livre e permite associações muito mais flexíveis do que é estabelecido pela tradição gramatical (cf. BAGNO, 2011). No que se refere especificamente à função sintática de OI, Bagno (2011) exemplifica a correlação de diferentes formas oblíquas associadas ao *você* (*a você, para você, te e lhe*) e ao *tu* (*a tu, para tu, a ti, para ti, te e lhe*). Independentemente do juízo de valor que se faça acerca da combinação *você* e *te* num mesmo domínio funcional, tem-se uma combinação entre formas pronominais que efetivamente funcionam no PB, cf. discutido por Bagno (2011 p. 759-760).

Já o *lhe* apresenta uma distribuição regional, sendo mais empregado em algumas variedades nordestinas (Bahia e Ceará) e em determinados segmentos sociais no Rio de Janeiro (BAGNO, 2011). O emprego do *lhe* (dativo), por sua vez, diminui, usando-se preferencialmente as expressões *a ele, para ele, a você, para você* (cf. Nascentes [1960] 2003 *apud* Bagno 2011, p. 765). Sobre o uso das preposições que compõem essas estruturas, Bagno (2011) afirma que, na maioria das variedades linguísticas brasileiras, a preposição *a* sofre concorrência da preposição *para*. Contudo, o autor acrescenta que

No caso das construções dativas, observamos uma diferença regional: enquanto no Nordeste ainda se emprega com bastante frequência, mesmo entre falantes com baixa escolarização, a preposição *a*, nas

demais regiões é para que prevalece com verbos como *dar, mostrar, responder, perguntar, dizer, emprestar, pedir* etc.

(BAGNO 2011, p. 868)

Em vista do exposto, verifica-se que, diferentemente da tradição gramatical, na perspectiva da descrição gramatical legitimam-se variadas combinações entre os pronomes retos de 2SG (*você* e *tu*) e as diferentes formas oblíquas que exercem a função sintática de OI (*te, lhe, a ti, para ti, a tu, para tu, a você, para você, pra você, pro cê*). Não existe ãmistura de pessoais gramaticaisö, uma vez que a reestruturação do quadro pronominal do PB ocasionou uma absoluta liberdade de poder correlacionar os pronomes-*sujeito* aos pronomes-*objeto* (cf. BAGNO, 2011). No que se refere especificamente à 2SG, a ampliação do uso de *você* (*sujeito*), no espaço geográfico brasileiro, repercutiu na utilização dos oblíquos que passaram a se aplicar tanto a *tu* quanto a *você* (BAGNO, 2011). Dentre os fatores que condicionam o emprego de uma forma sujeito X e uma forma objeto Y destaca-se, sobretudo, a ãorigem geográfica do falanteö (cf. BAGNO, 2011). Sendo assim, torna-se equivocado querer impor o uso de formas e combinações que não são usadas em determinadas variedades linguísticas do PB.

Tendo em vista o fato de a NGB ter sido decretada pelo MEC bem antes da inserção da linguística nos cursos superiores brasileiros, verifica-se uma urgente necessidade de revisão e reformulação dos termos e conceitos utilizados no documento (cf. BAGNO, 2011). A NGB ã(...) se baseia, portanto, única e exclusivamente, na tradição gramatical herdada dos gregos, dos latinos, dos renascentistas e dos filólogos do século XIXö (cf. BAGNO 2012, p. 502). Sendo assim, fica evidente sua insuficiência perante a descrição dos fenômenos linguísticos, uma vez que categorias simples e limitadas não são capazes de explicar a complexidade do PB (cf. PERINI, 2010). No tocante à descrição dos complementais verbais, também se evidencia a limitação dos conceitos e nomenclaturas apresentados pela NGB. Conforme discutido anteriormente, o documento recomenda apenas uma diferenciação entre os complementos *diretos* e *indiretos*. No entanto, além desses dois tipos de complementos, os descritivistas do PB¹⁸

¹⁸ Dentre as gramáticas descritivas analisadas, Perini (2010) é o único autor que se refere ao termo ãobjetoö de maneira ampla, sem apresentar uma distinção entre os complementos verbais *diretos*, *indiretos* e *oblíquos*.

incluem também os complementos *oblíquos* (doravante OBL), cf. Bagno 2011; Castilho, [2010] 2014; Duarte, 2006. Segundo Castilho (2014 [2010]),

O complemento oblíquo é uma espécie de vagalume em nossas gramáticas: ora aparece, denominado então *complemento terminativo/complemento relativo*, ora desaparece, sendo rotulado de adjunto¹⁹, ora aparece de novo, agora rebatizado como *complemento oblíquo*.

(CASTILHO, 2014 [2010], p. 305.)

O sujeito e os complementos verbais (OD, OI e OBL) desempenham as funções centrais da sentença, pois são argumentos selecionados pelos verbos (cf. CASTILHO, 2014 [2010]). Castilho comenta que

Aqueles proporcionais ao clítico *o*, ou a *ele* acusativo, são objetos diretos. Aqueles proporcionais a *lhe*, um pronome dativo, são objetos indiretos. Finalmente, aqueles proporcionais à expressão preposição + pronome pessoal/advérbio dêitico/demonstrativo neutro, são complementos oblíquos.

(CASTILHO, [2010] 2014, p. 299.)

Em relação à tarefa de diferenciar os complementos *indiretos* e *oblíquos*, Castilho afirma que ãs coisas se complicam bastante, pois ãessas criaturas são sempre preposicionadas e aí precisaremos decidir sobre se tais complementos foram selecionados pelo verbo, ou se foram selecionados pela preposição (...) (CASTILHO [2010] 2014, p. 304). Torres Morais & Berlinck (2006), assim como Oliveira (2014), comentam que o uso mais amplo das preposições no PB está relacionado ao fato de que

Na evolução do latim, a perda das flexões casuais nos nomes leva as línguas românicas a explorarem diferentes recursos sintáticos para a expressão das relações entre os constituintes das sentenças, entre eles, a ordem das palavras e o enriquecimento funcional das preposições.

(TORRES-MORAIS & BERLINCK 2006, p. 73)

Como consequência dessa ampliação funcional das preposições, verifica-se, então, a possibilidade de o dativo se manifestar de maneira semelhante a outros constituintes, tal como os complementos oblíquos (cf. OLIVEIRA 2014). Sendo assim, ãos estudos linguísticos contemporâneos preferem chamar de OI somente os complementos que tragam o traço semântico [beneficiário] introduzido pelas preposições *para* e *aõ* (BAGNO 2011, p. 517). De acordo com Bagno (2011), o *beneficiário*, como o nome

¹⁹ De acordo com Castilho ([2010] 2014, p. 299), ãalguns gramáticos preferem ver os complementos oblíquos como adjuntos, entretanto, diferentemente destes, os complementos oblíquos não podem ser descartados da sentença, uma vez que ocupam lugares na predicação verbal.

indica, é aquele que se beneficia com a ação expressa pelo verbo, conforme exemplificam as sentenças abaixo:

²⁰(21) Nina deu uma linda blusa *para você*.

(22) Os relógios pertencem *a você*.

Uma maneira de verificar se o complemento verbal é de fato um OI ã(...) é tentar convertê-lo nos *índices de pessoa e não pessoa* que desempenham esse papel sintático (...)ö (BAGNO 2011, p. 517-518). Tal afirmação também está em conformidade com a ãproporcionalidade pronominalö expressa por Castilho ([2010] 2014). Sendo assim, é possível aplicar um teste com o intuito de verificar se os complementos verbais preposicionados das frases (23) e (25) realmente são objetos *indiretos*:

(23) Ele trouxe uma deliciosa lasanha *para você*.

(24) Ele *lhe* trouxe uma deliciosa lasanha.

(25) Em nenhum momento ele se referiu *a você*.

(26) Em nenhum momento ele *lhe* referiu.

A ãconversãoö sugerida por Bagno (2011) e Castilho ([2010] 2014) para averiguar se o complemento verbal é um OI se aplicou adequadamente aos exemplos de (24) a (26). O OBL, por outro lado, é proporcional a *pronomes-advérbios dêiticos* ou a *preposição + pronome* (CASTILHO [2010] 2014), conforme atestado em (27):

(27) Em nenhum momento ele se referiu *a ele/a ela*.

Além desses aspectos que distinguem os dois tipos de complementos preposicionados (OI e OBL), destaca-se também o papel temático dos complementos verbais (cf. CASTILHO [2010] 2014). Enquanto, o do OI é, geralmente, o de */beneficiário/*, o OBL explora papéis temáticos distintos, tais como: */locativo/*, */alvo/*, */origem/* e */comitativo/* (cf. CASTILHO [2010] 2014).

Na *Gramática da Língua Portuguesa*, Duarte (2006 *apud* Mateus *et alii* 2006) fornece relevantes considerações para a interpretação dos complementos verbais do português. Para a autora, as relações gramaticais de OD e OI ãsão relações centraisö. O

²⁰ Os exemplos de (21) a (31) foram elaborados pela autora deste trabalho.

OD é definido como o argumento interno de $\tilde{\alpha}(\dots)$ predicadores verbais de dois ou três lugares cujo papel semântico é, tipicamente, Tema (...)ö, cf. Duarte (2006, p. 284 *apud* Mateus *et alii* 2006). Já o constituinte com a relação gramatical de OI $\tilde{\alpha}(\dots)$ é tipicamente o argumento interno de verbos de dois ou três lugares, com o papel semântico de Alvo ou Fonteö (DUARTE, 2006, p. 289 *apud* Mateus *et alii* 2006). De acordo Duarte, o complemento dativo também é caracterizado, como um argumento, caracteristicamente, [+ animado]²¹ e é cliticizável em *lhe*, conforme está exemplificado em (28) e (29).

(28) Naiane ofereceu [um brinde]_{OD} [ao Cristiano]_{OI}

(29) Naiane ofereceu-[*lhe*]_{OI} [um brinde]_{OD}

Além de substituir o constituinte com a relação gramatical de OI pela forma pronominal dativa (*lhe*), segundo Duarte (2006),

Pode formular-se uma interrogativa sobre o constituinte objecto indirecto segundo o esquema *A quem / A que é que SU V (OD)?*, consoante se trate de um argumento [+ hum] ou [- hum], constituindo o objecto indirecto a resposta mínima não redundante:

(29) (c) P. *A quem é que o miúdo deu o brinquedo?*

R: [*Ao amigo*]_{OI}

(DUARTE 2006, p. 290)

Aplicando esse teste à sentença (28), verifica-se a seguinte configuração:

(30) P: *A quem é que Naiane ofereceu o brinde?*

(31) R: [*Ao Cristiano*].

Tendo em vista as características expostas por Duarte (2006 *apud* Mateus *et alii* 2006), constata-se que o complemento verbal preposicionado da frase (28) é um

²¹ Objetos indirectos com o traço semântico [- anim] ocorrem com certos predicadores de dois lugares, como *obedecer* e *sobreviver* (*Obedecer ao regulamento / Sobreviver ao massacre*), ou com os verbos *dar* ou *fazer* seguidos de um objeto direto cujo núcleo é um nome deverbal (*A Maria deu [uma pintura]_{OD} [às estantes]_{OI} / Eles fizeram [uma enorme limpeza]_{OD} [à casa]_{OI}) (cf. DUARTE 2006, p. 289 *apud* Mateus *et alii* 2006). Observe-se que, no PB, o verbo *obedecer* permite o complemento verbal tanto do tipo objeto direto ($\tilde{\alpha}$ Ao regulamento, João o obedeceö, Ao Antonio, João o obedece), quanto do tipo objeto indirecto ($\tilde{\alpha}$ Ao regulamento, João *lhe* obedeceö).*

argumento interno de um verbo de três lugares ([Naiane]_{SU} [ofereceu]_V [um brinde]_{OD} [ao Cristiano]_{OI}), com o papel semântico de *Alvo* (Naiane ofereceu um brinde [ao Cristiano]_{ALVO}), é cliticizável em *lhe* (Naiane ofereceu-[*lhe*] um brinde) e representa o ser [+ animado] para o qual se destina a ação verbal (*ao Cristiano*). Sendo assim, não resta dúvida de que o complemento verbal preposicionado da sentença (28) é um OI.

Por outro lado, diferentemente de Castilho ([2010] 2014), Duarte (2006 *apud* Mateus *et alii* 2006) considera que as relações expressas pelo *complemento oblíquo* não são centrais. De acordo com a autora, também é preciso atentar-se ao fato de que tanto os argumentos obrigatórios e opcionais do predicador verbal quanto os adjuntos possuem relações gramaticais oblíquas que ã(...) são tipicamente de natureza preposicional, adverbial ou frásicaö (DUARTE 2006, p. 294 *apud* Mateus *et alii* 2006), conforme exemplificado de (32) a (34):

²²(32) O João pôs o livro [*na estante*]_{OBL}

(33) O Pedro viajou [*do México*]_{OBL} [*para Lisboa*]_{OBL}

(34) O meu amigo pintou esse quadro [*para a Maria*]_{OBL}

Uma forma de distinguir os *oblíquos complementos* dos *oblíquos adjuntos* é levar em conta o fato de que

Os constituintes com relações gramaticais oblíquas que são complemento do verbo não podem ocorrer num interrogativa segundo o esquema *O que é que SU fez OBL? / O que é que aconteceu a SU OBL? (...)* (cf. DUARTE 2006, p. 294 *apud* Mateus *et alii* 2006).

Ao aplicar esse teste aos dados (32), (33) e (34), Duarte (2006) constata que os constituintes das sentenças (32a) e (33a) não podem ocorrer em interrogativas, revelando assim que esses *oblíquos* são complementos verbais (DUARTE, 2006). Por outro lado, o fato de a sentença (34a) ser aceita em tais interrogativas, significa que nessa frase há um *oblíquo adjunto*.

(32a) P: O que é que o João fez [*na estante*]_{OBL}?

R: *Pôs o livro.

²² Exemplos extraídos de Duarte (2006, p. 294).

(33a) P: O que é que o João fez [*do México*]_{OBL} [*para Lisboa*]_{OBL}?

R: *Viajou.

(34a) P: O que é que meu amigo fez [*para a Maria*]_{OBL}?

R: Pintou esse quadro.

Em síntese, verifica-se que, na perspectiva descritivista, os complementos verbais argumentais são classificados em três tipos. São eles: os complementos *diretos*, *indiretos* e *oblíquos* (cf. BAGNO, 2011; CASTILHO, [2010] 2014, DUARTE, 2006). O OD é definido como o argumento interno de verbos de dois ou três lugares cujo papel temático é, principalmente, de Tema, e é proporcional ao clítico *o*, ou a *ele* acusativo. O OI, por sua vez, é definido como o argumento interno de predicadores verbais de dois ou três lugares cujo papel semântico é de */beneficiário/*, */alvo/* ou */fonte/*, é cliticizável em *lhe*, e predominantemente um argumento [+ *animado*]. Já o OBL ocorre mais frequentemente com verbos de movimento, é proporcional a *pronomes-advérbios dêiticos* ou *preposição + pronome*, e pode apresentar variados papéis temáticos, tais como: */locativo/*, */alvo/*, */origem/* e */comitativo/* (cf. CASTILHO [2010] 2014).

Após análise do pensamento descritivista acerca dos pronomes-sujeito e pronomes-complemento de 2SG, é importante atentar aos resultados das pesquisas linguísticas do PB cujo foco também seja o dativo em perspectivas sincrônica e diacrônica.

1.4 A complementação verbal dativa de 2SG à luz dos estudos linguísticos

Nesta subseção do capítulo da revisão histórico-descritiva, serão sintetizados alguns dos resultados de trabalhos científicos que investigam os complementos verbais dativos do PB. As pesquisas serão examinadas levando em conta a especificidade do estudo (*sincrônico* ou *diacrônico*) e o material linguístico utilizado (modalidade *oral* ou *escrita*). Considerando que a perspectiva desta análise é diacrônica, partindo-se do fato de a expressão do dativo ser um fenômeno de variação no PB atual, volta-se o foco desta dissertação ao passado (do presente para o passado, cf. Labov) no intuito de descrever os índices de variação das estratégias dativas de 2SG nos séculos XIX e XX com base na análise de cartas mineiras.

1.4.1 A complementação verbal dativa de 2SG à luz dos estudos linguísticos: resultados de pesquisas sincrônicas.

Serão expostos os principais resultados de cinco pesquisas linguísticas que analisam, principalmente, a complementação dativa de 3SG, em sincronias recentes do PB quer com base em amostras da língua oral (cf. NASCIMENTO (2009), CAMPOS (2010)), quer com base em amostras da língua escrita (cf. FREIRE (2005, 2011) e GOMES (2007)).

Nascimento (2009) analisou a expressão variável dos complementos dativos de verbos bitransitivos em quatro comunidades rurais goianas (Almeidas, Pombal, Traíras e Acaba Vida/Faz Tudo), atentando especificamente para quatro formas alternantes do dativo expressas pelas formas *a ~ para ~ ø ~ clítico* (João deu um livro *a* Maria, João deu um livro *para* a Maria e João deu *ø* Maria um livro), cf. Nascimento (2009, p. 37). Sendo assim, o foco de sua pesquisa foi examinar quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionaram o uso variável dessas formas dativas (*a*, *para* e *ø*) bem como a relação desse fenômeno com as origens do PB. A análise das amostras da fala rural de Goiás revelou os seguintes resultados:

COMUNIDADES	PARA	A	ø	CLÍTICOS	TOTAL
Almeida	151/74%	2/1%	15/7%	37/18%	205/100%
Pombal	46/75%	1/2%	5/8%	9/15%	61/100%
Traíras	34/79%	0/0%	5/11%	4/10%	43/100%
Acaba vida/Faz tudo	6/50%	3/25%	3/25%	0/0%	12/100%
TOTAL GERAL	237/74%	6/2%	28/9%	50/15%	321/100%

Tabela 01: Distribuição percentual das variantes *para-a-ø-clítico* em relação às comunidades de fala, cf. Nascimento (2009, p. 54).

Dentre as 321 ocorrências analisadas, constata-se a preferência pela preposição *para* não só no total geral (237/74%), mas também em todas as comunidades investigadas (Almeidas 74%, Pombal 75%, Traíras 79% e Acaba Vida/Faz tudo 50%). Em contrapartida, verificam-se apenas 06 ocorrências da preposição *a*, o que representa apenas 02% do total da amostra. De acordo com Nascimento (2009), tais resultados estão em conformidade com vários estudos linguísticos que apontam para a gradual substituição da preposição *a* por *para* em contextos cada vez mais amplos, dentre eles o dativo. A este respeito, a análise em tempo aparente na comunidade de fala dos Almeidas revela ainda que

(...) a preposição *para* é a mais usada em todas as faixas etárias, apontando uma maior frequência de uso na faixa etária mais jovem. Esta configuração, aliada ao baixo uso da preposição *a*, de \emptyset e de clíticos anafóricos entre os falantes mais jovens, possibilita a constatação de que a gramática da comunidade de fala dos Almeidas está passando por um processo de mudança em direção ao uso categórico de *para*, na expressão do dativo. (NASCIMENTO, 2009, p. 71)

Os aspectos sociais e estruturais observados nas comunidades goianas indicam também que a preposição *para* \emptyset (...) é semanticamente mais transparente na expressão do conteúdo dativo e socialmente mais neutro (NASCIMENTO, 2009, p. 71). Já o uso da preposição *a* está associado a contextos específicos nos quais o OI é vinculado ao discurso religioso e o receptor não evidencia o traço semântico [+ humano], \emptyset pede *a Deus* que é... \emptyset , cf. Nascimento (2009). Verifica-se ainda que nas construções em que a preposição *a* é utilizada, \emptyset (...) a relação estabelecida entre o verbo e seus complementos não denota uma transferência material, o que seria o caso prototípico de construções dativas \emptyset (cf. NASCIMENTO 2009, p. 47). Tais características podem ser comprovadas nas 06 ocorrências da amostra, conforme se exemplifica de (35) a (39).

(35) [...] aqui eu vô falá era um... um apuro que é pidino *a Deus* pa mode chuvê [...] [Amostra Almeidas]

(36) [...] pede *a Deus* que é [...] [Amostra Pombal]

(37) [...] a gente pede muito *a Deus* ... Nossa Mãe do céu que... a gente dê uma boa direção, né? [...] [Amostra Acaba Vida/Faz Tudo]

(38) [...] peço *a Deus* todo dia... fô da vontade de Deus... a vez um dia eu caso [...] [Amostra Acaba Vida/Faz Tudo]

(39) [...] peço perdon *a Deus* por essa palavra [...] [Amostra Acaba Vida/Faz Tudo]

Além de apontarem para a substituição de *a* por *para*, estudos linguísticos também revelam que há os clíticos estão em desuso no PB cf. Nascimento (2009, p. 38). Contudo, nas comunidades rurais investigadas por Nascimento (2009), nota-se que os *clíticos* foram a segunda variante dativa com o maior número de ocorrências, representando 15% do total da amostra. Já a omissão da preposição (\emptyset) ocorre em apenas 09% das ocorrências, sendo a \emptyset adjacência do OI em relação ao verbo \emptyset (\emptyset ma' eu pidi *o divino pai eterno... \emptyset*) o contexto sintático que mais favorece o uso dessa variante (25 dentre 28 ocorrências), cf. Nascimento (2009). Essa configuração pode ser explicada pelo princípio da *motivação icônica*, uma vez que \emptyset a proximidade formal do

OI em relação ao verbo diminui a distância conceptual entre esses elementos e sinaliza maior afetamento do complemento dativo pelo verboø (NASCIMENTO 2009, p. 61). A ausência da preposição em construções dativas também está condicionada aos princípios da *motivação econômica* e da *prototipia*. De acordo com Nascimento (2009),

A variante não-preposicionada ocorre com maior frequência exatamente em contextos que podem ser classificados como mais prototípicos, isto é, em construções que expressam um ato comunicativo ou uma transferência material e que têm um receptor com os traços semânticos [+ animado] e [+ humano]. Essa variante é favorecida ainda, em construções que apresentam OD realizado foneticamente e com núcleo lexical.

(NASCIMENTO 2009, p. 60-61)

Ao examinar complementos dativos de verbos bitransitivos em quatro comunidades rurais goianas, Nascimento (2009) constatou um emprego majoritário da preposição *para* (õái depois pegô vendeu ele *pra mimö*). Através das amostras de fala, observou-se que além de ser considerada semanticamente mais transparente, a preposição *para* também é socialmente mais neutra na expressão do dativo no que se refere à preposição *a* e ø (cf. NASCIMENTO 2009, p. 71). Já o uso da preposição *a* está associado a contextos específicos nos quais o OI está relacionado ao discurso religioso, apresenta traços semânticos de [- humano] e [-animado], o que evidencia o traço [divinizado], cf. Nascimento (2009, p. 63). Além disso, verificou-se que, nas construções em que a preposição *a* é utilizada, o predicador verbal e seus complementos não expressam transferência material, o que é uma característica prototípica de construções dativas.

Por fim, Nascimento (2009) destaca a presença da preposição *para* e da variante não-preposicionada em textos arcaicos do português. Sendo assim, o panorama variável de representação do dativo em comunidades rurais goianas pode ser interpretado como uma evidência de conservadorismo linguístico visto que tais estratégias dativas já se mostravam produtivas em sincronias passadas do português (cf. NASCIMENTO, 2009).

Com o objetivo de descrever e analisar o dativo de 3SG no português falado culto de Belém, Campos (2010) utilizou um *corpus* constituído por aproximadamente 18 horas de gravações de entrevistas televisivas. As entrevistas eram sobre temas variados (*política, saúde, questões sociais, governo*, dentre outros) e contavam com a participação de õ(...) políticos do Estado ou profissionais que ocupam cargos

administrativos no governo, artistas etcö (CAMPOS 2010, p. 75). Foram registradas, no português culto falado em Belém, quatro estratégias para a expressão do complemento verbal dativo de 3SG: clítico (*lhe*), categoria vazia (\emptyset), sintagma preposicionado com pronome tônico (*pra ele/a ele*) e sintagma preposicionado com SN pleno (*pro público*) (cf. CAMPOS, 2010). Dentre essas variantes, pode-se dizer que Campos (2010) analisa especialmente o uso do *lhe* e da alternância das preposições (*a* e *para*) que encabeçam o complemento preposicionado com pronome tônico. De acordo com Campos (2010), õas ocorrências com $\text{-lhe}\emptyset$ dativo são bastante expressivas no *corpus*, no entanto, esse uso não é categórico, pois ocorrem também construções com $\text{-lhe}\emptyset$ em função acusativa (...)ö (CAMPOS, 2010, p. 103). Assim como acontece em outras variedades brasileiras, a alternância do *lhe* em diferentes funções sintáticas (acusativo e dativo) pode indicar uma possível ãreestruturaçãoö no uso desse pronome (cf. CAMPOS, 2010). Apesar disso, Campos (2010) destaca que õos dados do português culto falado em Belém, se inseridos no conjunto da descrição do OI em PB não ratificam o posicionamento de linguistas que afirmam uma ausência do $\text{-lhe}\emptyset$ dativo na gramática dos brasileirosö (CAMPOS, 2010, p. 96). Observa-se também a presença da preposição *a* em complementos de verbos de transferência material (*dar, pedir*), de movimento (*levar*) e de transferência verbal (*falar*). Diferentemente do que é constatado em outros estudos linguísticos, verifica-se que a preposição *a* é utilizada em construções dativas com o traço [+ animado], ainda que tenha sido constatado também que o dativo é marcado pelo traço semântico [- animado]. Em relação à alternância entre as preposições *a* e *para* no português falado em Belém (cf. CAMPOS, 2010) Campos (2010) comenta que

Predicadores como *doar, abrir, mostrar, falar, servir, vender, passar, colocar, dizer*, ocorreram com a preposição $\text{-para}\emptyset$ já os predicadores *agradecer, levar, possibilitar, atender, pedir, cumprimentar* ocorreram com a preposição $\text{-a}\emptyset$. No entanto, vários predicadores ocorreram tanto com $\text{-a}\emptyset$ quanto com $\text{-para}\emptyset$ como: *dar, oferecer, fazer*, etc. A análise dos dados aponta, portanto, para uma variação do uso das preposições com uma forte tendência à conservação de $\text{-a}\emptyset$. Logo, os dados analisados não corroboram a não produtividade da preposição dativa $\text{-a}\emptyset$ no PB, como se atesta na literatura. Embora $\text{-a}\emptyset$ seja substituído, em muitos dos exemplos analisados, por $\text{-para}\emptyset$ a preposição $\text{-a}\emptyset$ dativa é atestada.

(CAMPOS, 2010, p. 119)

Ao contrastar os estudos de Nascimento (2009) e de Campos (2010) sintetizam-se algumas generalizações. No estudo de Campos (2010) cujo objetivo principal foi

analisar o dativo de 3SG no PB culto falado em Belém, constatou-se uma evidente alternância entre as preposições *a* e *para*. Diferentemente do que é detectado no estudo de Nascimento (2009), observa-se através da análise das entrevistas televisivas que a preposição *a* é utilizada preferencialmente em casos em que o dativo é marcado pelo traço semântico [+ animado] (cf. CAMPOS, 2010). Além disso, em oposição ao que é constatado nas comunidades rurais, verifica-se que a presença da preposição *a* é recorrente em complementos de verbos de *transferência material* (cf. CAMPOS, 2010). Em relação ao uso dos clíticos, Nascimento (2009) afirma que os clíticos foram a segunda variante mais utilizada na amostra de fala das comunidades rurais goianas, o que contraria os resultados de alguns estudos linguísticos que atestam sua queda no PB. Por outro lado, Campos (2010) destaca que, nas entrevistas televisivas, as ocorrências do *lhe* são bastante expressivas, apesar de esse clítico também ser utilizado na função acusativa.

Freire (2005, 2011), por sua vez, investigou a realização do acusativo e dativo anafóricos de 3SG na escrita brasileira e lusitana. As amostras das duas variedades foram constituídas a partir de textos de jornais e gibis que circularam no Rio de Janeiro e em Lisboa, entre os anos de 1995 e 2004, e 1998 e 2004, respectivamente (cf. FREIRE, 2005, 2011). No que diz respeito especificamente aos complementos dativos, os resultados demonstram uma diferença significativa entre o PB e o português europeu (doravante PE), conforme ilustra o gráfico 01.

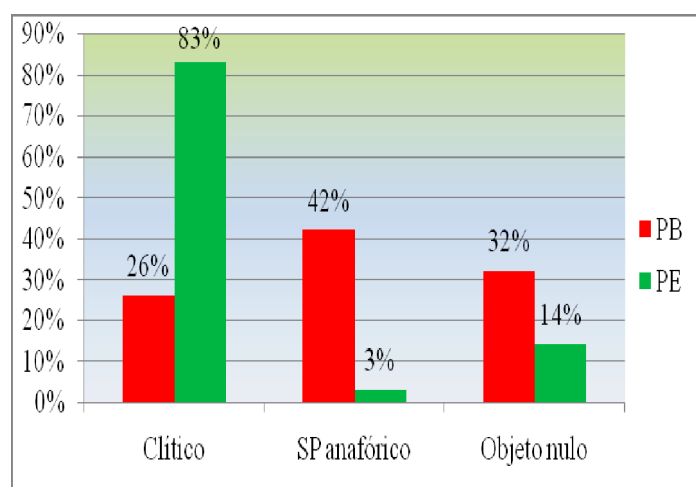


Gráfico 01: Distribuição das variantes de dativo em relação às variedades do português, cf. Freire (2005, p. 149).

Constata-se que, no PE, o clítico apresenta ampla predominância sobre as demais variantes, somando 83% do total dos dados. Já no PB, o clítico é a forma menos utilizada (26%), sendo superado pelo SPREP anafórico (42%) e pelo objeto nulo (32%). No que se refere à variedade brasileira, os resultados revelam que as estratégias alternantes à variante padrão já estão totalmente inseridas na modalidade escrita, totalizando 74% do total da amostra (cf. FREIRE 2005, 2011). Esses dados indicam que a interferência da tradição escolar em relação à recomendação do uso do clítico pode ser considerada limitada (cf. FREIRE 2005, 2011). Em relação ao uso do clítico, Freire (2005) observa que

Embora seja a variante menos empregada na amostra do PB, o clítico exibe ainda um percentual de ocorrência até bem alto se comparado com os resultados dos trabalhos sobre a língua oral, que registram um uso escasso ou até ausente dessa mesma variante na representação do dativo anafórico de terceira pessoa (cf. Silveira, 2000; Freire, 2000).
(FREIRE, 2005, p. 150)

Verificou-se ainda que, no PB, a ocorrência do clítico dativo foi maior com verbos bitransitivos *dandi*, que são predicadores de transferência material como *õdarö*. Já no PE, o clítico dativo foi a variante preferida independentemente do tipo de verbo (bitransitivo *dandi*, bitransitivo *dicendi*, bitransitivo *rogandi* e transitivo indireto). Freire (2005) também examinou a alternância das preposições que encabeçam o SPREP anafórico (*a*, *para*, entre outras). Diferentemente do que é constatado na fala (cf. NASCIMENTO, 2009), na modalidade escrita do PB o uso da preposição *a* foi preponderante, contabilizando 56% do total dos dados. A segunda variante mais recorrente foi a preposição *para* (32%) seguida por outras preposições (12%), cf. Freire (2005). Considerando que preposição *a* pode ser considerada uma forma tipicamente mais formal, é justificável sua predominância em relação às demais variantes nesse contexto, uma vez que os dados utilizados nesse estudo foram extraídos de textos escritos (cf. FREIRE, 2005).

No PE foram contabilizadas apenas três ocorrências de sintagmas preposicionados anafóricos de 3SG, sendo duas da preposição *a* (67%) e uma da preposição *de* (33%). Apesar de serem poucos dados, destaca-se o fato de não ter sido constatado o uso da preposição *para* na variedade lusitana. Ao comparar esses resultados com os do PB, Freire (2005) comenta que

A despeito dos poucos dados de SPs anafóricos encontrados na amostra do PE, ficou evidente que as duas variedades manifestam comportamentos distintos no uso da preposição que rege as variantes tônicas na realização do dativo anafórico de terceira pessoa: enquanto a preposição <para> não ocorre na escrita portuguesa, ela aparece empregada com frequência cada vez maior na escrita brasileira, de modo que já passa a competir com a preposição <a> em qualquer ponto do contínuo de oralidade-letramento.

(FREIRE 2005, p. 167-168)

De acordo com Freire (2011, p. 14), os gêneros textuais que compõem as amostras foram separados em três grupos distintos considerando o contínuo *oralidade-letramento* de Bortoni Ricardo (2004).

(A) [+ ORALIDADE/- LETRAMENTO]: tiras e histórias em quadrinhos;

(B) [+ ORALIDADE/ + LETRAMENTO]: crônicas, trechos de fala transcrita em reportagens e entrevistas transcritas;

(C) [- ORALIDADE/ + LETRAMENTO]: reportagens, editoriais, críticas de livro/filme e artigos de opinião.

(FREIRE, 2011, p. 14)

Conforme o contínuo *oralidade-letramento*, expõem-se os pólos de expressão formal da língua escrita e de expressão da fala na escrita, cf. Freire (2011, p. 14). Ao longo do contínuo, observa-se a influência da oralidade e/ou da tradição literária na expressão variável do dativo de 3SG, conduzindo aos seguintes resultados:

PB	CLÍTICO	SP ANAFÓRICO	OBJETO NULO	TOTAL
[+ oralidade/ ó letramento]	01	21	06	28
[+ oralidade/ + letramento]	08	22	21	51
[ó oralidade/ + letramento]	32	22	22	76
PE	CLÍTICO	SP ANAFÓRICO	OBJETO NULO	TOTAL
[+ oralidade/ ó letramento]	18	01	08	27
[+ oralidade/ + letramento]	43	—	03	46
[ó oralidade/ + letramento]	29	02	04	35

Tabela 02: Distribuição das variantes dativas no contínuo de oralidade-letramento, cf. Freire (2005, p. 150)

Em relação ao PB, os dados demonstram que ã(...) a frequência do clítico dativo na escrita está diretamente relacionada a eventos de comunicação que se aproximem do extremo de [+ LETRAMENTO]ö (FREIRE, 2011, p. 28). Já nos outros pontos do contínuo, principalmente no extremo [+ oralidade/ - letramento], observa-se uma menor utilização do clítico em favorecimento do SP anafórico e do objeto nulo (cf. FREIRE, 2005, 2011). Tais resultados estão em conformidade com outros estudos linguísticos que investigam a modalidade oral e que atestam para o gradual abandono do clítico no PB (FREIRE, 2005, 2011). Em contrapartida, diferentemente da variedade brasileira, no PE o clítico é predominante ao longo de todo o contínuo. De acordo com Freire (2011), esses dados corroboram

(...) a afirmação de Berlinck (1996), segundo a qual a expressão do dativo anafórico de terceira pessoa na variedade lusitana corresponde ao paradigma proposto para a língua padrão nas gramáticas que servem de base ao ensino de português no Brasil, isto é, o uso da forma <lhe>. Isso é revelador quando se pensa na imensa distância entre a prescrição gramatical e o uso brasileiro. (FREIRE, 2011, p. 29)

Os resultados sobre o dativo anafórico de 3SG revelam, portanto, diferenças significativas entre o PB e o PE. Enquanto o clítico, na variedade lusitana é a estratégia preferencial, constata-se que, no PB, apesar da influência da tradição literária, essa forma já está em competição com outras variantes (SPREP anafórico e objeto nulo) na modalidade escrita (FREIRE, 2005, 2011).

Gomes (2007) investigou o uso variável do dativo nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Extra* e *O Povo* editados entre agosto de 2002 e fevereiro de 2004. Dentre as formas alternantes de expressão do complemento verbal dativo, verifica-se que o ãclíticoö foi a variante mais frequente em todas as pessoas do discurso, cf. Gomes, (2007, p. 11).

1ª PESSOA: *clítico* (79%), *objeto nulo* (17%) e *SPREP* (04%).

2ª PESSOA: *clítico* (60%), *objeto nulo* (32%) e *SPREP* (08%).

3ª PESSOA: *clítico* (48%), *objeto nulo* (20%) e *SPREP* (32%).

A alta frequência dos clíticos na escrita jornalística (79% (1SG), 60% (2SG), 48% (3SG)) evidencia não só o conservadorismo da influência da norma-padrão, mas também o inovadorismo em relação ao objeto nulo (32% (2SG)) e ao SPREP anafórico

(32% para a 3SG). Enquanto, na fala, os clíticos de 3SG praticamente desapareceram, verifica-se, no texto jornalístico, sua predominância em relação às demais formas dativas, revelando assim um conservadorismo da modalidade escrita. A inovação, por sua vez, pode ser observada na seção Horóscopo, uma vez que õ(...) todas as referências à 2ª pessoa sob forma de clítico²³ são com a forma pronominal de terceira pessoa, assim como as referências usando sintagma preposicionado são com o pronome você. Em relação à alternância entre as preposições *a/para*, constatou-se que, diferentemente da modalidade falada, predominou a preposição *a* nas amostras de escrita jornalística analisadas. No total, foram contabilizadas 136 ocorrências da preposição *a* (77,5%), 39 de *para* (22%) e apenas 01 ocorrência em que a preposição estava *nula* (0,5%). Tal variação ocorreu não só em complementos de verbos bitransitivos, mas também com os complementos de verbos leves e verbos que acarretam transferência no espaço (GOMES, 2007).

O *gênero discursivo* e o *tipo de verbo* foram os grupos de fatores selecionados pelo Programa VARBRUL para a aplicação da preposição *a* (cf. GOMES, 2007). A tabela 03 a seguir exposta apresenta os resultados quantitativos obtidos:

GRUPOS	FATORES	APLIC./TOTAL	%	P.R.
GÊNEROS TEXTUAIS	Editorial	19/21	90	.76
	Crônica	53/61	87	.66
	Opinião	11/12	92	.64
	Notícia	17/23	74	.54
	Esporte	15/20	75	.39
	Horóscopo	21/38	55	.15
TIPOS DE VERBO	verbo leve	29/35	83	.75
	- transf. material	86/110	78	.49
	+ transf. material	19/23	83	.37
	desloc. espacial	2/7	29	.05

Tabela 03: Distribuição da preposição *a* em função dos grupos de fatores selecionados, cf. Gomes (2007, p. 15)

Observa-se que a preposição *a* foi predominante em todos os gêneros textuais, mas sua utilização decresce de acordo com o nível de formalidade do texto. No *editorial* e no *artigo de opinião*, por exemplo, nota-se maior favorecimento dessa variante formal, diferentemente do que ocorre nas seções de *esporte* e *horóscopo*. Já em relação

²³ (4) õIsto *lhe permitirá* um equilíbrio para que em outros momentos, você possa fugir das regraõ (Extra, Horóscopo), cf. Gomes (2007, p. 12).

aos resultados sobre os tipos de verbo, a autora conclui que a utilização da preposição *a* é mais favorecida em relações consideradas [+abstratas] entre o verbo e o complemento, corroborando os resultados alcançados por Gomes (2003) com base na amostra de dados da Amostra Censo (1980).

Em síntese, verifica-se que os estudos linguísticos sincrônicos com base na modalidades falada e escrita do PB destacam uma diversidade de estratégias de complementação verbal dativa (clítico, sintagma preposicionado com pronome tônico, sintagma preposicionado com SN pleno, dativo nulo e ausência de preposição), evidenciando significativas evidências de uma pluralidade de formas dativas inovadoras como, por exemplo, dativo nulo e SPREP com a presença e ausência de preposição, rechaçadas pela gramática tradicional (cf. FREIRE, 2005, 2011; GOMES, 2007; NASCIMENTO, 2009; CAMPOS, 2010).

Passa-se, na sequência, à exposição dos resultados de análises diacrônicas acerca do complemento verbal dativo no PB em sincronias passadas.

1.4.2. A complementação verbal dativa de 2SG à luz dos estudos linguísticos: resultados de pesquisas diacrônicas.

Com o intuito de descrever o uso variável do dativo em sincronias passadas do PB, sintetizam-se os principais resultados de algumas pesquisas linguísticas que tiveram como foco não só o complemento verbal dativo, mas também os contextos de complementação verbal de 2SG (acusativa, dativa e oblíqua) em sincronias passadas do PB (cf. BERLINCK, 2005; LOPES E CAVALCANTE, 2011; ARAÚJO, 2014; OLIVEIRA, 2014; RUMEU, 2015 e RUMEU E OLIVEIRA, 2016).

Berlinck (2005) investigou a produtividade do OI com base na análise de textos dos séculos XVIII, XIX e XX (narrativas, transcrições de inquéritos e peças de teatro). Considerando que os dados do PB contemporâneo revelam que o objeto nulo é a forma preferencial dos falantes brasileiros, é importante verificar se isso se deve à $\tilde{\alpha}$ (...) uma característica inerente a esse tipo de complemento ou se resulta de um processo de mudança similar àquele que levou ao desuso do pronome clítico acusativo \tilde{o} (cf. BERLINCK, 2005, p. 126).

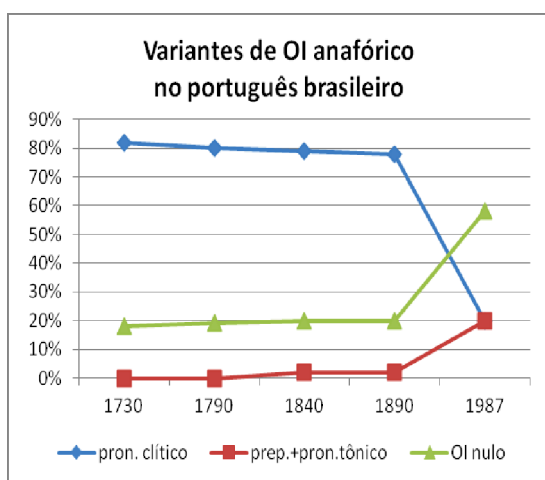


Gráfico 02: O OI no PB adp. de Berlinck (2005, p. 127).

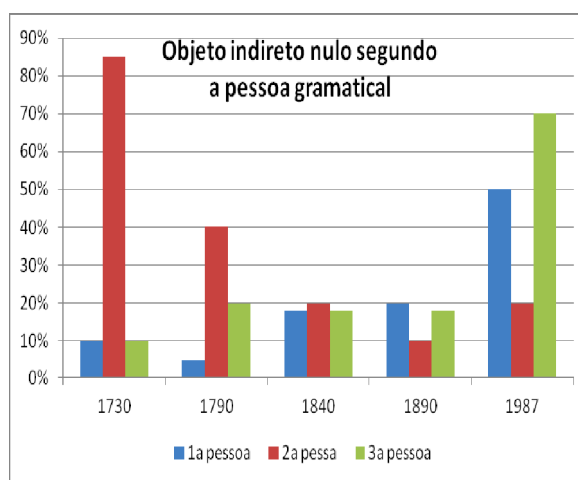


Gráfico 03: O OI seg. a pessoa adp. de Berlinck (2005, p. 128).

A partir de fins do século XIX (gráfico 02), observa-se um decréscimo expressivo do uso do clítico (João *lhe deu* o livro), ao passo que para o OI nulo (João *deu* o livro [cv²⁴]) e para o SPREP com pronome tônico (João deu o livro {*para, a*} *ele*) verificam-

²⁴ Lê-se \tilde{o} categoria vazia (cf. BERLINCK 2005, p.125)

se maiores índices de produtividade. Em relação ao papel das pessoas do discurso, constata-se que, a frequência do OI nulo de 1SG e 3SG aumenta significativamente depois do século XIX (cf. gráfico 03), diferentemente do uso do dativo nulo de 2SG que é mais alto nos *corpora* setecentistas, o que pode ser justificado pelo gênero textual, uma vez que

A formalidade, que marca o tom da maior parte dos documentos, leva à preferência pelas formas de tratamento indicadoras de respeito e que marquem, de modo inequívoco, o *status* do destinatário e a postura humilde do remetente. Assim, o que se vê nos dados são casos de sintagmas preposicionados que incluem expressões como Vossa Excelência, Vossa Reverendíssima, Vossa Majestade. Estabelecida a natureza da relação que une remetente e destinatário, a maior parte das referências subsequentes ao destinatário se faz por meio do OI nulo. O objeto nulo, na sua neutralidade camaleônica, adota o valor de seu antecedente; nesse caso, além dos traços de pessoa e número, empresta e expressa um grau alto de formalidade.

(BERLINCK 2005, p. 129)

Já o clítico *lhe* é interpretado com um grau intermediário de ãformalidade/intimidadeõ tendo em vista o fato de estar correlacionado ao pronome de 2SG *Vossa Mercê* no contexto de um relato setecentista (1785) levantado por Berlinck (2005, p. 130).

(40) õ(...) não deixo de lembrar-me de Vmcê (êste tratamento é de amigo) muitas vêzes, e do tempo passado com muitas saudades, (...) Intentei mandar-lhe um extrato do Roteiro que fiz na minha viagem do Sertão, porém é comprido, tem alguns erros e emendas, e eu só entendo a letra, e porisso só eu podia copiar, mas não há tempo. (*Relatos monçoeiros*, 1785) (TAUNAY, 1953)²⁵õ

Voltando o foco especificamente para a influência do tipo de verbo na projeção do OI, Berlinck se preocupa com as suas categorias semânticas prototípicas (transferência material, transferência verbal e perceptual, movimento físico, ãmovimentoø abstrato, interesse, movimento, ãmovimentoø psicológico) na projeção de estruturas dativas no PB.

Os verbos de *transferência material* e de *transferência verbal e perceptual* predominaram tanto nos documentos do PB contemporâneo, quanto nos documentos dos séculos XVIII e XIX. Em relação à produtividade do OI relacionado ao tipo de verbo e à pessoa do discurso nos dados do PB, Berlinck observou que na referência à

²⁵ Exemplo apresentado por Berlinck (2005, p. 130).

1SG, à 2SG e à 3SG prevaleceram, respectivamente, em 73%, 26% e 86% dos dados, em contexto de *verbos de transferência verbal/perceptual*, cf. Berlinck (2005, p. 132). Segundo a autora, o incremento do OI nulo de 3SG se deu principalmente com *verbos de transferência verbal/perceptual* tais como *dizer, perguntar e mostrar*.

No que se refere ao percurso histórico do OI nulo de 1SG e 3SG especificamente com verbos de transferência verbal/perceptual, Berlinck além de constatar, já no século XVIII, a produtividade variável do OI nulo, observa também que a partir da 2ª metade do século XIX o nulo tende a se fixar no PB na referência à 3ª pessoa gramatical. Tal constatação vai ao encontro da percepção de Tarallo (1993) acerca do final do século XIX como o período em que parece irromper a gramática brasileira do português.

Lopes e Cavalcante (2011) com base na análise de 124 missivas pessoais escritas no Rio de Janeiro em fins do século XIX e na primeira metade do século XX investigaram principalmente a correlação entre a expansão do *você-sujeito* e a manutenção do clítico *te* como complemento verbal acusativo e dativo, atentando não só para as demais estratégias de complementação verbal (*te, lhe, zero, o/a, a você, para você, PREP+ti, PREP+você, contigo*) em contextos de acusativo, dativo e oblíquo, mas também as consequências da inserção do *você* (sujeito) no quadro pronominal do PB.

No que se refere especificamente ao complemento verbal dativo, foram identificados 208 dados e seis estratégias distintas para a referência à 2SG: *te* (116 ocorrências, 56%), *dativo nulo* (43 ocorrências, 21%), *lhe* (28 ocorrências, 13%), *para você* (09 ocorrências, 4,3%), *a você* (07 ocorrências, 3,4%) e *prep. + ti* (05 ocorrências, 2,4%). Ao correlacionar o tratamento empregado na posição de sujeito às estratégias dativas de 2SG, constata-se que, nas cartas de *tu-exclusivo* e nas cartas *mistas* (*tu ~ você*), predominou o uso do clítico *te* com índices de 79,1% e 68,4%, respectivamente. Nas cartas de *você-exclusivo*, verifica-se um equilíbrio entre três estratégias: *dativo nulo* (30,4%), *lhe* (28,6%) e *te* (26,8%). Já nas cartas de *senhor(a)*, as variantes mais produtivas foram o *dativo nulo* (54,5%) e o clítico *lhe* (45,5%). A distribuição das variantes dativas de 2SG ao longo do período em análise evidenciou um equilíbrio entre os clíticos *te* e *lhe* com frequências percentuais próximas de 50% nas últimas décadas do século XIX (1870-1899). A partir da primeira década do século XX, assim como nas décadas posteriores, identifica-se uma acentuada queda no uso de *lhe*, bem como nota-

se um crescimento, a partir período de 1910-20, do uso do *dativo nulo* (37,5%) que, por sua vez, passa a competir com o clítico *te* (40%). Segundo as autoras, esse período coincide exatamente com o momento em que o *você* aumenta sua produtividade na posição sintática de sujeito (cf. LOPES e CAVALCANTE, 2011). Por fim, na última fase (1930-39), momento em que predominam as missivas com tratamento *misto* (*tu ~ você*), observou-se que o clítico *te* se constituiu como a estratégia dativa mais produtiva (69%), havendo um pequeno aumento da forma *para você* (de 02% para 08%), ao passo que as formas *lhe* e *a você* apresentaram-se em constante queda com frequências próximas de zero.

Para Lopes e Cavalcante (2011), ao considerar a noção de encaixamento (cf. WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968), os padrões quantitativos da pesquisa parecem revelar indícios de implementação da mudança. De acordo com as autoras,

O período de tempo analisado parece indicar que estamos diante de três subsistemas que envolvem as consequências da variação *tu/você* na posição de sujeito. No primeiro subsistema, que apresenta a supremacia de *tu*, a forma de acusativo e dativo mais frequente é o clítico *te*; no segundo subsistema, em que havia mistura de tratamento entre *tu* e *você*, surge uma forma de dativo que tanto pode estar relacionada a *tu* como a *você*, a variante nula; no terceiro subsistema, em que prevalece o uso de *você*, a forma *te* passa a ser a forma preferida para o dativo. (LOPES E CAVALCANTE 2011, p. 61)

Por fim, as autoras interpretam que a combinação *você* (sujeito) com *te* (complemento acusativo ou dativo) não pode ser considerada uma ãmistura de tratamento, uma vez que tanto o *você*, quanto o *te* apresentam os mesmos traços semânticos: o traço de 2SG [-EU], cf. Lopes e Cavalcante (2011, p. 61), à luz de Lopes e Rumeu (2007).

Oliveira (2014) investigou a variação das formas alternantes de expressão do complemento verbal dativo de 2SG (*te, lhe, a ti, para ti, a você, para você, zero*), bem como os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionaram o uso dessas variantes. Para tanto, analisaram-se 318 cartas pessoais²⁶ escritas por cariocas e

²⁶ As cartas que compõem o *corpus* são marcadas pela heterogeneidade não só no plano linguístico, mas também no nível social (...), uma vez que foram reunidos ãnessa amostra desde documentos escritos por brasileiros ilustres, como o médico e sanitarista Oswaldo Cruz e o ex-presidente da república Affonso Pena até cartas trocadas por um casal de noivos, completamente anônimos, cujas cartas foram recolhidas do lixo (OLIVEIRA, p. 89).

fluminenses durante um século (1880-1890). Nos documentos analisados, foram levantados 811 dados de dativo de 2SG dentre os quais mais da metade dos dados (464 dados, 57,2%) correspondem ao clítico *te*. A segunda variante mais frequente foi o *dativo nulo* (181 dados, 22,3%) e em sequência o clítico *lhe* (92 ocorrências, 11,3%). Por outro lado, os sintagmas preposicionados apresentaram baixa frequência: *para você* (28 dados, 3,4%), *a ti* (22 ocorrências, 2,7%), *a você* (21 dados, 2,6%) e *para ti* (03 ocorrências, 0,4%).

Ao correlacionar as variantes dativas à forma pronominal usada na posição sintática de sujeito, constatou-se que as estratégias pronominais dativas se mostraram condicionadas pelo pronome-sujeito de 2SG, cf. Oliveira (2014, p. 108). Já o uso do *dativo nulo* e o clítico *te* não seguem a mesma regra que as demais variantes. Como o *objeto nulo* não está associado a um paradigma específico, sua utilização também não se restringe a um dos pronomes de 2SG (*tu* ou *você*). Sendo assim, ao analisar as 181 ocorrências de *dativo nulo* considerando o subsistema pronominal, é possível observar um equilíbrio na distribuição dos dados. Nas cartas em que o remetente utilizou somente o *você*, foram somadas 80 ocorrências (29,1%) de *dativo nulo*, nas cartas com uso exclusivo de *tu* 35 dados (14,2%), e nas cartas em que o remetente mesclou o tratamento (*você ~ tu*) 50 ocorrências de (19,2%) *dativo nulo*. Os outros dados foram computados em missivas nas quais o remetente utilizou formas diferentes de *tu* e *você*, como *o senhor* e *a senhora*. Essas foram as formas de tratamento de 2SG que menos favoreceram o uso do *dativo nulo*, totalizando apenas 16 ocorrências.

Já em relação ao clítico dativo *te*, Oliveira (2014, p. 110) afirma que os dados corroboram a assertiva de alguns especialistas segundo a qual essa variante $\tilde{\alpha}$ (...) constitui a estratégia preferida para a expressão da segunda pessoa do singular em posição de objeto do verbo. Dentre as quatro formas de tratamento constatadas na posição de sujeito (uso exclusivo de *você*, uso exclusivo de *tu*, *você* em variação com o *tu*, *o/a senhor(a)*), o clítico *te* foi a mais frequente em três dessas possibilidades. Sua frequência só não foi predominante nas cartas de uso exclusivo do *você*, uma vez que foram apenas 85 dentre as 275 ocorrências (30,9%) de estratégias dativas de 2SG nas cartas de *você-sujeito*.

Em relação à estrutura argumental dos predicadores verbais, Oliveira constatou que a projeção das variantes dativas se deu com verbos de dois lugares com argumento interno objeto indireto (SU V OI) e com verbos ditransitivos (SU V OD OI) à luz de Duarte (2006, p. 296-299 *apud* Mateus *et alli* 2006). Constata-se que os predicadores ditransitivos favoreceram o uso do clítico dativo, uma vez que foram constatados 94,8% dos dados de *te* e 93,4% de *lhe* projetados por verbos ditransitivos. Assim como os clíticos, o uso do *dativo nulo* também foi mais favorecido com os verbos ditransitivos, sendo contabilizada apenas uma única ocorrência dessa variante com um predicador de dois lugares (*telefonar*), referendando a ã(...) possível hipótese de simplificação da estrutura verbal que se automatiza com um argumento externo e um interno apenas, daí o apagamento do OIö, cf. Oliveira (2014, p. 112).

Ao examinar o valor semântico dos predicadores com os quais os complementos dativos de 2SG ocorreram, verifica-se a produtividade dos verbos de transferência *material* e *verbal/perceptual* (699 dentre as 811 ocorrências). Contudo, os verbos de transferência *verbal/perceptual* apresentaram uma frequência ainda maior, pois por se tratar

(...) de uma amostra de língua escrita, na qual os indivíduos trocam informações diversas (pedidos, notícias de familiares, conselhos etc), as õtransferênciasö em questão envolvem atos comunicativos, marcados pela presença dos verbos *dicendi*: *dizer*, *contar*, *falar*, *perguntar*, *prometer*, *responder*, dentre outros (...).

(OLIVEIRA 2014, p. 116)

Além dos predicadores que expressam *transferência*, foram contabilizados 65 ocorrências de verbos de *movimento físico*, 19 de *interesse*, 18 de *movimento abstrato*, 09 de *movimento psicológico* e 01 de *movimento* (cf. OLIVEIRA, 2014). Em todas essas categorias o clítico *te* foi a variante mais utilizada:

(...) dentre os verbos de transferência verbal e perceptual e de movimento psicológico, cerca de 60% das ocorrências; entre os verbos de transferência material e movimento físico, em torno de 50%; com os verbos de interesse, 47,4%; com os verbos de movimento abstrato 38,9%.

(OLIVEIRA, 2014, p. 119)

Um fator de natureza extralingüística analisado foi a interferência do subgênero da carta (*pessoal*, *familiar*, *amorosa*) na escolha das variantes dativas de 2SG. Mais uma vez o clítico *te* se mostrou õisentoö a qualquer restrição, sendo a forma mais produtiva

nos três subgêneros, totalizando um índice de 46,8% nas cartas *personais*, 55,2% nas cartas *familiares* e 66,3% nas cartas *amorosas*. Segundo o autor, o uso da forma *te* não segue uma orientação discursiva, sociopragmática, na qual estariam em jogo os papéis sociais desempenhados por quem escreve e por quem recebe a carta (OLIVEIRA, 2014, p. 126). Por outro lado, o uso clítico do *lhe* está condicionado ao subgênero da carta pessoal, sendo sua frequência maior em missivas *personais* e *familiares*, e seu uso desfavorecido nas missivas *amorosas*, nas quais foram contabilizadas apenas duas ocorrências (cf. OLIVEIRA, 2014). No total, foram apurados 45 dados do clítico *lhe* tanto nas cartas *personais*, quanto nas *familiares*, contudo, os percentuais de frequência indicam que o contexto que mais favoreceu seu uso foi o de menor grau de intimidade, ou seja, nas missivas pessoais. Outra forma variante de dativo analisada foi o sintagma preposicionado *a ti*. No total, foram encontradas 22 ocorrências no *corpus*, sendo 15 extraídas de cartas amorosas (68,1%), o que pode ser justificado pelo

(...) fato de a utilização do pronome *tu* ser uma convenção do discurso lírico-amoroso para se reportar à pessoa amada como uma estratégia que marca maior intimidade desde sua origem em oposição ao *você* que, advinda do tratamento *Vossa Mercê*, indicava maior distanciamento.

(OLIVEIRA 2014, p. 128)

Como o sintagma preposicionado *a ti* é uma forma correlata do paradigma de *tu*, justifica-se sua maior ocorrência em epístolas amorosas, tendo em vista que se trata de um contexto de maior intimidade entre os interlocutores.

Atentando-se para a *uniformidade de tratamento*, Oliveira (2014) investigou se existiria alguma explicação de natureza histórica para justificar a manutenção desse conceito nas gramáticas e livros didáticos contemporâneos. Contudo, os resultados de sua dissertação demonstraram que a *uniformidade tratamental* já não era uma realidade linguística concreta na escrita epistolar de fins do século XIX e quase todo o século XX (OLIVEIRA 2014, p. 159). O autor destaca, por exemplo, que foram encontrados dados relevantes que atestam o uso do *você* (sujeito) combinado ao *te* (dativo) até mesmo na escrita de pessoas mais cultas que dominavam a língua escrita.

Com base em 186 cartas cearenses confeccionadas entre 1940 e 1990 por informantes do município de Quixadá, no Ceará (nordeste brasileiro), Araújo (2014)

analisou a dinâmica *te/lhe* à luz da sociolinguística variacionista, cf. Weinreich *et alii* (1968), Labov (1994). Dentre as 481 ocorrências das formas pronominais, o *lhe* foi a estratégia mais produtiva, em 50,9% dos dados, ao passo que o *te* se mostrou em 49,1%. A concorrência entre tais formas pronominais se mostrou acirrada. Apesar disso, constatou-se que, nos contextos de verbos *dicendi*, a forma *lhe* foi preferida (60,8%), atuando muito mais como complemento verbal dativo principalmente com o verbo *comunicar*, cf. Araújo (2014, p. 133). Em relação ao *lhe*-dativo, observou o autor que este prevaleceu entre os anos de 1940 e 1970, enquanto o *te* predominou, entre as décadas de 80 e 90 do século XX, assumindo maior produtividade entre os escreventes cearenses mais jovens, cf. esclarece Araújo (2014, p. 135).

Através da análise de 128 missivas (63 mineiras e 65 cariocas), Rumeu (2015) investigou, no período de 1850 a 1950, as diferentes estratégias de complementação verbal de 2SG em estruturas de acusativo, dativo e oblíquo. Voltando-se especificamente para os resultados relacionados ao complemento verbal dativo, que se constitui como objeto de estudo desta dissertação, constata-se que, nas cartas mineiras, as formas dativas produtivas foram *te* (38%), *lhe* (26,5%), *dativo nulo* (14%), *a você* (08%), *para você* (03%), *a ti* (02%), *a vossa mercê* (3,5%) e *vos* (05%), enquanto nas missivas cariocas, observa-se a produtividade das formas *te* (60%), *lhe* (37,6%), *a você* (1,2%), *para ti* (0,6%) e *dativo nulo* (0,6%). Rumeu (2015) identificou três estratégias de referência ao sujeito de 2SG que foram comuns tanto nas missivas mineiras, quanto nas missivas cariocas: cartas de *você-sujeito*, cartas de *tu-sujeito* e cartas mistas (*tu ~ você*). No entanto, outras possibilidades também foram evidenciadas nas missivas mineiras, nas quais se identificou também cartas de *vossa mercê*, cartas de *vossa mercê* e *senhor*, e cartas de *vós* e *você*. Ao correlacionar as variantes dativas aos pronomes sujeito de 2SG, a autora constatou, nas produções escritas de mineiros e cariocas, a predominância do clítico *te* nas cartas de *tu-sujeito* e mistas (*tu ~ você*). Por outro lado, nas cartas de *você-sujeito*, prevaleceu a forma *lhe* nas missivas cariocas (78%), ao passo que, nas missivas mineiras, observa-se uma competição entre as formas *lhe* e *te*, com frequências de 35% e 30%, respectivamente. Já nas cartas de *vossa mercê* e de *vossa mercê* e *senhor*, observou-se o predomínio da forma *lhe* (59% e 100%, respectivamente), enquanto nas cartas de *vós* e *você* predominou a forma *vos* (75%).

Rumeu (2015) analisou também a distribuição quantitativa das variantes dativas de 2SG por três lapsos temporais (fases) num intervalo maior de cem anos: Fase I (1850-1901), Fase II (1902-1927) e Fase III (1928-1950). Nas missivas mineiras, constatou-se uma concorrência entre as formas *lhe* (fase I: 13% fase II: 11%, fase III: 76%), *dativo nulo* (fase I: 10%, fase II: 25%, fase III: 65%) e *te* (fase II: 70%, fase III: 30%), apresentando as demais estratégias dativas um baixo número de ocorrências. Já nas missivas cariocas, observou-se a competição é entre os clíticos *te* (Fase I: 17%, Fase II: 60%, Fase III: 23%) e *lhe* (Fase I: 16%, Fase II: 37%, Fase III: 47%), exibindo as demais estratégias baixas frequências de uso nas missivas analisadas. Em síntese, os resultados da pesquisa de Rumeu (2015) revelam que a fase II, que abrange os anos de 1902 a 1927, mostrou-se como o período de ascensão gradual do *você-sujeito*, principalmente, nas cartas mineiras, assim como o momento da ascensão do *te*-dativo nas missivas mineiras e cariocas, apesar de o clítico *lhe* também estar em ascensão. Segundo a autora,

O fato de o período de maior produtividade do *você-sujeito*, a partir da fase II (1902 e 1927), ser também o momento em que *te* e *lhe* disputam o mesmo espaço funcional como complementos de 2P coincide com o período em que o PB passou por um processo de reorganização do seu sistema pronominal em virtude da inserção do *você*, que (...) se deu entre os anos 25 e 45 do séc. XX, cf. Rumeu (2013:278). (RUMEU 2015, p.102-103)

Através da análise de cartas produzidas por um casal de noivos cariocas entre os anos de 1936 e 1937, Rumeu e Oliveira (2016) investigaram as estruturas de complementação e de adjunção verbal e não-verbal pelas quais o *você não-sujeito* se firmou como um legítimo pronome de 2SG à luz dos princípios gerais da sociolinguística histórica (Conde Silvestre 2007; Hernández-Campoy & Conde Silvestre, 2012), buscando discutir o problema do encaixamento estrutural e social cf. Weinreich, Labov e Herzog (1968).

Em síntese, os resultados da pesquisa revelaram que as relações sintáticas oblíquas de complementação e dativas projetadas por predicadores verbais foram as que mais favoreceram a utilização das formas de *você não-sujeito* (cf. RUMEU e OLIVEIRA, 2016). No que se refere exclusivamente à expressão do complemento verbal dativo de 2SG, *te* e *zero* mostraram-se como as estratégias mais produtivas com

71% (124/174) e 13% (23/174) dos dados. Considerando especificamente as formas pronominais não-sujeito consubstanciadas na forma *você* (*você, para você, a você, prep+você*), observam-se as maiores frequências de uso para a função oblíqua de complementação, 63% (36 oco), seguidas pelas construções dativas, 21% (12 oco), e acusativas, 16% (09 oco). Nas relações oblíquas de complementação, prevaleceu a forma *a você*, 63% (36/57 oco), ao passo que nas relações dativas houve a preferência pelas formas *para você*, 67% (08/12 oco), e *a você*, 33% (04/12 oco). Em relação ao encaixamento social, os autores interpretaram a informante feminina como a mais propensa à expressão dos dados de *você não-sujeito* o que aponta, ainda que modestamente em virtude das restrições estabelecidas pelo tipo da amostra (cartas amorosas trocadas entre noivos cariocas entre os anos de 1936 e 1937), a força da figura feminina ao encaminhar-se na direção histórica da mudança linguística, cf. discutido por Rumeu (2013) acerca da inserção do *você* no sistema pronominal do PB.

Após exposição dos principais resultados dos estudos diacrônicos sobre o complemento verbal dativo do PB, apresenta-se, na sequência, uma síntese do capítulo.

SÍNTESE DO CAPÍTULO

Dentre as questões discutidas neste capítulo destacam-se alguns pontos principais: a hesitação por parte dos gramáticos tradicionalistas em considerar a legitimidade do *você* como um pronome pessoal de 2SG; o conservadorismo e a manutenção da *uniformidade de tratamento* nos compêndios normativos; as consequências da reestruturação do quadro pronominal do PB; a absoluta liberdade, no âmbito da perspectiva descritivista, em poder correlacionar os pronomes de 2SG (*tu* e *você*) aos pronomes-objeto; a influência da origem geográfica do falante na escolha de uma forma sujeito X e uma forma objeto Y; a insuficiência da NGB perante a descrição dos fenômenos linguísticos do PB; os diferentes critérios (formais, lexicais e sintáticos) necessários para diferenciar o OI do CR ou OBL; a caracterização do complemento verbal dativo: a cliticização em *lhe*, a diversidade de papéis semânticos (*/alvo, /fonte/, /beneficiário/*), o traço [+ animado] como uma característica relevante; as formas alternantes de expressão do complemento verbal dativo atestadas pelos estudos linguísticos sincrônicos e diacrônicos (*clíticos, sintagmas preposicionados, dativo nulo*); a alternância das preposições (*a* e *para*) que encabeçam os sintagmas

preposicionados; o emprego majoritário do clítico dativo no PE; aspectos conservadores e inovadores na escrita jornalística brasileira; o emprego majoritário do clítico *te* na função dativa de 2SG e a produtividade do *dativo nulo*.

Em suma, os resultados das análises linguísticas com base em textos escritos em sincronias passadas do PB (BERLINCK, 2005; LOPES E CAVALCANTE, 2011; OLIVEIRA, 2014; ARAÚJO, 2014; RUMEU, 2015 e RUMEU E OLIVEIRA, 2016) oferecem importantes contribuições não só a respeito do dativo de 2SG, mas também acerca dos demais contextos de complementação e de adjunção. Berlinck (2005) constatou que após os anos finais do século XIX houve um decréscimo significativo na utilização do *clítico* na expressão do OI anafórico. Em contrapartida, nesse mesmo período, ocorreu um aumento expressivo no uso do OI *nulo* e do *sintagma preposicionado com pronomes tônicos*. Voltando-se especificamente para a análise do *dativo nulo*, a autora constatou que a 3SG foi a que mais favoreceu sua ocorrência. Já em relação ao *objeto nulo* de 2SG, constata-se que sua frequência foi maior nas amostras de textos setecentistas. Além disso, observa-se que, tanto nos dados do PB contemporâneo, quanto nos documentos do século XVIII e XIX, os verbos de transferência (*material e verbal/perceptual*) foram os que mais favoreceram o uso do *dativo nulo*. Levando em conta os resultados gerais da pesquisa, é possível afirmar que o crescimento no uso do *dativo nulo* se iniciou nos casos de referência à 3SG e com os verbos de transferência *verbal/perceptual*. Já na pesquisa de Oliveira (2014), constatou-se que o clítico *te* foi predominante nas cartas de *tu-sujeito*, de *você-sujeito* e nas cartas mistas, o que também foi confirmado em relação aos três subgêneros de missivas (*pessoais, familiares, amorosas*), comprovando a alta superioridade desse clítico nas cartas cariocas (séculos XIX e XX). Além do clítico *te* também foi comprovado que o uso do *dativo nulo* também não foi condicionado pela forma pronominal utilizada na função de sujeito de 2SG, o que é interpretado pelo autor como consequência de o *objeto nulo* não estar associado a um paradigma específico (*tu* ou *você*). Também em relação às cartas pessoais cariocas, Lopes e Cavalcante (2011) não só evidenciaram a alta produtividade do *te-dativo*, mas também se mostraram a favor do fato de que não há mistura de tratamento tendo em vista se tratar de formas idênticas em relação ao traço de 2SG [-EU]. Nas missivas cearenses, a competição *te/lhe* se mostrou vigorosa, favorecendo o *lhe-dativo* como o OI dos verbos *dicendi*, cf. Araújo (2014). Para as

missivas mineiras (1850-1950), Rumeu (2015) observou que as formas *te*, *lhe* e *zero* se comportaram como as mais produtivas, ainda que *te* e *lhe* tenham se mostrado com um maior nível de modo geral na escrita mineira. Nas missivas amorosas (séc. XX), Rumeu e Oliveira (2016) constataram que as formas *te* e *zero* alcançaram os maiores índices percentuais na representação do dativo de 2SG, ainda que para as formas do paradigma de *você* as estratégias *para você* e *a você* prevaleceram na função da dativa.

CAPÍTULO 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O desenvolvimento da Sociolinguística se deu também em razão da combinação de vários fatores, entre eles, o fortalecimento de uma *episteme* neopositivista (a intitulada revolução quantitativa), o descontentamento no âmbito da linguística com as teorias estruturalistas e gerativistas e o surgimento de vários campos de pesquisa linguística que analisam de modo inovador o uso da língua em correlação com fatores sociais e culturais²⁷ (cf. CONDE SILVESTRE, 2007). Desde o final da Segunda Guerra Mundial, os princípios neopositivistas guiaram as investigações nas ciências naturais e, por conseguinte, nas ciências humanas. A influência neopositivista foi determinante para o desenvolvimento das pesquisas históricas, tanto nas ciências humanas em geral, como na linguística em particular, uma vez que o próprio nascimento da linguística moderna está vinculado aos ã(...) esforços dos comparatistas por estender os métodos de análise da ciência natural aos objetos linguísticos, numa tentativa de conferir ao seu estudo um status científico²⁸ (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 20). Segundo Conde Silvestre (2007), vários parâmetros teórico-metodológicos foram instaurados com vigor nesse período, dentre os quais, destacam-se:

(...) a fundamentação empírica do trabalho científico, o uso das linguagens lógico-matemáticas para sua formalização (como a estatística no âmbito das ciências humanas), a própria necessidade de desmentir ou comprovar as conclusões, e o caráter explicativo e preditivo dessas conclusões (...).

(CONDE SILVESTRE, 2007, p. 23)²⁹

A utilização desses novos procedimentos contribuiu para organizar metodologia própria para o trabalho com *corpora* históricos que se pretende distinguir da simples

²⁷ Outro fator que também é citado por Conde Silvestre (2007) como determinante para o desenvolvimento da Sociolinguística é a modernização das sociedades ocidentais após a Segunda Guerra Mundial. De acordo com Mattheier (1980, p. 146-147) *apud* Conde Silvestre (2007, p. 25), tal processo ã(...) va acompañado de un despegue económico notable, ligado a la industrialización y a la expansión tecnológica, desencadenante de un aumento de la movilidad social y geográfica, de una mejora de los sistemas de comunicación y de la educación, pero también de cierta acentuación de las diferencias sociales en función de la especialización laboral y, lo más relevante para la instauración de la sociolingüística, del desarrollo de grandes ciudadesö.

²⁸ ã(...) los esfuerzos de los comparatistas por extender los métodos de análisis de la ciencia natural a los objetos lingüísticos, en un intento por conferir a su estudio un estatus científico (...)ö, cf. Conde Silvestre (2007, p. 20)

²⁹ ã(...) la fundamentación empírica del trabajo científico, el uso de lenguajes lógico-matemáticos para su formalización (como la estadística en el ámbito de las ciencias humanas), la propia necesidad de falsación o verificabilidad de las conclusiones, y el carácter explicativo y predictivo de las mismas (...)ö, cf. Conde Silvestre (2007, p. 23)

especulação teórica (cf. ROBINS, 1979, p. 166 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007, p. 20). Diferentemente de outras concepções, objetiva-se, nesse contexto,

(...) recobrar a língua dentro de sua dimensão histórica, o que, em pouco tempo, leva ao pleno desenvolvimento de metodologias específicas das ciências humanas que buscam a imersão total do ser humano em sua historicidade.

(cf. FOUCAULT, 1966, p. 228-232 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007, p. 20)³⁰

O segundo fator citado por Conde Silvestre (2007) como relevante para a evolução da Sociolinguística está relacionado à insatisfação com as concepções estruturalistas e gerativistas. Ambas as teorias formularam conceitos de grande aceitação na linguística histórica e contribuíram bastante para a compreensão de alguns *fatores intrassistêmicos* que podem atuar no favorecimento da mudança linguística. No entanto, ao priorizar a análise dos aspectos linguísticos em detrimento dos aspectos sociais, esses pressupostos teórico-metodológicos parecem limitar as possibilidades de investigação das línguas humanas em sua plenitude (cf. CONDE SILVESTRE, 2007).

Nessas investigações linguísticas vigentes durante o século XX, adotava-se como ponto de partida as dicotomias saussureanas (*sincronia/diacronia, língua/fala*) e o foco das análises era direcionado, sobretudo, aos primeiros elementos de cada um dos binômios. Tais encaminhamentos teóricos levavam ao entendimento de que a língua era um *sistema homogêneo*, estruturado em diferentes estados autônomos que se manifestavam no decorrer do tempo. Por outro lado, a sociedade era considerada *um fator alheio às operações próprias da linguagem e se trata a possível influência dos fatores sociais sobre sua constituição como se fosse um acontecimento pontual e assistemático*³¹ (LABOV 1972, p. 330 *apud* CONDE SILVESTRE 2007, p. 75).

Nas propostas estruturalistas e gerativistas, a previsão é a de que o foco das análises linguísticas está na investigação do equilíbrio do sistema linguístico. Assim sendo, a homogeneidade do sistema linguístico precisa ser reestruturada quando afetada pela mudança, visto que esta exerce um papel *regulador*, mas ao mesmo tempo

³⁰ Tal esfuerzo conduce, según Foucault, a un intento por recobrar el lenguaje dentro de su dimensión histórica, el cual, en poco tiempo, lleva al pleno desarrollo de metodologías específicas de las ciencias humanas que persiguen la inmersión general del ser humano en su historicidad. (...)ö, cf. Conde Silvestre (2007, p. 23)

³¹ (...) un factor ajeno a las operaciones propias del lenguaje y se trata el posible influjo de factores sociales sobre su constitución como si fuera un acontecimiento puntual y asistemáticoö, cf. Conde Silvestre (2007, p. 75)

õdesestabilizador/disfuncionalö do sistema linguístico (cf. CONDE SILVESTRE, 2007). Além disso, entendia-se que a mudança era um processo abrupto, no qual um estado de língua A passava a um estado B em consequência de modificações internas no sistema (cf. OLIVEIRA, 2014).

No que concerne especificamente à teoria Estruturalista Saussureana, Rumeu (2013) afirma que sua intrigante contradição é

(...) a ideia de que, para dar conta da configuração estrutural da língua, é legítima a concepção de língua como um *sistema homogêneo*, como *domínio da invariância*, excluindo, pois, a extensão *sócio-histórica* da análise linguística. Essa incongruência da teorização de Saussure se revela através do *Paradoxo Saussureano*: como admitir que para entender o funcionamento interno da língua (*langue*) se deva atentar para a expressão do discurso de um único indivíduo (*parole*) que, por sua vez, somente pode se dar numa situação de interação comunicativa em um dado momento histórico-social?

(RUMEU 2013, p. 81)

Já sobre a corrente gerativista, Conde Silvestre (2007, p. 24) comenta que a formulação inicial dessa teoria parece desconsiderar a diversidade e sua investigação é centrada apenas no *indivíduo*, uma vez que a *comunidade de fala* somente é valorizada em termos de um falante-ouvinte ideal, desprezando-se o potencial do contexto histórico-social que necessariamente envolve as línguas humanas (LAVANDERA 1988, p. 1 *apud* CONDE SILVESTRE 2007, p. 24). De acordo com Conde Silvestre (2007),

Esta reação surge, em princípio, de dentro da própria teoria gerativo-transformacional em duas direções: (a) mediante a extensão da noção de *competência* chomskyana até o âmbito do *desempenho* incluindo nela fatores culturais e comunicativo-situacionais, que cristaliza no conceito de *competência comunicativa* proposto por Dell Hymes (1971); (b) através da investigação da sistematicidade existente na heterogeneidade que caracteriza o *desempenho*, mediante a descrição exhaustiva da variabilidade linguística, que deixa de ser considerada como *variação livre* (*free variation*) para buscar sua correlação com determinados fatores linguísticos ou extralinguísticos.

(CONDE SILVESTRE 2007, p. 24)³²

³² ã(...) Esta reacción surge, en principio, desde dentro de la propia teoría generativo-transformacional en dos direcciones: (a) mediante la extensión de la noción de *competencia* chomskyana hacia el ámbito de la *actuación* incluyendo en ella factores culturales y comunicativo-situacionales, la cual cristaliza en el concepto de *competencia comunicativa* propuesto por Dell Hymes (1971); (b) através de la investigación de la sistematicidad existente en la heterogeneidad que caracteriza a la *actuación*, mediante la descripción exhaustiva de la variabilidad lingüística, la cual deja de ser considerada como *variación libre* (*free variation*) para buscar su correlación con determinados factores lingüísticos o extralingüísticosö, cf. Conde Silvestre (2007, p. 24).

O terceiro fator mencionado por Conde Silvestre (2007) que ajudou a impulsionar o progresso da Sociolinguística diz respeito ao surgimento de vários campos de pesquisa voltados para o estudo da língua em correlação com fatores sociais e culturais, tais como, a *etnografia da comunicação*, a *análise do discurso*, a *sociologia da linguagem* e a *psicologia social* (cf. CONDE SILVESTRE, 2007). Nesse contexto, Conde Silvestre destaca a importância do desenvolvimento da *linguística secular*³³ promovida por Labov (1966) e Trudgill (1974). Nas investigações empíricas

(...) sobre as relações entre a língua e a estratificação social em Nova Iorque e Norwich respectivamente (Labov, 1966; Trudgill, 1974) estes autores prestam atenção à realidade linguística de comunidades urbanas heterogêneas aplicando uma metodologia sociológica que lhes permite quantificar estatisticamente a correlação de determinadas variáveis independentes com certas variáveis linguísticas obtidas a partir da informação fornecida por amostras representativas de falantes de distinto sexo, idade, nível socioeconômico e cultural, etc.

(CONDE SILVESTRE, 2007, p. 26)³⁴

Os estudos desenvolvidos, no âmbito da linguística secular, consolidaram o interesse pela variação linguística, que passou a ser considerada peça-chave para a compreensão de alguns mecanismos, como, por exemplo, a mudança linguística. Conforme Conde Silvestre (2007, p. 73), õse há um fato indiscutível no estudo das línguas vivas é que estas mudamõ³⁵. Sendo assim,

(...) a mudança e a heterogeneidade, longe de serem fatores que distorcem a realidade linguística, se convertem em constituintes essenciais para a existência de uma língua, que muda justamente porque não está feita, mas sim se faz continuamente pela atividade linguística, assegurando assim seu funcionamento.

³³ A primeira referência explícita ao termo õsociolinguísticaö aparece na obra *A projection of socio-linguistic*, de Haver C. Currie (1952) (cf. CHAMBERS, 1995 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007). No entanto, não podem ser desprezadas outras linhas de investigação derivadas ou associadas à teoria estruturalista que, anteriormente, já levavam em consideração a função da língua na sociedade (cf. CONDE SILVESTRE).

³⁴ õ(...) En sus investigaciones empíricas sobre las relaciones entre el lenguaje y la estratificación social en Nueva York y Norwich respectivamente (Labov, 1966; Trudgil, 1974) estos autores prestan atención a la realidad lingüística de comunidades urbanas heterogéneas aplicando una metodología sociológica que les permite cuantificar estadísticamente la correlación de determinadas variables independientes con cierta variables lingüísticas obtenidas a partir de la información suministrada por muestras representativas de hablantes de distinto sexo, edad, etnia, nivel socio-económico y cultural etc.ö, cf. Conde Silvestre (2007, p. 26).

³⁵ õSi hay un hecho indiscutible en el estudio de las lenguas vivas es que éstas cambian.ö, cf. Conde Silvestre (2007, p. 73).

(GIMENO, 1983, p. 182 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007, p. 30)³⁶

Para a Sociolinguística Variacionista de base Laboviana que associada à Sociolinguística Histórica se constituem como princípios norteadores desta dissertação, a língua é concebida como um sistema *heterogêneo* que é movido pela variação em todos os seus níveis estruturais e de uso social (cf. BAGNO, 2009). A mudança linguística, por sua vez, é entendida como um processo gradual que se manifesta de maneira *estruturada e ordenada*.

De acordo com a orientação Laboviana, a variação ocorre no presente, tal como no passado (*The uniformitarian principle*, cf. Labov, 1994) e é através da investigação linguística em sincronias pretéritas que se torna possível interpretar e descrever fenômenos de variação e mudança. Diferentemente de outras concepções teóricas, considera-se sob o enfoque da Sociolinguística que a variação e a mudança são fenômenos inerentes a qualquer língua humana viva, uma vez que evidenciam a diversidade sociocultural dos falantes. Tendo em vista essas concepções, verifica-se, portanto, a necessidade de analisar não só os *fatores linguísticos*, mas também os *fatores extralinguísticos* que condicionam a variação e a mudança linguística. Segundo Oliveira (2014),

No âmbito das teorias linguísticas que emergem ao longo do século XX, o trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (1968) é visto como fundador do pensamento sociolinguístico de orientação histórica. A partir de *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, começa-se a propor uma observação e descrição da heterogeneidade ordenada inerente às línguas naturais como a peça-chave para compreender os processos de mudança linguística. Além de colocar a heterogeneidade no foco da pesquisa, os autores rompem com a tradição linguística que vigorava até então ao considerar fatores extralinguísticos, isto é, elementos externos ao sistema da língua que podem atuar nos processos de variação e mudança. Com isso, deixam de lado os modelos em que se trabalhava com uma língua abstrata, isenta de variações, para se adotar um modelo de língua concreta, condicionada por fatores de diferentes ordens.

(OLIVEIRA, 2014, p. 70)

Em virtude de problemas relacionados à materialidade, as pesquisas na área da Sociolinguística Histórica não apresentaram grande avanço durante meados do século

³⁶ ñ(...) el cambio y la heterogeneidad, lejos de ser factores que distorsionan la realidad lingüística, se convierten en constituyentes esenciales para la existencia de una lengua, la cual cambia justamente porque no está hecha, sino que se hace continuamente por la actividad lingüística, asegurando así su funcionamiento (véase: Gimeno, 1983:182).ö, cf. Conde Silvestre (2007, p. 30).

XX, existindo inicialmente maior progresso no campo da Sociolinguística sincrônica ou quantitativa. Segundo Oliveira (2014, p. 70), ãa Sociolinguística histórica só viria a apresentar um notável crescimento na década de 1980, a partir dos trabalhos de Suzane Romaine (1982, 1988)ö. A autora é considerada pioneira no que diz respeito ao desenvolvimento metodológico e prático da Sociolinguística Histórica, tendo em vista que destina sua obra *Socio-Historical Linguistics. It Status and Methodology* (1982) para descrever essa nova disciplina (cf. CONDE SILVESTRE). Do ponto de vista de Romaine, a sociolinguística está diretamente vinculada à linguística histórica visto que ambas se enquadram no plano da historicidade (cf. CONDE SILVESTRE). Dessa forma, a autora propõe

(...) o entrelaçamento de ambas disciplinas em uma *lingüística sócio-histórica* que investigue e explique as diversas manifestações da variação linguística em uma comunidade ao longo do tempo e também o modo em que essa variação ó seus distintos usos, funções e tipos ó se desenvolve em línguas e comunidades específicas, no seio de certos grupos e redes sociais ou em indivíduos concretos.

(ROMAINE, 1982, p. 10; 1988a, p. 1453 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007, p. 33)³⁷

De acordo com as orientações da Sociolinguística Histórica, é possível reconstruir os contextos sociais do passado através da análise dos diferentes estilos empregados nos documentos históricos (GIMENO 1995, p. 54 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007). No entanto, os materiais linguísticos, que resistiram à ação do tempo, são considerados insatisfatórios para a investigação empírica em razão de vários motivos, dentre os quais, destacam-se o fato de terem sido conservados por meio da escrita e o caráter fragmentário das amostras, cf. discutido por Conde Silvestre (2007) e resgatado por Oliveira (2014, p. 71) que interpreta que ãpara o pesquisador em Sociolinguística histórica, os obstáculos no desenvolvimento da pesquisa surgem muito antes das etapas de análise: a constituição da amostra de dados é o primeiro desafio a ser vencidoö. Como antigamente não existiam instrumentos tecnológicos para gravação e reprodução da fala, os dados linguísticos históricos foram preservados através da modalidade

³⁷ ã(...) Su propuesta es la imbricación de ambas disciplinas en una *lingüística socio-histórica* que investigue y explique las diversas manifestaciones de la variación lingüística en una comunidad a lo largo del tiempo y también el modo en que esa variación - sus distintos usos, funciones y tipos - se desarrolla en lenguas y comunidades específicas, en el seno de ciertos grupos y redes sociales o en individuos concretos (1982:x; 1988a:1453).

escrita, o que muitas vezes dificulta a identificação da fonte e do contexto de produção textual. Além disso, como consequência do caráter fragmentário das amostras, os documentos antigos são considerados meros restos textuais que, segundo Conde Silvestre (2007), sobreviveram por ãazarö e, justamente, por isso, não se pode esperar que sejam capazes de representar todos os estilos, registros ou variedades da língua em uma sincronia passada. Não é possível assegurar também que tais manuscritos venham a configurar a expressão viva da língua nos mais diversificados estratos sociais das comunidades linguísticas, tendo em vista que antigamente muitos não tinham acesso à escolarização³⁸.

Levando em conta esses problemas relacionados à materialidade linguística histórica dos dados linguísticos, Labov (1972) define como uma difícil missão a tarefa do pesquisador de fazer o melhor uso possível dos dados deficientes e escassos (õto make the best use of bad dataö, cf. Labov, 1972). A este respeito, Conde Silvestre (2007) acrescenta que

Em comparação com a diversidade, quantidade e autenticidade dos dados à disposição do investigador em sociolinguística sincrônica ou em linguística descritiva, a informação de que dispõe quem tenta desenvolver sua investigação no âmbito da linguística ou da sociolinguística histórica é fragmentária, escassa e dificilmente vinculável com a produção real de seus falantes.

(CONDE SILVESTRE, 2007, p. 35)³⁹

Enquanto na sociolinguística sincrônica ou descritiva, o linguista tem a possibilidade de ampliar o *corpus* da pesquisa e realizar novas entrevistas e gravações sobre o fenômeno em análise, na sociolinguística histórica, o pesquisador fica à mercê dos dados disponíveis e não existe a possibilidade de expandi-los (OLIVEIRA, 2014). Na investigação sincrônica, também é possível equilibrar a quantidade de informantes considerando algumas informações sociais, tais como gênero, idade, ocupação

³⁸As dificuldades expostas por Conde Silvestre (2007), no que se refere ao material linguístico histórico, estão em conformidade com alguns problemas apontados por Labov (1994) *apud* Rumeu (2013): *a imprevisibilidade de localização de documentos históricos, o baixo grau de expressividade do vernáculo dos escritores e a difícil caracterização do perfil social dos autores dos documentos históricos*.

³⁹ õ(...) En comparación con la diversidad, cantidad y autenticidad de los datos a disposición del investigador en sociolingüística sincrónica o en lingüística descriptiva, la información de que dispone quien intenta desarrollar su investigación en el ámbito de la lingüística o la sociolingüística histórica es fragmentaria, escasa y difícilmente vinculable con la producción real de sus hablantes. (...)ö, cf. Conde Silvestre (2007, p. 35).

profissional e grau de escolaridade (OLIVEIRA, 2014). Já na pesquisa histórica, dificilmente esse equilíbrio é atingido, além de nem sempre ser possível constituir o perfil social dos informantes. Segundo Milroy (1992, p. 45) e Medina Morales (2002, p. 1319) *apud* Conde Silvestre (2007, p. 37), tais fatores

(...) distorcem a realidade linguística e fazem da (socio)linguística histórica uma disciplina que oferece ao investigador escasso controle experimental sobre os dados que maneja, de maneira que não pode isolar com certeza todas as variáveis que afetam o processo de investigação.
(MILROY, 1992, p. 45; MEDINA MORALES, 2002, p. 1319 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007, p. 37)⁴⁰

Contudo, apesar das dificuldades enfrentadas no desenvolvimento das abordagens linguísticas históricas, Romaine conclui de forma axiomática que os dados históricos ã(...) são válidos em si mesmos ó como, em geral, são todas as amostras escritas do presente ou do passado ó independentemente de refletirem com fidelidade as circunstâncias de sua emissão ou, ao contrário, estarem afastadas delasö (ROMAINE 1988, p. 1454 *apud* CONDE SILVESTRE 2007, p. 45). Não se pode desprezar também o fato de que os textos antigos carregam uma parte muito significativa do passado e é através da análise desses dados linguísticos que se torna possível compreender determinadas mudanças que já estão implementadas ou em estágio avançado na língua (cf. OLIVEIRA, 2014). Conforme afirma Oliveira (2014, p. 70), torna-se muito importante

(...) o trabalho de constituição de *corpora* históricos e, conseqüentemente, a reconstituição dos cenáriosö sociais de períodos históricos anteriores, a fim de compreender como as sociedades históricas estavam construídas e, principalmente, como sua estrutura pode ter afetado os processos de mudança linguística.

(OLIVEIRA, 2014, p. 70)

Tendo em vista essas considerações e levando em conta os limites que o *corpus* de uma investigação sociolinguística histórica impõe, é preciso que o linguista-pesquisador siga à procura de metodologias que o auxiliem no tratamento dos dados históricos, cf. Rumeu (2013, 2014).

⁴⁰ ã(...) Estos factores distorsionan la realidad lingüística y hacen de la (socio)lingüística histórica una disciplina que ofrece al investigador escaso control experimental sobre los datos que maneja, de manera que no puede aislar con certeza todas las variables que afectan al proceso de investigación (MILROY, 1992, p. 45; MEDINA MORALES, 2002, p. 1319), cf. Conde Silvestre (2007, p. 37).

Estruturalmente, este capítulo está organizado em subseções com o intuito de fundamentar esta dissertação não só do ponto de vista teórico para o levantamento dos dados de dativo de 2SG, mas também a respeito da metodologia para a organização das cartas pessoais, tendo em vista os seus subgêneros, o perfil social dos mineiros que as produziram nos séculos XIX e XX. Após a breve exposição de alguns conceitos da sociolinguística histórica, bem como da descrição da difícil missão de reconstrução do passado, passa-se, na subseção 2.1, à descrição das questões relacionadas à constituição de amostras históricas do PB. Na sequência, segue-se, em 2.2, com a apresentação das amostras de missivas mineiras dos séculos XIX e XX. Considerando que o capítulo em análise tem também como foco a fundamentação teórica acerca do dativo, passa-se, em 2.3, à exposição da noção de predicador, enfocando-se em 2.3.1 e 2.3.2, a configuração semântica do dativo e sua tipologia, respectivamente. Na subseção 2.4, prossegue-se com os esclarecimentos teóricos acerca dos contextos do dativo, atentando mais especificamente não só à exposição dos grupos de fatores linguísticos, em 2.4.1, mas também à apresentação dos grupos de fatores extralinguísticos, em 2.4.2, relacionando-os aos objetivos e/ou hipóteses norteadores desta dissertação.

2.1 A composição de amostras históricas do português brasileiro

Segundo Hernández-Campoy e Schilling (2012), existem sete questões principais inerentes à pesquisa Sociolinguística histórica: a validade empírica, a ideologia padrão, a invariação, a autoria, a autenticidade e a validade histórica e social. Em relação especificamente às questões diretamente relacionadas às missivas mineiras, serão expostas, na presente seção, três delas: *a autoria*, *a autenticidade* e *a validade social e histórica* das amostras de dados linguísticos de sincronias passadas do PB.

No que se refere à autoria, é legítimo atentar ao fato de que as correspondências podem não ser autógrafas, isto é, podem não ter sido escritas pelo próprio punho de quem as assina. Assim sendo, é importante que o pesquisador se certifique acerca da autoria de quem realmente redigiu os documentos históricos, a fim de embasar toda uma análise linguística lançando hipóteses, interpretando resultados, ou seja, fundamentando todas as suas considerações em dados linguísticos que revelem a fiel realidade dos fatos. A confiabilidade dos resultados de toda análise linguística está diretamente vinculada à fidedignidade da amostra histórica tendo em vista a parte da comunidade idiomática que

determina. As análises voltadas para realidades linguísticas pretéritas tornam-se legítimas à medida que evidenciam o quão bem embasadas estão em confiáveis amostras de dados, cf. Hernández-Campoy e Schilling (2012), o que depende de ter passado pelo crivo de um pesquisador consciente da necessidade da construção de uma sociolinguística histórica para os estudos sobre o PB, cf. discutido por Lobo (2001), Rumeu (2013). Nesta dissertação, estão em análise as cartas pessoais diversificadas pelos subgêneros de missivas amorosas, familiares e de amizade produzidas e assinadas (autógrafas), entre fins do século XIX e fins do século XX, por punhos certificadamente mineiros.

Outro aspecto relevante que precisa ser interpretado pelo linguista-pesquisador, na análise dos dados históricos, diz respeito ao problema da *autenticidade*, ou seja, a pureza e as hipercorreções presentes nos textos. O nível de domínio do escrevente em relação à sua expressão escrita está vinculado ao nível de escolarização. Embora a relação estabelecida entre os interlocutores nas cartas pessoais seja movida por diferentes níveis de intimidade, é preciso considerar que os documentos disponíveis nos acervos públicos normalmente constituem material linguístico representativo de uma parcela dotada de prestígio social, representando, pois, a produção escrita de informantes cultos. Além disso, há de se levar em consideração o fato de que é difícil captar o vernáculo dos escreventes através de sua produção escrita que, por sua vez, se deixa evidenciar como um espaço sujeito à expressão da norma-padrão, cf. LABOV (1994, p. 11). Em síntese, constata-se que cabe ao pesquisador refinar a sua metodologia para o levantamento de dados em textos antigos visando a discernir a genuinidade do vernáculo da língua das especificidades da produção escrita do informante, cf. já discutido por Rumeu (2013) à luz de Lobo (2001) e Labov (1994). Nesta dissertação, atentou-se para o levantamento de dados linguísticos tão somente em cartas pessoais autógrafas trocadas entre casais (amorosas), entre familiares e entre amigos (amizade) com o intuito de trazer à tona dados de dativo de 2SG produzidos no mais à vontade a que se teve acesso das relações interpessoais em sincronias passadas que é o contexto da *carta pessoal*. Por outro lado, há de se ponderar também o fato de os escreventes das cartas mineiras em análise (em sua maioria) se caracterizarem não só pelo alto grau de escolaridade, mas também por estarem em evidência social sobretudo no âmbito da literatura brasileira.

Já a questão da *validade social e histórica* está relacionado à escassez de dados necessários para a constituição do perfil social dos informantes do passado e para a compreensão da estrutura das sociedades nas quais eles estavam inseridos. Reconstruir essas informações em uma pesquisa de cunho sócio-histórico é muito importante, mas não é uma tarefa fácil. Considerando que as variáveis linguísticas e sociais podem ter se alterado ao longo do tempo, torna-se necessário que o pesquisador busque através do estudo da história social melhor compreender a configuração das sociedades do passado para que possa interpretar fenômenos de variação e mudança (cf. SOUZA, 2014). Nesta dissertação, atentou-se à apreensão não só do perfil biográfico do informante (*origem* (nacionalidade e naturalidade), *gênero, faixa etária, filiação*), mas também ao seu *perfil social* (escolaridade, profissão, atuação social) com o intuito de caracterizar o escrevente da forma mais completa possível como observado por Rumeu (2013), Oliveira (2014), Souza (2014) para os informantes cariocas de sincronias passadas do PB.

Consideração as questões que giram em torno das análises no âmbito da Sociolinguística histórica (*autoria, autenticidade, validade social e histórica*), cf. Hernández-Campoy e Schilling (2012), Labov (1994), Lobo (2001) e Rumeu (2013), volta-se o foco para a apresentação das amostras das missivas mineiras que embasaram este estudo acerca das estratégias variantes do dativo de 2SG.

2.2 Apresentação das amostras de missivas mineiras oitocentistas e novecentistas

Para este trabalho, têm-se duzentos e vinte e quatro (224) missivas oitocentistas e novecentistas distribuídas em relação aos seus respectivos acervos/amostras. São eles: Arquivo Público Mineiro (APM), Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG) e Acervo dos Escritores Mineiros (AEM). Nesta subseção, faz-se uma breve descrição da amostra, caracterizando-a em relação aos subgêneros de missivas pessoais e à autoria das cartas mineiras.

✓ **ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO:**

Sob a guarda do APM estão as missivas escritas pelo ilustre João Pinheiro da Silva. Dentre essas missivas pessoais, levantadas e transcritas por Luz (2015), a amostra em análise é composta por vinte e seis (26) missivas, sendo dezessete (17) de amizade, seis (06) familiares e três (03) amorosas. Tais correspondências foram escritas no período de 1868 a 1908. Trata-se de 26 cartas particulares autógrafas produzidas por João Pinheiro da Silva a sua esposa *Helena de Barros Pinheiro* (tratada por õminha Helenaö e õminha negraö), ao tio (*Luís Antônio Pinto*) e a vários amigos.

João Pinheiro nasceu em Minas Gerais (Serro), no dia 16.12.1860, casou-se com Helena de Barros Pinheiro, com quem teve doze filhos. Tornou-se Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo em 16 de junho de 1887, cf. Lasmar (2015, p. 145), exerceu as funções de advogado, político, professor e industrial (cf. LUZ, 2015). Em linhas gerais, observa-se que em janeiro de 1890, João Pinheiro iniciou as suas atividades políticas, sendo nomeado, inicialmente Vice-Governador do Estado pelo Governo Provisório, Secretário do Estado de Minas Gerais, atuando como Governador do Estado entre fevereiro e julho de 1890, cf. Luz (2015), Lasmar (2015). Atuou ainda como Senador da República em 1904, sendo eleito, em 1906, como Presidente do Estado de MG e também, em 1907, como primeiro presidente eleito do IHGMG.

✓ **INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MINAS GERAIS**

No acervo do IHGMG, têm-se as cartas manuscritas da Coleção do Pe. Agenor que é uma personalidade reconhecida não só em virtude do seu comprometimento com a divulgação dos preceitos católicos, mas também em consequência de ter sido afeito à produção literária, cf. Pinto (1974). Nessa amostra formada por trinta e uma (31) missivas, prevalecem as familiares.

As missivas familiares foram enviadas ao Padre Agenor Alves Pinto (nascido em S. Miguel do Anta, distrito de Viçosa-MG, a 30.11.1890) por seus familiares (pai, tia, irmã, cunhado, primos), no período de 1868 a 1908. Trata-se de cartas autógrafas enviadas ao Pe. Agenor principalmente por seu pai (Ricardo de Assis Alves Pinto, natural de Senhora do Porto (MG), atuante como Professor (latim, francês), irmã (Orlinda Augusta Alves Pinto, nascida em Ibertioga a 12.09.1892), irmão (Álvaro Alves

Pinto, nascido em Ibertioga, MG, em 24.03.1900 no exercício do ofício de Professor de Histologia e Embriologia, professor de Farmacologia, professor de Patologia Médica e Clínica Veterinária, cf. Pinto (1975), a tia (Maria José da Natividade Alves Pinto Telles, nascida em Caeté, MG, a 08.09.1875, cf. Pinto, 1975), o cunhado (José Ascensão Machado que assina como ãMachadoö, nascido em Barão de Cocais, MG, a 12.02.1891, cf. Pinto, 1975) e o avô (Francisco Alves Pinto, nascido em Caeté, MG).

Sobre a sua irmã (OAAP), não se tem informação precisa acerca do nível escolarização, ainda que o formato da sua letra a evidencia como alguém que teve contato com a língua escrita, legitimando, por outro lado, a intimidade da carta revelada por escolhas lexicais típicas da oralidade como na sentença ãQuando a nós vamos pelejando com Geraldo bastante doentinhoö e construções com ausência de concordância, típica da fala do PB como no SN ãas cousas muito ruimö. Por outro lado, em relação à produção escrita do marido de OAAP (JAM), observam-se o curso da letra e as construções linguísticas (ãalenbrei, ãmi enprestarimiö, ãarrajiö, ãbrassosö, ãsoubriö) que o evidenciam como um informante que parece ter tido pouco envolvimento com o código escrito. Os fac-símiles abaixo expostos podem corroborar tais análises.

Meu querido mano Agenor.

Tejo orar a Deus para que estas
linhas vá te encontrar gozando boa
saude, sempre satisfeito.

Estime saber que fizestes boa vi-
agem e que chegastes sem novidade.

Quando a nós vamos pelejando
com Geraldo bastante doentinho
e as cousas muito ruim para nós
sem poder tratarmos d'elle por isto
vahi caridosamente pedir-te um auxilio

Reverendissimo

Padre Agenor

Em nome de Deus alenbrei de te pedir
uma carida e mi enprestarimi um
meus de cuidar no corte que eu cuidar

Padre Agenor se Deus ajudar que vos
arrage para essa escola que Deus
pode mi dar que dos meus brasso e
muito sofrimento soubri quanto e
que poder espero em Deus ser feliz
arragesta pello mesmo portador

Imagem 01: Fac-símile da carta de OAP. Lagoa Santa, 06.06.1917. Imagem 02: Fac-símile da carta de M. Lagoa Santa, 25.07.1925.

A relevância dessa amostra não só está no fato de transparecerem a intimidade das relações familiares, mas também em relação aos traços da oralidade que se deixam evidenciar no registro escrito dos missivistas, ainda que se trate de um grupo de missivistas cujo nível de escolaridade é alto.

✓ **ACERVO DOS ESCRITORES MINEIROS:**

A amostra é constituída por cento e sessenta e sete (167) missivas autógrafas, dentre as quais, setenta e oito (78) são familiares, setenta e nove (79) de amizade e dez (10) amorosas. Dentre as 78 cartas familiares estão as missivas trocadas principalmente entre a poetisa mineira Henriqueta Lisboa e os seus familiares também mineiros (mãe (Maria Rita de Vilhena Lisboa), irmãos (Abigail Lisboa, Alaíde Lisboa, João Lisboa Júnior, José Carlos Lisboa, Maria de Jesus Lisboa Bacha, Waldir Lisboa), sobrinhos (Abigail, Clélia Bacha de Almeida), no período de 1917 a 1989. Nascida em um berço em que se valorizava o estudo, Henriqueta Lisboa (õQuequetaõ como é chamada em algumas cartas) e os seus irmãos se envolveram com o ensino, literatura e medicina, o que denota o potencial de escolarização alto desses missivistas. Além dessas cartas, têm-se cartas trocadas entre renomados intelectuais mineiros Abgar Renault e o seu irmão Livio, Anibal Machado e sua irmã Lúcia Machado, Murilo Rubião e seus familiares. Em relação às 79 cartas pessoais, estão as missivas trocadas entre os intelectuais reconhecidamente mineiros Otto Lara Resende, Henriqueta Lisboa, João Alphonsus Guimaraens, Alphonsus Guimaraens Filho, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Cyro dos Anjos, Abgar Renault, Thiago de Melo e Milton Cunha. As 10 cartas amorosas foram produzidas por Abgar Renault à Ignês Caldeira Brant, no período de noivado e casamento do casal, entre os anos de 1924 e 1927.

A mãe da poetisa Henriqueta Lisboa, apesar de ter estudado, casou-se muito cedo (14 anos), o que tudo leva a crer que tenha passado a ser envolver menos com leitura e escritura. Tal fato é corroborado não só em relação ao traçado da sua letra, mas também em relação à traços linguísticos da oralidade do PB presentes na sua escrita. Nessa amostra (AEM), essa é a única missivista que tende a evidenciar menos envolvimento com a produção escrita, assim como o cunhado do Pe. Agenor (JAM) para a Amostra do APM. No excerto de uma carta redigida pelo punho da mãe de Henriqueta Lisboa (imagem 03), a 08 de fevereiro de 1951, exemplifica-se tal fato.

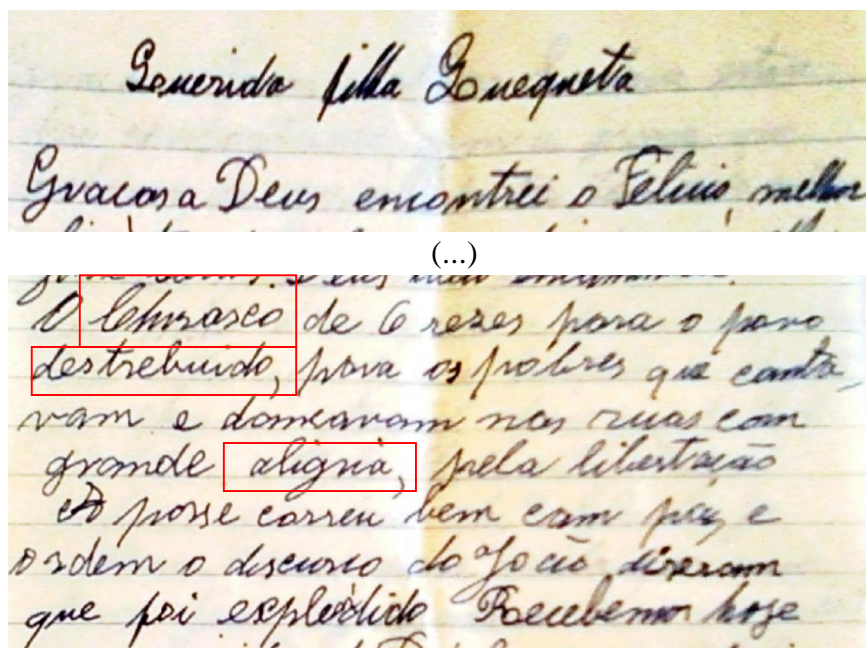


Imagem 03: Fac-símile da carta de MRVL a 08 de fevereiro de 1951.

Após a apresentação das amostras, apresenta-se, a seguir, uma síntese das amostras de cartas em análise nesta dissertação:

ACERVO	NÚMERO DE MISSIVAS			PERÍODOS	TOTAL
	AMOROSAS	AMIZADE	FAMILIARES		
APM/ AMOSTRA JOÃO PINHEIRO	03	17	06	1868 a 1908	26
IHGMG/ AMOSTRA PE. AGENOR	-	01	30	1907 a 1944	31
AEM/ AMOSTRA ESCRITORES MINEIROS	10	79	78	1917 a 1989	167
TOTAL	13	97	114		224

Quadro 09: Síntese das principais informações sobre as amostras de cartas em análise (séculos XIX e XX).

Após a descrição do *corpus*, é importante retomar os três problemas relacionados aos informantes que foram discutidos na seção anterior: *autoria*, *autenticidade* e *validade social e histórica*. Pode-se dizer que a autoria não representou um problema para o desenvolvimento da pesquisa, pois todas as cartas analisadas são autógrafas, isto é, assinadas pelo próprio missivista. Já em relação à autenticidade, verifica-se que a

amostras representam, predominantemente, a produção escrita de falantes cultos mineiros: professores, advogados, escritores, jornalistas, poetas, redatores, etc. Sendo assim, é preciso considerar que pelo fato de dominarem a norma-padrão da língua portuguesa e até mesmo exercerem funções que exigem esse domínio, os textos escritos desses autores tendem a se distanciar do vernáculo da época. As amostras recolhidas nos arquivos públicos para compor o *corpus* desta pesquisa são de pessoas que pertencem às camadas sociais mais elevadas, dotadas de prestígio social. Verifica-se, inclusive, que muitos são autores premiados tanto no cenário regional, como no cenário brasileiro de um modo geral, atingindo ainda o exterior. Além disso, mesmo aqueles que não são escritores apresentam um nível de escolarização elevado. Por fim, a respeito da validade social histórica, verifica-se que foi possível constituir o perfil social dos missivistas. No entanto, em relação a alguns remetentes é possível obter mais informações, enquanto em relação a outros, os dados pessoais são mais escassos.

Após a exposição do *corpus*, serão apresentados, na próxima subseção, critérios sintáticos e semânticos para a análise da complementação dativa de 2SG.

2.3 A noção de *õpredicadorö* na complementação verbal: critérios sintáticos e semânticos.

Duarte e Brito (2006, p. 182) interpretam os verbos como palavras essencialmente predicativas responsáveis pela projeção de uma estrutura argumental (grelha temática) explicitada pelo verbo (núcleo lexical) e os argumentos (sujeito e complementos). Atentando especificamente para o objeto de estudo desta dissertação, os complementos verbais dativos, constata-se que, por serem elementos sintática e semanticamente projetados pelos verbos, são interpretados como *õverdadeiros argumentosö* (cf. DUARTE e BRITO, 2006). Como exemplificado por Duarte e Brito (2006, p. 184), na frase *õ[Os atletas] ofereceram [camisolas] [aos adeptos] ontem à noiteö*, verifica-se que os termos entre colchetes são verdadeiros argumentos da forma verbal *ofereceram* (predicador verbal). Com o intuito de descrever a estrutura argumental de um predicador verbal, três aspectos precisam ser considerados: a indicação do número de argumentos que ele exige, a realização categorial que ele especifica para cada um dos seus argumentos e o papel semântico (ou temático) dos argumentos pelo verbo selecionado (cf. DUARTE e BRITO, 2006). No que diz respeito ao primeiro aspecto,

constata-se que o número de argumento dos predicadores verbais pode variar entre zero e três: verbos com zero argumentos, predicados unários (um argumento), predicados binários (dois argumentos) e predicados ternários (três argumentos), cf. DUARTE e BRITO (2006, p. 185). No que se refere aos complementos verbais dativos, verifica-se que, de acordo com a definição de Duarte (2006), os complementos verbais dativos são classificados como verbos de dois ou três argumentos. Os predicadores de dois argumentos são aqueles que selecionam um argumento externo que se projeta como sujeito e um argumento interno com relação gramatical de OI, como, por exemplo, os verbos *obedecer* e *telefonar* (DUARTE 2006, p.185). Já os predicadores de três argumentos, também chamados de verbos ditransitivos, são aqueles que selecionam um argumento externo e dois argumentos internos, sendo um com a relação gramatical de OD e o outro com a relação gramatical de OI (DUARTE 2006). Como exemplo de predicadores de três lugares, é possível citar os verbos *dar*, *emprestar*, *perguntar* (cf. DUARTE 2006, p. 185).

Segundo Duarte e Brito (2006), uma frase sintaticamente bem formada é caracterizada por atentar-se à expressão semântico-lexical do verbo, responsável por projetar a sua estrutura argumental numa frase. Nesse sentido, entende-se que, quando uma frase não respeita a estrutura argumental de seu predicador verbal, ela se torna *agramatical*. Como exemplificado por Duarte e Brito (2006, p. 185-186), observa-se que a primeira frase a seguir é bem formada sintaticamente, diferentemente da segunda, na qual a estrutura argumental do predicador não é respeitada, e, por isso, a frase se torna agramatical: δ [O Boavista] venceu [o campeonato] em 2001 δ em oposição à $*\delta$ [O Boavista] venceu [o campeonato] [ao Porto] em 2001 δ . Verifica-se que, nessa oração, o argumento interno (*ao Porto*) não faz parte da estrutura argumental do predicador verbal sublinhado (*venceu*), tornando a frase agramatical.

O segundo aspecto que precisa ser levado em conta na descrição da estrutura argumental de um predicador verbal diz respeito à realização categorial determinada pelo verbo para cada um dos argumentos selecionados (cf. DUARTE e BRITO, 2006). Segundo Duarte e Brito (2006, p. 186), δ (...) à especificação categorial dos argumentos exigidos por uma palavra predicativa é usual chamar propriedades de selecção categorial δ . Além de ter que cumprir a quantidade de argumentos exigidos pelo predicador verbal, uma frase precisa respeitar as propriedades de selecção categorial

desse predicador (DUARTE e BRITO, 2006). Sendo assim, conforme ilustrado por Duarte e Brito (2006, p. 186), observa-se nos pares de frases a seguir expostos que, apesar de a quantidade de argumentos do predicador ser adequada, a frase (42) se torna agramatical porque as propriedades de seleção categorial do verbo *acreditar* não foram consideradas.

(41) [_{SN} O João] acredita [_{SP} em fantasmas].

(42) *_{SN} O João] acredita [_{SN} fantasmas].

Verifica-se, no exemplo (34), que dois sintagmas nominais (*O João/fantasmas*) foram utilizados como argumentos do verbo *acreditar*. No entanto, como ilustrado em (41), além de selecionar um sintagma nominal que exerça a função sintática de sujeito (*O João*), esse predicador verbal exige também a seleção de um complemento preposicionado (*em fantasmas*), propriedade esta que não foi respeitada em (34).

O terceiro fator que precisa ser considerado na análise da estrutura de um predicador verbal está relacionado ao papel semântico ou temático dos argumentos verbais. Segundo Duarte e Brito (2006), a quantidade e os nomes atribuídos a cada um desses papéis pode variar bastante de acordo com cada autor. Contudo, as autoras defendem que a lista mínima para a descrição da estrutura argumental dos predicadores verbais da língua portuguesa inclui a relação de seis papéis temáticos: *agente, fonte, experienciador, locativo, alvo e tema*.

Para que uma frase seja bem formada sintaticamente, além de ser necessário levar em conta a quantidade de argumentos dos verbos e a realização categorial especificada para cada um deles, é preciso também que as propriedades de seleção semântica do predicador verbal sejam consideradas (cf. DUARTE e BRITO, 2006). Como exemplificado por Duarte e Brito (2006, p. 187), é possível observar um contraste de gramaticalidade entre as frases expostas abaixo, pois os três aspectos relacionados à estrutura argumental dos predicadores verbais foram respeitados em (43), mas a seleção semântica dos predicadores não foi respeitada em (44), o que tornou as frases agramaticais:

(43) (a) [_{SN} O criminoso] assassinou [_{SN} três automobilistas].

(b) [_{SN} A trovoadas] assustou [_{SN} as crianças].

(c) [_{SN} O João] pôs [_{SN} o livro] [_{SPREP} na estante].

- (44) (a) *[_{SN} A tempestade] assassinou [_{SN} três automobilistas].
 (b) *[_{SN} A trovoadas] assustou [_{SN} o telhado].
 (c) *[_{SN} O João] pôs [_{SN} o livro] [_{SPREP} para a estante].

O contraste de gramaticalidade existente em (43a) e (44a), deve-se ao fato de o predicador verbal *assassinar* requerer como sujeito uma expressão nominal cujo papel temático seja o de *Agente*, ou seja, $\alpha(\dots)$ uma expressão que designe a entidade que causa intencionalmente a eventualidade descrita pela frase (...) (DUARTE e BRITO 2006, p. 187). Tendo em vista essa propriedade semântica, constata-se que, diferentemente de *criminoso*, o SN *a tempestade* não pode desempenhar papel de *Agente*, o que torna a frase (44a) agramatical (DUARTE e BRITO, 2006). O predicador verbal *assustar*, utilizado em (43b) e (44b), é um verbo psicológico que requisita como argumento um objeto que seja um termo nominal e que exerça o papel semântico de *Experienciador*, isto é, $\alpha(\dots)$ uma expressão que designe uma entidade que experimente um dado estado psicológico (DUARTE e BRITO 2006, p. 187). Ao analisar as frases (43b) e (44b), verifica-se, portanto, que enquanto o primeiro objeto (*as crianças*) pode desempenhar esse papel temático, o segundo (*o telhado*) não, pois se trata de uma entidade inanimada. Por fim, em relação às frases (43c) e (44c), nota-se que a agramaticalidade da última está relacionada ao fato de que $\alpha(\dots)$ verbos de mudança de lugar como *pôr* exigem que o seu terceiro argumento seja uma expressão com o papel temático de *Locativo* (...), expressão esta que pode ser introduzida pela preposição *em* como em (43c), mas não por *para* como em (44c), cf Duarte e Brito, (2006, p. 187).

Uma vez exposta a relação sintático-semântica entre predicador verbal e complemento (*o número de argumentos projetados pelo predicador verbal, a expressão categorial dos argumentos e as propriedades semânticas do predicador verbal*), passa-se à descrição do *dativo* no que se refere aos aspectos de *animacidade* e *multiplicidade semântica* à luz de Company (2006).

2.3.1 A configuração semântica do dativo: animacidade e multiplicidade semântica.

Com o intuito de analisar o comportamento sincrônico geral do OI, na evolução do espanhol, bem como as mudanças em que esta categoria está envolvida, Company

(2006) utilizou oito textos em prosa organizados em três cortes cronológicos: séculos XIII, XVI e XIX. Para tentar delinear as características do OI, a autora comenta que é preciso considerar diferentes perspectivas, pois esta categoria se revela paradoxal e um pouco contraditória. De um ponto de vista teórico,

O OI mostra um status fronteiro entre um objeto ou uma função direta e um oblíquo ou função indireta. Formalmente parece oblíquo, mas semanticamente parece uma função direta. Sua manifestação como FP (*frase prepositiva*) o aproxima a um complemento circunstancial ou oblíquo, mas o fato de que pode carregar vários papéis semânticos o aproxima a uma função direta ou argumental e o distancia dos circunstanciais, já que estes se sujeitam às restrições semânticas impostas pelo significado da preposição, e que, geralmente, têm, em consequência, um único papel semântico. Também a possibilidade de aparecer como pronome átono é uma propriedade típica dos argumentos ou das funções nucleares, embora a preposição lhe confira aspecto externo de oblíquo.

(COMPANY 2006, p. 484)⁴¹

Além disso, Company (2006, p. 479) entende que, com base nos dados linguísticos e observações realizadas, a diacronia do espanhol permite resumir o comportamento do OI como uma entidade essencialmente estável em seu significado e forma, mas com numerosas mudanças em seu funcionamento e uso sintático. No que diz respeito ao *significado*, o OI é definido, de uma perspectiva semântica, como o (a) meta ou destino que conclui a ação expressa pelo verbo (...), ação que pode ter recaído previamente em um objeto direto (...), ou sem envolvimento de um objeto direto (...)⁴² (COMPANY 2006, p. 481). Em virtude da interferência do predicador verbal e de aspectos contextuais, o OI se caracteriza também por apresentar variados papéis semânticos que, posteriormente, serão descritos nessa seção: *receptor*, *possuidor*, *experienciador*, *meta/fonte*, *beneficiário* ou *malefício*.

⁴¹ (a) El OI muestra un estatus fronterizo entre un objeto o función directa y un oblicuo o función indirecta. Formalmente parece oblicuo, pero semanticamente parece una función directa. Su manifestación como FP lo aproxima a un complemento circunstancial u oblicuo, pero el hecho de que pueda cargar varios papeles semánticos lo aproxima a una función directa o argumental y lo distancia de los circunstanciales, ya que estos se sujetan a las restricciones semánticas impuestas por el significado de la preposición, y tienen, en consecuencia, por lo regular un solo papel semántico. También, la posibilidad de aparecer como pronombre átono es una propiedad típica de los argumentos o las funciones nucleares, pero la preposición le confiere aspecto externo de oblicuo.ö, cf. Company (2006, p.484).

⁴² (a) la meta o destino en el que concluye la acción significada por el verbo (...), acción que puede haber recaído previamente en un objeto directo (...), o sin involucramiento de un objeto directo. (...)ö, cf. Company (2006, p. 481) Ao comparar o OI ao OD, verifica-se que o primeiro é uma entidade mais polissêmica, exhibe mais papéis temáticos e é menos afetado pela transitividade verbal (COMPANY, 2006).

Em relação à *forma*, são identificadas, ao longo da história do espanhol, duas manifestações básicas do OI⁴³: *pronome átono e frase prepositiva*, isto é, um SP. Assim como atestado no PB (cf. CASTILHO, [2010] 2014; PERINI, 2010), Company (2006) comenta sobre a possibilidade de uma mesma oração apresentar essas duas formas para a expressão do complemento dativo, fenômeno que, segundo a autora, é conhecido como OI duplicado ou duplicação do OI. Já no que se refere especificamente à constituição formal do OI através de uma FP, Company (2006) acrescenta que, no espanhol, sempre se usa a preposição *a*⁴⁴, forma que está associada a uma mudança sintática que é compartilhada pelas línguas romances, com exceção do romeno. Conforme afirma a autora,

Trata-se de uma extensão analógica do significado da preposição latina *ad*, mediante a qual o sentido originário etimológico desta preposição, de direção para uma meta locativa (...), se estende para marcar uma entidade que de alguma maneira é alcançada pela ação do verbo, isto é, um OI, meta da transitividade.

(COMPANY 2006, p. 495)⁴⁵

Company (2006) acrescenta também que as primeiras ocorrências de OI preposicionado correspondem à junção dos pronomes pessoais de primeira ou segunda pessoa com a preposição *ad*: dativo (*ad mihi, ad tibi*) e acusativo (*ad me magna nuntiavit*; Plauto, *Truc.*, IV.I.4). Já no que se refere à *função*, a diacronia do espanhol revela que o dativo pode demonstrar diferentes graus de vinculação ou dependência com o predicador verbal, existindo pelo menos quatro relações sintáticas distintas: (1) pode ser regido pelo verbo; (2) pode não ser requerido pelo verbo; (3) pode não ser nem argumento do verbo nem central na estrutura oracional e (4) pode ser totalmente marginal à estrutura oracional. Todavia, é importante destacar que, tal como no estudo de Company (2006), o objetivo desta dissertação é analisar a variação dos complementos dativos que são regidos pelo verbo.

⁴³ Segundo Company (2006), outras representações formais do OI, no espanhol, também são possíveis, porém, ocorrem esporadicamente.

⁴⁴ Diferentemente do espanhol, na LP, conforme afirma Berlinck (1996), admite-se o uso das preposições *a, para, e*, excepcionalmente *em e de*.

⁴⁵ Se trata de extensión analógica del significado de la preposición latina *ad*, mediante la cual el sentido originario etimológico de esta preposición, de dirección hacia una meta locativa (...), se extiende para marcar una entidad que es de alguna manera alcanzada por la acción del verbo, esto es un OI, meta de la transitividad.ö, cf. Company (2006, p. 495).

Ao analisar os resultados de sua pesquisa, Company (2006) constata que, na história do espanhol, o clítico é a manifestação formal mais comum e frequente do OI, com índices entre 60% e 67%⁴⁶. Tal predominância

(...) confirma uma característica tipológica dos dativos na maioria das línguas, que é o fato de que estes fazem referência a entidades facilmente identificáveis e recuperáveis no discurso, isto é, carregam informação conhecida, previamente apresentada no texto, compartilhada por falante e ouvinte, o que confere aos dativos persistência referencial e um elevado caráter de tópico (...).

(COMPANY 2006, p. 493)⁴⁷

Através da análise do excerto anterior, constata-se que, na visão da autora, ã(...) a categoria dativa está estreitamente vinculada à classe dos pronomes, devido a essa propriedade de recuperar entidades já mencionadas no discurso (OLIVEIRA, 2014, p. 32). Além disso, tendo em vista que os dativos apresentam uma informação que já foi fornecida, é justificável que sejam escolhidas, predominantemente, as unidades de menor peso fonológico e de maior acessibilidade referencial, como é caso dos clíticos (COMPANY, 2006).

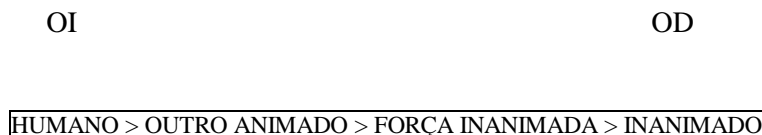
Já em relação à manifestação semântica, Company (2006) afirma que o OI pode fazer referência a qualquer uma das três pessoas do discurso, mas em virtude do caráter narrativo da maioria dos textos que compõem o *corpus*, houve maior referência à 3SG, com índices entre 56% e 72%. Contudo, é interessante notar que a referência à primeira ou segunda pessoa aumenta justamente no período em que as cartas foram analisadas (século XVI), único momento que, segundo a autora, foi possível incorporar textos coloquiais (COMPANY, 2006). Ainda de uma perspectiva semântica, Company (2006, p. 503) afirma que o traço ã(...) que melhor define o OI no espanhol, tanto sincrônica como diacronicamente, é a referência quase sistemática a entidades humanas ou

⁴⁶ Apesar de existir uma predominância da forma clítica para a expressão do OI, no espanhol, observa-se que entre a primeira e a última etapa do *corpus*, séculos XIII e XIV, há um ligeiro aumento da manifestação não-clítica, de 33% para 40% (COMPANY, 2006).

⁴⁷ ã(...) confirma uma característica tipológica básica de los DAT en la mayoría de las lenguas, y es que por lo regular hacen referencia a entidades fácilmente identificables y recuperables en el discurso, esto es, conllevan información conocida, previamente presentada en el texto, compartida por hablante y oyente, lo cual confiere a los DAT persistencia referencial y un elevado carácter topical (...).ö., cf. Company (2006, p. 493).

humanizadas (...)ö⁴⁸. Em sua pesquisa, constatou-se que a frequência percentual de uso do dativo com o traço [+ humano] variou entre 84% e 95%, enquanto com o traço [- humano] alternou entre 05% e 16%⁴⁹. O traço [+ humano], que é prototípico do OI, pode ser considerado õ(...) o ponto de referência obrigatório para praticamente todas as gramáticas e estudos monográficos; e também um traço léxico comum e recorrente do dativo na maioria das línguasö⁵⁰ (COMPANY, 2006, p. 503). Segundo Company, esse traço já era uma característica do dativo na õlíngua-mãeö, pois em textos latinos de diferentes estilos e épocas, constata-se que o OI fazia referência, prototipicamente, a entidades humanas.

Para Company (2006, p. 506), o traço de animacidade, ou humanidade, uma vez que houve uma ausência quase total de referência a animais, õ(...) é o eixo que constrói o espaço estrutural do objeto, no espanhol, e põe em contraste o OI com o objeto diretoö⁵¹. Enquanto o primeiro é caracterizado por ser [+ animado], o segundo é mais frequente e não-marcado quando se refere, majoritariamente, a seres inanimados (COMPANY, 2006). Com base nessas características, constata-se que tais objetos estão situados em zonas opostas da hierarquia de animacidade, conforme evidenciado a seguir:



Esquema 2.1: Hierarquia de animacidade
(adaptado de GIVÓN 1995 *apud* COMPANY, 2006, cf. OLIVEIRA 2014, p. 37)

O caráter essencialmente humano do OI aproxima esta categoria ao nominativo (sujeito), pois além de serem prototipicamente animados, ambos apresentam traços de

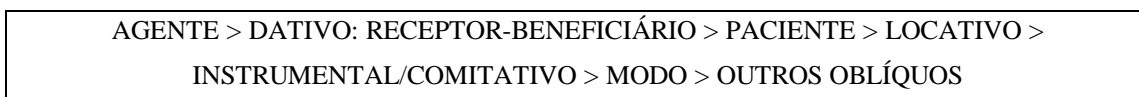
⁴⁸ õ(...) que mejor define el OI em español, tanto sincrónica como diacrónicamente, es la referencia casi sistemática a entidades humanas ó o humanizadas (...)ö, cf. Company (2006, p. 503).

⁴⁹ Apesar de o OI apresentar, prototipicamente, o traço semântico [+ humano], a proporção de OI com o traço [- humano] aumentou de 6% no século XIII para 16% no século XIX (COMPANY, 2006). Segundo Company (2006), tais resultados contrastantes relacionados à animacidade sugerem uma flexibilização da capacidade referencial do OI, que, conseqüentemente, repercute em uma aproximação léxico-funcional dessa categoria com o OD.

⁵⁰ õ(...) el punto de referencia obligado de prácticamente todas las gramáticas y estudios monográficos; es también um rasgo léxico común y recurrente de la datividad en la mayoría de las lenguas.ö, cf. Company (2006, p. 503)

⁵¹ õ(...) es el eje que construye el espacio estructural objeto en el español y pone en contraste el OI com el objeto directo.ö, cf. Company (2006, p. 506).

topicalidade e são entidades ativas que exibem volicionalidade e agentividade, diferentemente do OD, que normalmente se refere a entidades inanimadas (COMPANY, 2006). Pelo fato de o dativo e o nominativo apresentarem características semânticas similares, várias teorias gramaticais aproximam ambos na hierarquia de agentividade e topicalidade (COMPANY, 2006). Conforme ilustra o esquema abaixo, o dativo está situado após o sujeito (*agente*) e antes do OD (*paciente*):



Esquema 2.2: Localização do dativo na hierarquia de agentividade-topicalidade

(COMPANY 2006, p. 508).

Ao analisar o funcionamento do OI nos materiais que integram o *corpus*, Company (2006) constatou também a existência de cinco papéis semânticos fundamentais para a categoria do OI, são eles: *receptor*, *experenciador*, *possuidor*, *meta/fonte* e *beneficiário*. Tal caracterização levou em conta o grau de envolvimento da entidade OI com o significado do verbo e com o evento de um modo geral (COMPANY, 2006). Company (2006) acrescenta também que

Os cinco valores semânticos formam um *continuum* de envolvimento ou de afetação, com dois extremos claros: o receptor seria o OI mais envolvido, o beneficiário o menos envolvido, e dentro do *continuum* se estabeleceriam fronteiras internas nem sempre bem delimitáveis, já que com certa frequência uma mesma entidade OI pode atribuir em uma mesma oração mais de um papel semântico de cada vez.

(COMPANY, 2006, p. 520)⁵²

Tendo em vista essas considerações e com base nos dados analisados, Company (2006) destaca que é possível dividir esses cinco papéis temáticos em duas grandes classes. Enquanto de um lado estariam os valores semânticos de maior envolvimento (*receptor*, *experenciador* e *possuidor*), no outro, estariam os de menor envolvimento

⁵² ðLos cinco valores semânticos forman un *continuum* de involucramiento o de afectación, con dos extremos claros: el receptor sería el OI más involucrado, el beneficiario el menos involucrado, y dentro del *continuum* se establecerían fronteras internas no siempre bien delimitables, ya que con cierta frecuencia a una misma entidad OI en una misma oración puede asignársele más de un papel semántico a la vez.ö, cf. Company (2006, p. 520).

(*meta/fonte e beneficiário*), cf. Company (2006). Tais características estão ilustradas no esquema apresentado por Oliveira (2014):



Esquema 2.3: O *continuum* de papéis temáticos do OI, cf. Oliveira (2014, p. 41).

Segundo Company (2006), todos esses papéis temáticos estão vinculados pelo valor semântico geral de *locus* ou meta final da transitividade, sendo o papel semântico de *receptor* considerado prototípico do OI e também o mais frequente em todas as línguas. Considerando as descrições apresentadas pela autora, são sumarizadas, no quadro 10, as principais características de cada um desses papéis semânticos do OI:

PAPÉIS TEMÁTICOS	DESCRIÇÃO
<i>Receptor</i>	Entidade OI que participa de um processo de transferência (física ou metafórica) e que, geralmente, recebe ou se converte no novo possuidor do OD. Para tal recepção, o OI precisa ter certa consciência e volicionalidade. Verbos que selecionam um OI receptor: <i>dar, outorgar, dizer, remover, arrebatrar, comprar, vender</i> etc.
<i>Experenciador</i>	Entidade OI que em razão do significado do verbo sofre uma modificação (ligeira ou forte) de seu estado anímico, mental ou sensorial. Aparece, normalmente, em situações estativas, exercendo uma menor volicionalidade se comparado ao papel do receptor, porém superior se comparado aos papéis de meta/fonte e beneficiário. Dentre os predicadores que selecionam um OI experienciador, estão os <i>verbos psicológicos (agradar, desagradar, parecer)</i> ou de experiência existencial (<i>ficar, faltar, passar, acontecer</i>).
<i>Possuidor</i>	A entidade OI possui o OD antes mesmo da execução da transitividade do verbo. Nesse caso, não existe transferência do OD e, portanto, não há um receptor, apesar de existir uma estreita afinidade semântica entre ambos os papéis (possuidor e receptor). Company (2006) não lista quais verbos selecionam um OI possuidor.
<i>Meta/fonte</i>	Entidade a que algo/alguém chega ou toca, ou se origina se é fonte. Pode ocorrer um deslocamento ou transferência de uma entidade, porém, o foco está direcionado ao caráter de destino do OI, independentemente de ter sido exercida ou não certa volicionalidade. Verbos como <i>chegar, vir, sair, mostrar e enviar</i> selecionam um OI meta/fonte.
<i>Beneficiário</i>	Entidade que recebe para seu proveito o significado na oração. Situa-se na fronteira com os dativos que não são OI, pois é uma entidade alheia ao limite da estrutura argumental, praticamente à margem das relações gramaticais contraídas pelos outros constituintes da oração. Se ao invés de um benefício, o OI obter um dano ou resultado negativo, este é denominado <i>maleficiário</i> . Apesar de não listar, Company (2006) comenta que vários verbos selecionam um OI beneficiário.

Quadro 10: As principais características dos cinco papéis semânticos do OI, cf. Company (2006, p. 520-521).

Diferentemente de quatro papéis semânticos que estão vinculados diretamente ao verbo (*receptor, experienciador, possuidor, meta/fonte*), o OI com o papel de *beneficiário* está vinculado ao significado geral do evento, o que justifica sua

proximidade com os dativos que não são considerados argumentais (COMPANY, 2006). Destaca-se também o fato de que esses cinco papéis são semanticamente heterogêneos, uma vez que podem exibir diversas nuances e compartilhar, simultaneamente, dois ou mais valores temáticos. Dentre os fatores que podem influenciar nessa diversificação semântica do OI, destacam-se a classe lexical do verbo que o seleciona, o tipo lexical do OD ou a participação de um sujeito e a coocorrência de complementos circunstanciais (COMPANY, 2006).

Por fim, em relação aos resultados quantitativos da pesquisa diacrônica, constata-se que o papel semântico de *receptor* concentra uma frequência de uso igual ou superior a 50%, enquanto a outra metade está distribuída entre os demais valores semânticos (*experenciador, possuidor, meta/fonte e beneficiário*) (COMPANY, 2006). Um aspecto que despertou a atenção de Company (2006) foi o fato de os papéis temáticos do OI manterem proporções similares em todos os períodos e textos investigados, não existindo, portanto, um processo de mudança. Observa-se que o aumento mais notável foi identificado nos séculos XIII e XVI, intervalo em que OI receptor aumenta sua frequência de 50% para 57% (COMPANY, 2006). Segundo Company (2006, p. 523), essa diferença, provavelmente, está associada à temática do texto, pois considerando que o gênero epistolar integra parte do *corpus* do século XVI, justifica-se esse aumento tendo em vista que o ã(...) OI das cartas são (...) os destinatários reais desses textos e, portanto, os receptores verdadeiros do OD⁵³.

Após a exposição das principais características formais e semânticas associadas ao OI, no espanhol, passa-se à luz de Berlinck (1996) à caracterização do complemento verbal dativo no português.

2.3.2. O dativo em língua portuguesa: critérios e tipologia

Em *The Portuguese dative*, Berlinck (1996) se propõe a apresentar uma tipologia para o complemento verbal dativo no português. Contudo, tendo em vista que não é possível expor uma única descrição do dativo que seja válida para todas as variedades dessa língua, a autora opta por estabelecer análises comparativas entre duas variedades: o PB e o PE (cf. BERLINCK, 1996). Inicialmente, Berlinck (1996) comenta sobre a

⁵³ ã(...) OI de las cartas son (...), los destinatarios reales de esos textos y por tanto los receptores verdaderos del OD.ö, cf. Company (2006, p. 523).

utilização dos termos *õOIö* e *õdativoö*. De acordo com a autora, a palavra *õdativoö*, que provém da terminologia latina para distinção de casos, é a mais apropriada para se referir ao objeto de estudo em questão, uma vez que o termo *õindiretoö* pode fazer referência a complementos que possuem valores semânticos (benéficos, locativos, temporais etc.) e papéis morfossintáticos (possibilidade ou não de substituição por clíticos correspondentes, argumento ou adjunto) bastante diferenciados. Além disso, o fato de alguns gramáticos estabelecerem que a preposição é um traço formal do OI, mas ao mesmo tempo revelarem que, em alguns contextos, o OD também pode ser encabeçado por uma preposição, pode acabar gerando certa confusão, o que leva Berlinck (1996) a caracterizar o termo *õdativoö* como o mais adequado.

No que se refere às distinções de caso, Berlinck (1996) observa as formas clíticas dos pronomes pessoais, em português, sofrem algum tipo de distinção formal. Contudo, tais distinções também são pouco numerosas, porque além de não existir forma clítica dos pronomes nominativos, o acusativo e o dativo apresentam estratégias formalmente específicas, sendo o *lhe* a única forma dativa distintiva do acusativo, conforme evidenciado no quadro a seguir⁵⁴:

ACUSATIVO	DATIVO
me	me
te/o, a	te/lhe
o, a	lhe
nos	nos
(vos) o, a	(vos) lhes
os, as	lhes

Quadro 11: Sistema pronominal geral para o acusativo e dativo, cf. Berlinck (1996, p. 120).

Como exemplificado de (45) a (48)⁵⁵, o complemento verbal dativo também pode ser constituído por um pronome nominativo (*nominative pronoun* ó NP) ou tônico, que é introduzido pelas preposições *a* ou *para* (excepcionalmente, por *de* ou *em*) e que corresponde ao pronome *lhe*:

⁵⁴ De acordo com Berlinck (1996), esse sistema pronominal corresponde ao *õportuguês padrãoö*, que teoricamente inclui todas as variedades. Todavia, verifica-se que ele não é capaz de representar a complexidade do português oral, sua variação estilística e regional, além de serem observadas diferenças significativas entre a variedade brasileira e europeia (BERLINCK, 1996).

⁵⁵ Exemplos extraídos de Berlinck (1996, p. 121-124).

- (45) (a) João deu o livro [*ao Pedro*]_{DAT}.
 (b) João [*lhe*]_{DAT} deu o livro.
- (46) (a) Você perguntou [*para ele*]_{DAT} como é que dividia o seu tempo, não é?
 (b) Você [*lhe*]_{DAT} perguntou como é que dividia o seu tempo, não é?
- (47) (a) Joana aproximou sua cadeira [*de Pedro*]_{DAT}.
 (b) Joana aproximou-[*lhe*]_{DAT} sua cadeira.
- (48) (a) O vestido assenta bem [*nela*]_{DAT}.
 (b) O vestido [*lhe*]_{DAT} assenta bem.

Além da substituição por *lhe*, outro critério que pode ser utilizado para a identificação do dativo é o fato de este complemento não poder exercer a função de sujeito gramatical de uma oração passiva, conforme atestado em (49)⁵⁶:

- (49) (a) Paulo deu as chaves [*a Maria*]_{DAT}.
 (b) As chaves foram dadas a Maria (por Paulo).
 (c) *A Maria foi dada as chaves.

Para Berlinck (1996, p. 128), ao considerar esses critérios que podem ser utilizados para a identificação do dativo, é possível detectar quais os contextos de sua ocorrência e fornecer uma tipologia para o português que inclua ã(...) o tipo de verbo ou construção verbal com a qual o complemento dativo pode coocorrer e o tipo de relação que mantém com o verbo ou sentença⁵⁷. Para tanto, a autora se baseou no trabalho de Delbecque e Lamiroy elaborado para o espanhol (1996, no mesmo volume) e justificou esse embasamento pelo fato de existir uma proximidade entre as línguas, apesar de também existirem algumas diferenças significativas entre ambas (cf. BERLINCK, 1996). Segundo Berlinck (1996), as estruturas transitivas são consideradas prototípicas do complemento dativo, pois a maior parte das ocorrências com esse tipo de complemento segue a organização sintática dessas estruturas:

⁵⁶Exemplos extraídos de Berlinck (1996, p. 127).

⁵⁷ã(...) the type of verb or verbal construction with which the dative complement can co-occur and the kind of relationship it maintains with the verb or the sentence.ö, cf. Berlinck (1996, p. 128).

$$\boxed{N_0 + V + N_1 + \{a, \text{para}, \text{em}\} N_2}$$

Esquema 2.4: Organização sintática geral das estruturas transitivas, cf. Berlinck (1996, p. 128).

Os elementos que fazem parte dessas estruturas transitivas são descritos por Berlinck (1996) da seguinte maneira:

(...) N_0 representa o sujeito gramatical da voz ativa dos verbos transitivos, N_1 representa o acusativo (ou OD) de um verbo transitivo ou o sujeito gramatical de verbos intransitivos ou pronominalmente conjugados. N_2 corresponde ao dativo.

(BERLINCK, 1996, p. 128)⁵⁸

No que se refere ao complemento verbal dativo (N_2), a autora afirma que este pode seguir imediatamente o verbo ou no caso de ser expresso através de um clítico, ter a possibilidade de vir antes ou depois, o que será influenciado por aspectos estruturais e variações regionais (cf. BERLINCK, 1996). A este respeito, constata-se que, na variedade europeia, a opção preferencial é a utilização do clítico logo depois do verbo, diferentemente da variedade brasileira, cuja norma é a posição pré-verbal (cf. BERLINCK, 1996).

Considerando diferenças na caracterização semântica do verbo e de elementos subcategorizados, Berlinck (1996) distingue quatro tipos de estruturas transitivas: verbos de (1) *transferência material*, (2) *transferência verbal e perceptual*, (3) *movimento físico* e (4) *movimento abstrato*. Os predicadores do primeiro tipo, assim como o nome indica, expressam uma transferência material: N_0 (sujeito gramatical) faz com que N_1 (OD) se torne propriedade de N_2 (OI) (BERLINCK, 1996). Verbos como *alugar, atribuir, confiar, dar, devolver, distribuir, emprestar, entregar, fornecer, legar, mandar, oferecer, pagar, passar, restituir* e *transferir* fazem parte desse grupo (BERLINCK, 1996). Contudo, Berlinck (1996) destaca que a transferência material também pode ter uma interpretação inversa, de modo que, ao invés de N_1 entrar no domínio de posse de N_2 , ele é retirado deste. Neste caso, como bem destaca Oliveira (2014), o dativo não é interpretado como *õrecebedorõ*, mas sim como *õfonteõ* da transferência expressa pelo verbo, o que pode ser transmitido através de construções que

⁵⁸ õ(...) N_0 stands for the grammatical subject of the active voice of transitive verbs, N_1 stands for the accusative (or DO) of a transitive verb or the grammatical subject of intransitive verbs or pronominally conjugated ones. N_2 corresponds to the dative. (...)õ, cf. Berlinck (1996, p. 128).

utilizem os seguintes predicadores: *arrebatar, arrancar, comprar, confiscar, cortar, emprestar, evitar, pedir, furtar, roubar, subtrair, suprimir, tirar e tomar* (BERLINCK, 1996). Berlinck (1996) acrescenta também que

Curiosamente, a maioria destes verbos ocorre com um complemento dativo introduzido pela preposição *de*. Nesses casos, o *a*-dativo é possível (embora não seja preferido), mas um complemento introduzido por *para* é impossível. Esta impossibilidade reside no fato de que, tendo um valor beneficiário (numa perspectiva ampla de \pm beneficiário \emptyset), o complemento dativo é também interpretado como \pm fonte 'Fonte' é tipicamente marcada pela preposição *de* em português, enquanto *para* implica uma leitura de 'meta'.

(BERLINCK, 1996, p. 130)

Tendo em vista essas considerações, Berlinck (1996) sintetiza as propriedades distribucionais de construção dos verbos de transferência material da seguinte forma: [+/- animado] N₀ + V + [(+) / - animado] N₁ + {*a, para, de*} [+/- animado] N₂. Neste contexto, N₁ geralmente não é expresso por uma cláusula subordinada (*que*), e o N₂, além de ser cliticizável em *lhe*, pode ser correferencial com N₀ em determinados contextos (BERLINCK, 1996). Em (50), são exemplificadas construções com verbos de transferência material⁵⁹:

(50) a. Não entregaram as mercadorias [*ao comprador*]_{DAT}.

b. Felipe pediu um chocolate [*para o avô*]_{DAT}.

c. Maria tomou-[*lhes*]_{DAT} tudo que tinham.

d. Pedro tirou os livros [*das mãos de Joana*]_{DAT}.

Diferentemente dos predicadores de transferência material, os verbos de *transferência verbal e perceptual* não envolvem a transferência de uma entidade concreta, mas sim de algo abstrato, pois como efeito de um ato comunicativo, N₀ faz com que N₂ possua certo conhecimento, ideia ou percepção (N₁) (cf. BERLINCK, 1996). Levando em conta um processo de transferência dessa natureza, justifica-se o fato de N₂ (OI) ser sempre [+ animado], conforme se observa na descrição apresentada por Berlinck (1996): [+/- animado] N₀ + V + [- animado] N₁ + {*a, para*} [+ animado] N₂. Neste contexto, N₁ normalmente é expresso como uma cláusula subordinada (*que*) ou infinitiva, e o N₂, além de ser cliticizável em *lhe*, pode ser correferencial com N₀

⁵⁹Exemplos retirados de Berlinck (1996, p. 129-130).

(BERLINCK, 1996). Neste grupo, estão verbos como: *aconselhar, anunciar, assegurar, augurar, confessar, contar, dizer, ensinar, escrever, falar, jurar, narrar, notificar, ordenar, perguntar, prometer, protestar, provar, repetir, responder, sugerir e telefonar*. Em (51), há duas evidências de verbos de transferência verbal e perceptual⁶⁰:

(51) a. Pedro disse [*para seus colegas*]_{DAT} que o diretor estava doente.

b. Ela [*me*]_{DAT} ensinou a técnica de leitura.

Os verbos de *movimento físico* representam uma extensão do conceito de transferência, pois correspondem a um movimento prototipicamente físico que é dirigido a uma meta ou alvo: uma transferência de N₁ para N₂ (BERLINCK, 1996). Quando expresso por uma entidade [- animada], o alvo (OI) tem um significado de locativo, e quando expresso por uma entidade [+ animada], além de locativo, há uma conotação de beneficiário (BERLINCK, 1996). Considerando aspectos sintáticos e semânticos, Berlinck (1996) descreve a estrutura das frases com verbos de movimento físico da seguinte maneira: [+/- animado] N₀ + V + [+/- animado] N₁ + {*a, para, em, de*} [+/- animado] N₂. De acordo com a autora, N₁ não pode ser expresso por uma cláusula subordinada (*que*) ou infinitiva, já N₂ e N₀ podem ser correferenciais, mas sendo o N₂ [- animado] ele terá um valor locativo e não será facilmente cliticizado em *lhe*. Verbos como *acrescentar, atirar, conduzir, dirigir, encaminhar, instilar, lançar, levar, pôr e trazer* são considerados de movimento físico, conforme ilustrado em (52)⁶¹:

(52) a. No aniversário do amigo levou-[*lhe*]_{DAT} um livro.

b. Elas [*me*]_{DAT} trazem esse material todo para ser discutido em aula.

Os verbos de *movimento abstrato*, assim como os do grupo anterior, sugerem algum tipo de movimento, porém, neste caso, não existe uma transferência, mas sim (...) uma aproximação abstrata entre uma entidade e um estado, um sentimento, uma ideia, ou outra entidade. (...) (BERLINCK 1996, p. 133)⁶². Como consequência disso, observa-se uma associação que às vezes resulta no estabelecimento de uma hierarquia ou de um estado de subordinação (BERLINCK, 1996). Berlinck (1996) descreve a

⁶⁰Exemplos utilizados por Berlinck (1996, p. 131).

⁶¹ Exemplos utilizados por Berlinck (1996, p. 132).

⁶² ã(...) an abstract approximation between an entity and a state, a feeling, an idea, or another entity. (...)ö, cf. Berlinck (1996, p. 133).

estrutura de construções com os verbos de movimento abstrato da seguinte forma: [+/- animado] N₀ + V + [+/- animado] N₁ + {a, para, em} + [+/- animado] N₂ (BERLINCK, 1996). De acordo com a autora, N₁ pode ser correferencial com N₀, e N₂, além de ser cliticizável, pode ser expresso por uma cláusula subordinada (*que*) ou infinitiva (BERLINCK, 1996). Neste grupo estão verbos como: *acrescentar, adaptar, anexar, atribuir, conferir, consagrar, dedicar, destinar, filiar, imputar, incorporar, juntar, pôr, sensibilizar, submeter, subordinar e trazer* (BERLINCK, 1996). Em (53), são ilustradas construções com verbos desse tipo⁶³:

(53) a. Os trabalhos [*lhe*]_{DAT} foram submetidos ontem.

b. A reputação dos astros foi prejudicada pelo amor que os nazis [*lhes*]_{DAT} dedicaram.

Além das quatro construções transitivas que foram descritas (*transferência material, transferência verbal e perceptual, movimento físico e movimento abstrato*), existem outras que também envolvem um complemento dativo. Trata-se do *dativo commodi/incommodi*⁶⁴ e do *dativo possessivo transitivo*⁶⁵, *construções transitivas do tipo se lhe*⁶⁶ (cf. OLIVEIRA, 2014).

Após a descrição das construções transitivas, passa-se agora à análise das três estruturas intransitivas que também selecionam um complemento dativo: verbos de (1) *interesse*, (2) *movimento* e (3) *movimento psicológico* (BERLINCK, 1996). As estruturas intransitivas com um complemento dativo são utilizadas para descrever um estado de associação entre dois argumentos do verbo (BERLINCK, 1996). Segundo Berlinck (1996), não há agente ou causa envolvida, e o padrão geral desse tipo de construção é organizado da seguinte maneira:

[N₁ - V - {a, para} N₂]

Esquema 2.5: Organização sintática geral das estruturas intransitivas, cf. Berlinck (1996, p. 136).

⁶³ Exemplos extraídos de Berlinck (1996, p. 133).

⁶⁴ É um tipo de construção especial que se difere das outras estruturas transitivas por não fazer parte da grelha verbal, mas sim ser regido por todo o complexo envolvido (o verbo e seus complementos): *ø*Ele abre a porta *aos convidados**ø*, *ø*O rapaz *lhe* pôs o livro na estante*ø* (BERLINCK 1996, p. 134).

⁶⁵ Expressa um significado geral de possessão, cuja relação é estabelecida no nível da sentença em razão da associação de dois argumentos sintaticamente independentes, o OD e o OI: *ø*Eu queimei-*lhe* os cabelos*ø*, *ø*Maria limpou-*me* o casaco*ø* (BERLINCK 1996, p. 135).

⁶⁶ Apresentam um complemento verbal dativo com um valor benéfico geral que faz parte do complexo verbal ou é bastante previsível, tendo em vista a subcategorização do verbo: *ø*Passaram-se-*lhe* todas as informações sobre o novo projeto*ø*, *ø*Abriu-se-*lhes* a porta*ø* (BERLINCK 1996, p. 144).

Os verbos intransitivos que podem ser inseridos na categoria de *interesse* evidenciam pequenas diferenças que precisam levadas em conta (BERLINCK, 1996). O primeiro aspecto está relacionado ao envolvimento do referente de N₁, uma vez que com alguns verbos de interesse, N₁ está ativa e voluntariamente envolvido na associação (ou negação da associação), enquanto com outros, não há envolvimento voluntário, mas sim uma associação ou correspondência estática de N₁ com N₂ (BERLINCK, 1996). Como exemplos do primeiro subgrupo, estão verbos como: *acudir, aderir, assistir, faltar, obedecer, renunciar, resistir e servir* (BERLINCK, 1996). Já em relação ao segundo subgrupo, figuram verbos como *concernir, corresponder, equivaler, pertencer e sobrar* (BERLINCK, 1996). Ambos estão ilustrados, respectivamente, em (54) e (55)⁶⁷:

(54) a. Aos 18 anos, todos os jovens começam a servir [*ao Exército*]_{DAT}.

b. João sempre obedeceu [*às regras de trânsito*]_{DAT}.

(55) a. O edifício pertence [*a um milionário do petróleo*]_{DAT}.

b. O assunto [*lhe*]_{DAT} concernia muito particularmente.

c. O preço deste anel equivale [*a dois anos de meu salário*]_{DAT}.

Segundo Berlinck (1996), as características do primeiro subgrupo são: [+/- (-) animado] N₁ + V + (a) + [+/- animado] N₂. Como destacado anteriormente, neste caso, N₁ (OD) é de natureza caracteristicamente voluntária e quando é [- animado] parece ser marginal; já N₂ (OI) é sempre cliticizável quando é [+ animado] (BERLINCK, 1996). Nesse tipo de construção, os verbos geralmente requerem que o N₂ (OI) seja introduzido pela preposição *a* (*servir ao exército/obedecer às regras de trânsito*), ainda que haja a possibilidade de que alguns verbos (tais como *obedecer, faltar, resistir, servir, aderir e assistir*) admitam sentenças sem o uso da preposição (*servir o exército/obedecer as regras gramaticais*) (BERLINCK, 1996). Tais construções tendem a ser encontradas em contextos informais do PB, porém, não são constatadas referências no PE (BERLINCK, 1996).

⁶⁷ Exemplos utilizados por Berlinck (1996, p. 137-138).

Em relação ao segundo subgrupo, Berlinck (1996) afirma que a presença da preposição *a* é obrigatória quando N₂ (OI) é expresso por um sintagma preposicionado (pertence *a um milionário do petróleo/equivale a dois anos de meu salário*). Já N₁ (OD) é tipicamente [- animado], enquanto N₂ pode ser animado ou inanimado, sendo cliticizável quando [+ animado] (BERLINCK, 1996). Conforme descrito anteriormente, neste tipo de construção não há envolvimento voluntário de N₁, mas há uma associação/correspondência estática de N₁ com N₂.

O segundo aspecto que precisa ser considerado na categoria dos verbos de interesse diz respeito à ãreferencialidade de N₂ (BERLINCK, 1996). Nos dois subgrupos descritos acima, N₂ (OI) sempre apresenta uma interpretação referencial, independentemente de estar ou não explicitamente expresso na sentença (BERLINCK, 1996). No entanto, com alguns verbos (*acontecer, bastar, chegar, constar, convir, faltar, parecer e ser*), N₂ só terá uma leitura referencial quando for lexicalmente realizado (BERLINCK, 1996). Em contrapartida, a ausência de um dativo lexical acarreta uma leitura arbitrariamente não-referencial para N₂, conforme exemplificado de (56) a (58)⁶⁸:

(56) a. Quem é que se importa com o que [*lhe*]_{DAT} aconteceu?

b. Quem é que se importa com o que aconteceu?

(57) a. A questão *me* pareceu algo acadêmica.

b. A questão pareceu algo acadêmica.

(58) a. O ãEstado de São Pauloøde domingo *me* é muito útil.

b. O ãEstado de São Pauloøde domingo é muito útil.

Verifica-se que, nas sentenças (a), a presença do complemento dativo especifica a entidade para quem a situação está prevista, já nas frases (b), embora essa entidade esteja implícita, há a possibilidade de que seja uma referência de 1^a, 2^a ou 3^a pessoas (dependendo do contexto), além de um genérico como ãalguémö ou ãtodosö (BERLINCK, 1996). Considerando aspectos sintáticos e semânticos, Berlinck (1996) caracteriza esse tipo de construção alternativa da seguinte forma: [+/- animado] N₁ + V + {a, para} + [+ animado] N₂. Neste contexto, N₁ (OD) pode ser expresso por uma

⁶⁸ Exemplos retirados de Berlinck (1996, p. 139).

proposição (cláusula finita ou infinitiva), e N₂ (OI), além de ser sempre cliticizável, é, preferencialmente, expresso por um clítico (BERLINCK, 1996).

Os verbos de *movimento* (*chegar, escapar, entrar, fugir, ir e vir*) geralmente subcategorizam um locativo ou um argumento direcional (BERLINCK, 1996). Quando é [+ animado], além da interpretação locativa, esse argumento é marcado também pelo traço [+ afetado], pois nota-se que seu referente está, de certo modo, envolvido no processo descrito, independentemente desse envolvimento ser voluntário ou não (BERLINCK, 1996). Tendo em vista essas características, Berlinck (1996) descreve a estruturas dessas construções da seguinte forma: [+/- animado] N₁ + V + a + [+ animado] N₂ (BERLINCK, 1996). De acordo com a autora, N₂ (OI) geralmente é expresso por um pronome clítico e é sempre cliticizável, como exemplificado em (59)⁶⁹:

(59) a. Veio-[*lhe*]_{DAT} uma necessidade enorme de sair.

b. Alguns erros de ortografia [*me*]_{DAT} escaparam.

Assim como ocorre com os verbos de interesse, apenas os complementos dativos expressos lexicalmente recebem uma interpretação referencial com os verbos de movimento (BERLINCK, 1996). Em contrapartida, quando não expressos explicitamente, esses complementos geralmente recebem um valor padrão e são interpretados como dêiticos relacionados à 1^a ou 2^a pessoa (BERLINCK, 1996). Além disso, segundo Berlinck (1996), o traço [+ afetado] é perdido e apenas uma leitura locativa (õaquiö, õo lugar de onde fala o falanteö) é possível, conforme comprovam os exemplos em (60):

(60) a. O menino veio [\emptyset], pedindo ajuda.

b. De fora, chegava um cheiro bom de solo úmido [\emptyset].

Os verbos de *movimento psicológico* (tais como *agradar, importar, interessar, repugnar, satisfazer*, dentre outros) ã(...) selecionam um N₂ [+ animado] que representa o -portadorø do processo psicológico transmitido pelo verboö, enquanto N₁, ã(...) representa a causa ou fonte do processoö (BERLINCK, 1996, p. 141)⁷⁰. Berlinck (1996)

⁶⁹Exemplos extraídos de Berlinck (1996, p. 140).

⁷⁰ã(...) take a [+ animate] N₂ that represents the -bearerø of the psychological process conveyed by the verb. N₁ represents the cause or source of the process.ö, cf. Berlinck (1996, p. 141).

sintetiza as características deste grupo da seguinte maneira: [+/- *animado*] N₁ + V_{3p} + a + [+ *animado*] N₂. De acordo com a autora, N₁ (OD) pode ser expresso por uma oração subordinada (*que*) ou infinitiva, e N₂ (OI) é sempre cliticizável, como exemplificado em (61)⁷¹:

- (61) a. A inteligência do rapaz agradou [*a todos*]_{DAT}.
 b. [*A eles*]_{DAT} não importa como você utiliza o seu tempo de trabalho.
 c. Fugir dali; fugir o mais depressa possível. Nem [*lhe*]_{DAT} interessava saber por quanto tempo.

Berlinck (1996) comenta também que o grupo dos verbos de movimento psicológico do português é bem menor que seu correspondente no espanhol, pois alguns predicadores (*admirar, alegrar, emocionar, encantar, entristecer, molestar, preocupar, tentar*) que são usados com complementos acusativos no primeiro, são utilizados com dativos no segundo (BERLINCK, 1996). Além disso, a autora destaca que grande parte dos verbos de movimento também pode apresentar uma construção acusativa opcional no PB, conforme comprovam as sentenças expostas de (62) a (64)⁷²:

- (62) a. A comida satisfaz [*o menino*]_{ACU}.
 b. A comida [*o*]_{ACU} satisfaz.
 (63) a. A nova decoração agradou [*o diretor*]_{ACU}.
 b. A nova decoração [*o*]_{ACU} agradou.
 (64) a. Todos os detalhes da construção interessavam [*o proprietário*]_{ACU}.
 b. Todos os detalhes da construção [*o*]_{ACU} interessavam.

Além das três estruturas intransitivas analisadas (*interesse, movimento e movimento psicológico*), há outras que também envolvem um complemento dativo. São elas: o *dativo possessivo intransitivo*⁷³ e as *construções intransitivas do tipo se lhe*⁷⁴.

⁷¹ Exemplos extraídos de Berlinck (1996, p. 141).

⁷² Exemplos retirados de Berlinck (1996, p. 142).

⁷³ O *dativo possessivo intransitivo* se distingue da sua contraparte transitiva apenas por causa de algumas restrições seletivas, o que faz com que o conjunto de verbos intransitivos seja mais reduzido, pois apenas os que expressam uma sensação física ou emocional parecem aceitar esse tipo de construção: *õDoem-me as costasõ, õTremem-lhe as mãosõ* (BERLINCK, 1996, p. 143).

⁷⁴ Em *construções intransitivas do tipo se lhe*, assim como o *dativo commodi/incommodi*, o complemento dativo não faz parte da grade temática do verbo, mas está ligado a todo o complexo verbal (BERLINCK,

Por fim, Berlinck (1996, p. 147) atenta também ao *dativo ético*, um tipo especial de complemento, de natureza não-argumental, que é sempre expresso por um clítico referente à 1ª ou 2ª pessoa: ãNão *me* chegue tardeö, ãAquele lá *te* saiu um belo idiota!ö. De acordo com a autora, o dativo ético está ã(...) além do nível da frase, pertencendo ao nível do ato de fala. Isso explica sua natureza ilimitada, uma vez que não é selecionado por qualquer elemento do nível da sentença.ö (BERLINCK 1996, p. 149)⁷⁵.

A proposta tipológica de Berlinck (1996) pode ser sintetizada no quadro a seguir exposto.

CATEGORIA	VERBO PROTOTÍPICO	ESTRUTURA SINTÁTICA GERAL
transferência material	dar	N + V + N + {a, para, em} N
transferência verbal e perceptual	dizer	
movimento físico	levar	
-movimentoøabstrato	submeter	
interesse	obedecer	N + V + {a, para}+ N
movimento	chegar	
-movimentoøpsicológico	agradar	

Quadro 12: Categorias distintivas, cf. Berlinck (2005, p. 131).

De modo geral, o dativo é interpretado com o ponto para onde convergem as transferências (materiais, verbais e perceptuais) e os movimentos (físicos, abstratos e psicológicos) promovidos pela semântica do predicador verbal, cf. Oliveira (2014, p. 49). Nesse sentido, assumem-se, com base na proposta de gradação semântica de Berlinck (1996), os argumentos projetados por verbos *transitivos* como foco desta dissertação, incluindo também as construções de dativo possessivo (dativo de posse) e as construções do tipo *se lhe* tão somente projetadas por predicadores de três lugares.

Prossegue-se, em 2.4, com as descrições da variável dependente e dos grupos de fatores (linguísticos e extralinguísticos) aos quais foram categorizados os dados de dativo de 2SG.

2.4 As estratégias de 2ª pessoa do singular em contextos de complementação verbal dativa: os grupos de fatores

Considerando que esta dissertação está orientada pelo objetivo principal de oferecer uma visão panorâmica acerca do estatuto variável do dativo de 2SG, é

1996). Neste tipo de construção, o processo descrito é direcionado ao dativo e há uma clara conotação de beneficiário/destinatário (BERLINCK, 1996).

⁷⁵ ã(...) beyond sentence level, belonging to the level of the speech act. This explains its unlimited nature, as it is not selected by any element on the sentence level.ö, cf. Berlinck (1996, p. 149).

importante expor os procedimentos metodológicos norteadores deste trabalho. Os dados de dativo estão quantitativa e qualitativamente analisados. O teor quantitativo da análise se justifica pelo intuito principal de expor uma visão geral do fenômeno atentando ao que é estatisticamente relevante, o que conduz o pesquisador a depreender a sua sistematicidade, encaixamento (linguístico e social) e possível vínculo com uma mudança, cf. Guy e Zilles (2007, p. 73). A análise qualitativa dos dados, por outro lado, permite que se atente aos dados com baixos índices de produtividade, o que pode não só expor a manutenção de uma dada forma numa situação comunicativa peculiar, mas também pode evidenciar uma visão mais ampla de expressão do fenômeno em variação. Com base em critérios linguísticos e extralinguísticos alicerçados nos resultados de análises linguísticas, sobretudo, nas análises diacrônicas, as formas variantes do dativo de 2SG foram submetidas ao programa estatístico GOLDVARB-X para o alcance da produtividade de tais estratégias em termos de frequências de uso (índices percentuais brutos), o que legitima a visão panorâmica da produtividade do dativo de 2SG nas missivas mineiras.

Tendo como base o resultado de outros estudos sobre o tema em discussão (cf. BERLINCK, 1996, 2005; COMPANY, 2006; LOPES e CAVALCANTE, 2011; SOUZA e OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA, 2014; RUMEU, 2015; RUMEU e OLIVEIRA, 2016) e algumas hipóteses levantadas para o desenvolvimento desta pesquisa, descrevem-se, a seguir, a variável dependente e os grupos linguísticos e extralinguísticos investigados.

2.4.1 Os grupos de fatores linguísticos

O foco deste trabalho são as formas alternantes de expressão do complemento verbal dativo de 2SG. Conforme atestado em outros estudos, existem no PB ao menos sete estratégias dativas comuns: *te*, *lhe*, *a você*, *para você*, *a ti*, *para ti* e *dativo nulo* (cf. LOPES e CAVALCANTE, 2011; SOUZA e OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA, 2014; RUMEU, 2015; RUMEU e OLIVEIRA, 2016). Dentre essas formas, apenas o SPREP *para ti* não foi encontrado entre os dados levantados neste trabalho. Já as demais variantes acompanhadas do raríssimo caso do clítico *o/a* também em função dativa estão exemplificadas, de (65) a (71), a partir de dados retirados das amostras de cartas mineiras em análise.

- (65) ðDepois *te falarei* de que se trata.ö (AR. BH, 02.05.1927)
- (66) ðCom saudades venho *dizer-lhe* um afetuoso muito obrigada pelo lindo veludo cõr de rosa que me mandou.ö (CLB. Lambari, 09.09.1946)
- (67) ðAgora *trago a você* meu afetuoso obrigada.ö (HL. 02.04.1979)
- (68) ðMãe e papai *mandam* abraços *para você*.ö (M. Campanha, 30.08.1968)
- (69) ðA tua letra é muito grande. Por mais que me escreves, sempre me *escreves* menos do que eu *a ti*.ö (AR. 10.09.1925)
- (70) ðPeço *ø* dar ao Doutor Gorceix os meos respeitos e os meos agradecimentos em meo e no nome d. minha família.ö (C. Caeté, 25.02.1905)
- (71) ð[...] E no entanto, meu tio, até hoje, a ninguem devo uma obrigação, d' estas que possuem fazer corar a um homem de brio. Em todos os meus exames, sempre aprovado plenamente e algumas vezes distintamente, estas notas *dig-o* com orgulho ó devo-as ao estudo e á protecção nunca. [...]ö (JPS. SP, 08.06.1884)

Tal como evidenciado em algumas pesquisas, parte-se da hipótese de que os clíticos *te* e *lhe*, bem como o *dativo nulo*, sejam as variantes dativas mais produtivas (cf. LOPES e CAVALCANTE, 2011; OLIVEIRA, 2014; RUMEU, 2015).

As formas variantes de dativo de 2SG foram submetidas a seis grupos linguísticos. São eles: a correlação com o sujeito, a estrutura argumental do predicador verbal, a categoria semântica do verbo, o papel semântico do dativo e a forma do OD.

(I) A correlação entre as formas pronominais nas funções dativa e nominativa de 2SG

Ao correlacionar as estruturas dativas de complementação às formas utilizadas na posição de sujeito, objetiva-se investigar a questão da ãuniformidade tratamentalö legitimada pela tradição gramatical. Em conformidade com a prescrição gramatical as construções gramaticais devem ser movidas pela harmonia formal (concordância) entre os pronomes do caso reto (sujeito) e os seus respectivos pronomes oblíquos e possessivos, como se observa no seguinte dado de uma carta mineira novecentista: ðQuanto á escola, é como bem *pódes* avaliar. Tenho recebido *tuas* cartas com muito prazer e contentamento; e, si não *te escrevo* sempre, *peço-te* dar me desconto... (RAAP. Lagoa Santa, 30.10.1912)ö. Uma sentença como ðMuito *te agradeço* a parte que *estás*

tomando em meus sofrimentos ... Tenho fé em Deus que *você* há de ser muito feliz... (FAP. Caeté, 03.07.1017)ö evidencia a famigerada ausência de uniformidade tratamental, ou seja, a ãmistura de pronomesö. Considerando a coexistência de três subsistemas de tratamento no PB para a referência ao sujeito de 2SG (*você, tu, você/tu*), pretende-se investigar, nesta dissertação, se o pronome sujeito (função nominativa) utilizado pelos missivistas condiciona ou não o uso de determinadas variantes dativas (cf. LOPES e CAVALCANTE, 2011). Atentando-se para os resultados de estudos anteriores, prevê-se que o emprego do clítico *te* e do *dativo nulo* não sejam condicionados pelo pronome sujeito (cf. LOPES e CAVALCANTE, 2011; OLIVEIRA, 2014; RUMEU, 2015). A produtividade do *te* independentemente do pronome sujeito a que esteja correlacionado é a motivação para o controle da correspondência entre as funções nominativa e dativa de 2SG. O fato de o zero dativo também não se mostrar vinculado a um paradigma específico de formas de *tu* ou formas de *você* pode ser justificado pela ausência de traço formal que o caracterize em relação às formas pronominais de *tu* ou de *você*. Nas cartas mistas (cartas da alternância *tu/você* na função de sujeito) e nas cartas de *tu-exclusivo* (sujeito), acredita-se que as variantes *te* e *zero* sejam as formas acionadas pelos missivistas e, nas cartas de *você-exclusivo* (sujeito), ambas tendam a estar entre as formas dativas, juntamente com o clítico *lhe*.

(72) Cartas de *tu-exclusivo*: öPorque não me *escreveste* mais? A tua letra é muito grande. Por mais que me escreves, sempre me escreves menos do que eu a *ti*.ö (AR. 10.09.1925)

(73) Cartas de *você-exclusivo*: öPoderá *você* mesmo receber a respectiva importância, ou deve o Banco Comércio e Industria apresentar a procuração que há tempos *lhe* enviei?ö (HL. 13.11.1961)

(74) Cartas mistas (*tu ~ você*): öQuanto ao Thesouro do Estado fale ao Augusto d. Lima para se entender com o Doutor Augustinho Carneiro que eu não conheço pessoalmente e nem sei que relações *você* mantém com o mesmo: não *descuides* disto. [...] Elle *te-escreverá* e *você* extranha na resposta que o mesmo começasse a negociar assim.ö (Q. RJ, 25.10.1891)

(II) Os padrões de organização sintática das estruturas dativas de 2SG

Através da análise desse grupo de fatores, pretende-se verificar se a estrutura argumental do predicador verbal (cf. DUARTE e BRITO, 2006) influencia o emprego das variantes dativas. Parte-se da hipótese de que em termos de frequências percentuais

os verbos de 02 lugares favoreçam o uso dos sintagmas preposicionados, ao passo que os predicadores de 03 lugares tendem a favorecer a realização do dativo em forma de clítico ou de objeto nulo (cf. OLIVEIRA, 2014).

✓ Verbos de 02 lugares com um argumento interno indireto (SU V OI)

(75) ðEm Paris, tentei um dia telefonar para Você, sem êxito.ö (OLR. Bruxelas, 01.12.1958)

✓ Verbos de 03 lugares com argumento interno indireto ou ditransitivos (SU V OD OI)

(76) ðVerifiquei agora: enviei-lhe de volta o conto, com uma carta, de setembro de 1957.ö (OLR. Bruxelas, 06.01.1958)

(III) O objeto direto e a sua forma em estruturas ditransitivas de complementação verbal (SU V OD OI)

Pretende-se examinar se a forma de expressão do OD (*clítico acusativo, sintagma nominal/pronominal, sintagma oracional, objeto nulo*) dos predicadores de 03 lugares ou ditransitivos tende a influenciar na escolha das formas variantes dativas de 2SG. Prevê-se que, no PB, não sejam comuns construções em que haja uma junção do clítico acusativo com o clítico dativo, conforme ilustrado em (77) (cf. OLIVEIRA, 2014). Além disso, acredita-se, em conformidade com Oliveira (2014), ao ser o OD expresso por formações sintagmáticas, tal como exemplificado em (77) e (80), o OI seja expresso preferencialmente por um clítico, considerado, pois, como uma forma mais ðleveö.

(77) *Clítico*: ðPor estes dias, porém, enviar-t'[o]_{OD}-ei pelo correio.ö (RAAP. Lagoa Santa, 06.04.1914)

(78) *Sintagma nominal*: ðManoel te envia [um abraço]_{OD}.ö (AL. 05.09.1931)

(79) *Sintagma oracional*: ðQueria dizer-lhe tia [que o Neruda voltou]_{OD}.ö (AVP. Santiago, 06.11.1962)

(80) *Objeto nulo*: ðHá tempos que estou para escrever-lhe \emptyset _{OD} agradecendo o lindo presente que me mandou mas sabe como é esse tempo de férias, não?ö (HL. Lambari, 14.03.1945)

(IV) A categoria semântica do verbo

Considerando a proposta tipológica do dativo apresentada por Berlinck (1996, 2005), objetiva-se detectar a semântica dos predicadores verbais responsáveis por

condicionar as estruturas dativas de 2SG. Prevê-se que os verbos que expressam a noção de transferência (material/verbal e perceptual) sejam as categorias mais produtivas nas construções dativas (cf. BERLINCK, 1996, 2005; OLIVEIRA, 2014). Além disso, conjectura-se que os predicadores que expressam essa noção, considerada prototípica do complemento dativo, estejam associados às variantes mais recorrentes: os clíticos *te* e *lhe* e o *dativo nulo* (cf. OLIVEIRA, 2014).

(81) *Transferência material*: ðOfereço-lhe, igualmente, um opúsculo com alguns poemas meus de 77: Celebração dos Elementos.ö (HL. 21.10.1978)

(82) *Transferência verbal e perceptual*: ðPrometi \emptyset com efeito mandar-lhe uma foto de Jorge Guillén: e-la.ö (MM. Roma, 06.12.1961)

(83) *Movimento abstrato*: ðAo menos essas impressões são como mais uma prova da estima e da admiração que *lhe dedico*.ö (AGF. Brasília, 22.11.1961)

(84) *Movimento físico*: ðO Omar *lhe_i leva*, além dêste recadinho, o livro do Jesi ó para Você_i e o do Moacir ó que seria ou será, ou é para nós dois. [...]ö (JCL. sl, 15.11.1960)

(85) *Interesse*: ðDe um poeta como Você a gente está sempre esperando o máximo. Não *lhe faltam* condições para a obra, e não vejo outro que a possa executar, entre nós.ö (CDA. RJ, 25.01.1970)

(86) *Movimento*: ðEspero que também *lhe tenha chegado* às mãos a carta que *lhe* escrevi em meados de agosto.ö (HL. 21.10.1978)

(87) *Movimento psicológico*: ðÉ um grande favor que me prestarás e desde já *te agradeço*.ö (FAP. Caeté, 19.08.1917)

(V) O papel semântico do complemento dativo

De acordo com a definição apresentada por Company (2006), também já exposta na subseção 2.3.1, pretende-se investigar a produtividade dos papéis semânticos do dativo correlacionados às variantes pronominais (dativas) de 2SG. Levanta-se como hipótese que o papel de receptor, considerado prototípico do dativo, seja o mais frequente no *corpus* (cf. COMPANY, 2006). Dentre os cinco papéis temáticos previstos pela autora, apenas o de possuidor não foi encontrado entre os dados.

(88) *Receptor*: “Mas não é dessa omissão que *lhe* quero falar agora; é de outra.” (OLR. RJ, 02.08.1950)

(89) *Meta/fonte*: “Cuidei apenas de ser sincero, isto é, de mostrar-te como me desagradou o desejaras (por simples pretexto, que só uma criança aceitaria) continuar longe de mim, bem como o teres dado tamanha atenção aos pedidos que fiz verbalmente, ahi, e por carta.” (AR. BH, 01.06.1927)

(90) *Beneficiário/mafeiciário*: “Ontem foi uma feliz casualidade, liguei o radio as 9 horas para a Inconfidência e ainda pude ouvir a declamação das duas últimas poesias, uma justamente, sôbre a pátria, e no final tuas palavras de agradecimentos pela homenagem que *te* acabaram de prestar: tive tempo de chamar tua afilhada que ainda estava preparando uma lição para hoje, e ela também ouviu com satisfação.” (MLB. Lambari, 04.08.1941)

(91) *Experienciador*: “O autor é muito considerado aqui e Guy calculou que o livro *lhe* agradaria.” (CLB. Santiago, 19.07.1967)

(VI) O dativo possessivo e as construções do tipo *se lhe*:

Por meio da análise desse grupo de fatores, pretende-se, numa espécie de grupo de controle, medir a produtividade dessa especificidade de *dativo* (possessivo) e as construções *se lhe* nas cartas mineiras em análise.

(92) “Caríssimo Poeta Jorge Guillén [...] Calculando que não *lhe* chegaram às mãos os 2 livros que *lhe* enviei pra Wellesley em janeiro de 77, pretendo mandar-lhe o Humano e Miradouro, este em 2ª Edô. [...] (HL. BH, 12.08.1978)

2.4.2 Os grupos de fatores extralinguísticos

Serão descritos, na sequência, o *subgênero da carta* e o *período de sua escritura* como fatores extralinguísticos em relação aos quais as estratégias dativas de 2SG estão correlacionados.

(VII) Subgênero da carta

Busca-se por meio desse grupo de fatores, investigar se o subgênero da carta (*amorosa, amizade, familiar*) interfere na produtividade das estruturas dativas de 2SG. Considerando que o pronome *tu* é a forma mais utilizada nas cartas amorosas para a referência à 2SG, conjectura-se que o emprego das formas dativas vinculadas às formas de *tu* seja favorecido nesse subgênero textual (cartas amorosas): *te, a ti e para ti* (cf. OLIVEIRA, 2014). Em contrapartida, acredita-se que o uso do clítico dativo *lhe* tende a

ser desfavorecido pelo contexto das cartas amorosas, ao passo que, nos outros subgêneros das cartas (familiares e de amizade), sobretudo nas cartas pessoais, sua produtividade seja maior (cf. OLIVEIRA, 2014).

(93) *Carta amorosa*: ð[...] E ainda te queixas do teu leite! [...] É pena que aquellas taes visitas, que entram mesmo sem bater à porta o sem dar aviso [...] Mas não só pelo mal que possam trazer ao teu leite, mas também pelo que *te_i trazem a ti_i*. Ha de ser muito incommodo, não? [...]ö (AR. BH, 01.06.1927)

(94) *Carta de amizade*: ðJá escrevi a ela, em agradecimento. Agora *trago a você* meu afetuoso obrigada. Guilherme Figueiredo foi quem assinalou, em página sobre Reverberações, a transcorrência de certa longa caminhada na área poética, de 29 a 79. É o que sei *ø dizer*. Terá valido a pena, a persistência?...ö (HL. sl., 02.04.1979)

(95) *Carta familiar*: ðEmbora com alguns dias de atraso, aqui *lhe envio* um abraço muito especial, pelo dia 15. Não me foi possível *ø escrever* na ocasião, mas, em pensamento, estive aí, participando das homenagens da família.ö (CLB. Lambari, 19.07.1967)

(VIII) Os períodos de tempo (séculos XIX e XX)

Objetiva-se examinar a produtividade das ocorrências de dativo de 2SG no decorrer dos séculos XIX e XX, atentando-se assim para a configuração diacrônica do fenômeno variável em análise. Acredita-se que, ao longo de todo o período investigado, seja possível verificar uma competição entre os clíticos *te* e *lhe* e o *dativo nulo*, enquanto as formas preposicionadas tendem a apresentar baixa produtividade (cf. OLIVEIRA, 2014; RUMEU, 2015). Conforme descrição abaixo, o tempo de produção das cartas foi dividido em intervalos temporais de 10 em 10 anos (1860-1869; 1870-1879; 1880-1889; 1890-1899; 1900-1909; 1910-1919; 1920-1929; 1930-1939; 1940-1949; 1950-1959; 1960-1969; 1970-1979; 1980-1989) no intuito não só de acompanhar a distribuição variável das estratégias dativas, mas também de constatar o nível da variação *te/lhe*, prevendo a possibilidade de o *lhe* se mostrar em ascendência, tendo em vista os resultados de Rumeu (2015) para as cartas mineiras (1850-1950).

SÍNTESE DO CAPÍTULO

Sintetizando as principais questões discutidas, no presente capítulo, destacam-se: o desenvolvimento da Sociolinguística e os fatores que ajudaram a impulsionar o seu avanço; os principais fundamentos da Sociolinguística Variacionista de base Laboviana e da Sociolinguística Histórica; a variação linguística como peça-chave para a compreensão da mudança linguística; a possibilidade de reconstrução do passado através da análise dos diferentes comportamentos nas cartas; os obstáculos enfrentados no desenvolvimento das pesquisas históricas; a apresentação das amostras de textos; a relevância histórica das missivas mineiras; os aspectos que precisam ser considerados para a descrição da estrutura argumental de um predicador verbal: a indicação do número de argumentos, a realização categorial especificada para cada um desses argumentos e o papel temático que possuem; a multiplicidade semântica do dativo e o traço [+ humano] como uma característica prototípica desse tipo de complemento; a apresentação dos tipos de dativo para o português que inclui a categoria semântica dos predicadores verbais com os quais ele pode coocorrer, cf. Berlinck (1996) e, por fim, a descrição do *corpus* e dos procedimentos metodológicos norteadores desta pesquisa.

CAPÍTULO 3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

As missivas mineiras oitocentistas e novecentistas permitiram o levantamento de quinhentos e oitenta e duas (582) ocorrências de estratégias de complementação verbal dativas de 2SG. No gráfico 04, expõem-se, as distribuições dos usos das efetivas formas pronominais dativas de referência à 2SG nas cartas mineiras em análise (séculos XIX e XX).

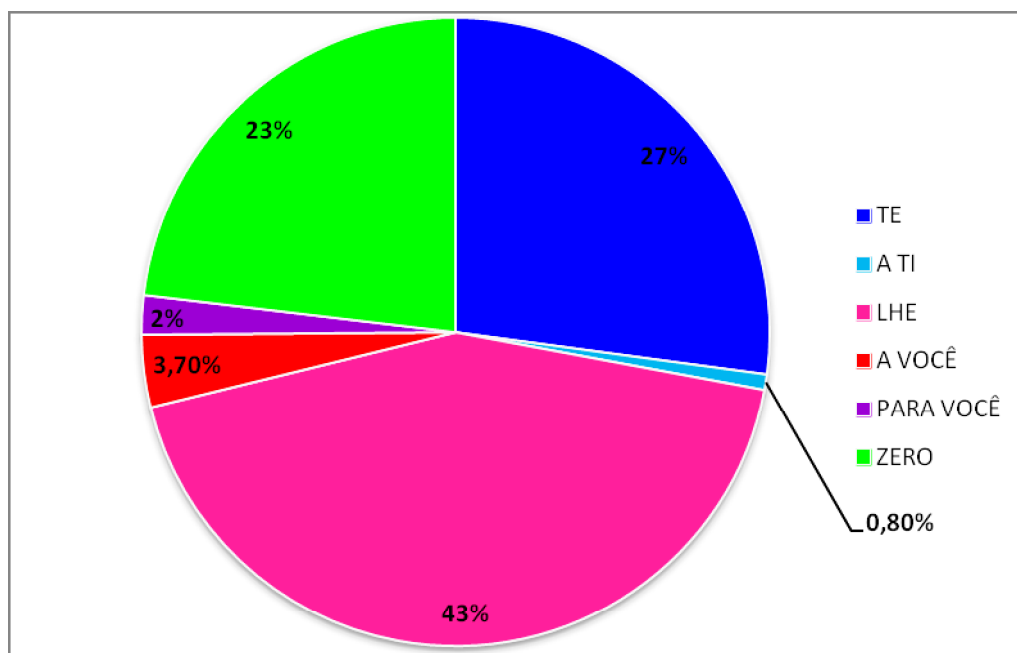


Gráfico 04: Estratégias dativas de 2SG nas cartas mineiras (1890-1980).

As três estratégias dativas mais produtivas nas missivas mineiras foram o *lhe*, o *te* e o zero () com índices percentuais de uso de 43% (251/582), 27% (155/582) e 23% (134/582), respectivamente. Às demais formas pronominais dativas *a você*, *para você* e *a ti* cabem os baixíssimos índices percentuais de 3,7% (22/582), 02% (12/582) e 0,8% (05/582), respectivamente. Convém esclarecer que os raros dados dos clíticos *o/a* na função de objeto indireto, tão somente em 0,5% dos dados (03/582), foram retirados dos resultados gerais de dativo de 2SG expostos no gráfico 04, optando-se por apresentá-los e discuti-los separadamente, em (100) e (101). Passa-se, na sequência, à análise da correlação entre os pronomes nas funções de sujeito e complemento dativo de 2SG com o intuito de ponderar até que ponto o pronome utilizado na função do sujeito tende a influenciar a estratégia de complementação verbal dativa.

3.1 A correlação entre as formas pronominais nas funções dativa e nominativa de 2SG

A análise das formas pronominais dativas de 2SG em correspondência ao sujeito se justifica pelo intuito principal de averiguar se o tratamento usado na função de sujeito influenciaria a seleção da estratégia pronominal dativa também na referência à 2SG, considerando a questão da õuniformidade tratamentalõ, uma quimera linguística ainda legitimada pela norma-padrão da língua portuguesa. Como hipótese acredita-se que o *lhe* prevaleça nas cartas mineiras de *você-sujeito*, *pari passu* o *te* também se mostre produtivo nas cartas de *tu-sujeito* e mistas, cf. observado por Rumeu (2015) para as cartas mineiras (1850-1950).

MISSIVAS	ESTRATÉGIAS DATIVAS DE 2SG NAS CARTAS MINEIRAS (SÉCULOS XIX E XX)							
	TE	A TI	LHE	A VOCÊ	PARA VOCÊ	O/A	ZERO	TOTAL
CARTAS DE VOCÊ-SUJ.	12/240 (05%)	-	149/240 (62%)	14/240 (06%)	11/240 (04%)	02/240 (01%)	52/240 (22%)	240/ 582 (41%)
CARTAS DE TU-SUJ.	120/155 (77%)	05/155 (03%)	02/155 (02%)	01/155 (01%)	-	-	27/155 (17%)	155/ 582 (27%)
CARTAS MISTAS (TU~VOCÊ-SUJ.)	14/27 (52%)	-	01/27 (04%)	-	-	-	12/27 (44%)	27/ 582 (05%)
CARTAS DE TRAT. ALTERNATIVO	09/160 (5,5%)	-	99/160 (62%)	07/160 (4,3%)	01/160 (0,6%)	01/160 (0,6%)	43/160 (27%)	160/582 (27%)
TOTAL	155/582 (27%)	05/582 (0,8%)	251/582 (43%)	22/582 (3,7%)	12/582 (02%)	03/582 (0,5%)	134/582 (23%)	582/582 (100%)

Tabela 04: Correlação entre o tratamento ao interlocutor (sujeito) e as estratégias dativas de 2SG nas missivas mineiras.

Além da diversidade de estratégias dativas (*te*, *a ti*, *lhe*, *a você*, *para você*, *o/a*, *zero*) efetivamente concretizadas na produção escrita mineira, observa-se também que tais formas pareceram se mostrar condicionadas pelo tratamento usado na referência ao sujeito de 2SG, confirmando a hipótese inicial para a análise deste grupo de fatores. Em termos de produtividade geral, observa-se que *lhe*, *te* e *nulo* com frequências de 43%, 27% e 23% constituem as três estratégias dativas mais produtivas nas missivas mineiras, respectivamente. O *lhe*, estratégia mais produtiva nas missivas analisadas, se deixou evidenciar, em 62% dos dados (149/239) nas cartas de *você-sujeito*, confirmando a sua produtividade na referência semântica à 2SG. Ainda em relação ao *lhe* observa-se que também em 62% dos dados (99/160) prevaleceu nas cartas cujas formas de referência ao

interlocutor não são nem o *tu* nem o *você*, mas se trata de cartas estruturadas com outras formas tratamentais na referência ao sujeito de 2SG tais como o *vossa mercê* e o *vós* (tratamento alternativo). Para o *te*, observa-se que este se manteve prioritariamente em cartas de *tu-suj* (77%), ainda que também tenha se deixado evidenciar em cartas de alternância *tu/você* sujeito (52%), o que evidencia a convergência entre os paradigmas de 2^a e 3^a pessoas do discurso como já discutido por Lopes e Cavalcante (2011), Oliveira (2014), Rumeu (2015) que também se voltaram para o dativo com base em *corpora* históricos. O *nulo*, assim como os clíticos *lhe* e *te*, se mostrou produtivo em todos os contextos de sujeito (*tu exclusivo*, *você exclusivo*, *alternância tu/você*), prevalecendo nas cartas de alternância *tu/você*, em 44% (12/27), mas ainda alcançando consideráveis índices nas cartas de *você-sujeito* (22%, 52/240) e de *tu-sujeito* (17%, 27/155). Constata-se assim que o *zero* difunde-se com consideráveis índices percentuais pelos contextos sintáticos das formas de sujeito *tu* e *você* como já averiguado por Oliveira (2014) para as cartas cariocas, Rumeu (2015) para as cartas mineiras, Rumeu e Oliveira (2016) para as cartas amorosas. Passa-se, na sequência, à descrição-analítica das estratégias pronominais correlacionadas ao sujeito de 2SG em termos de prevalência de usos nas cartas de *tu-sujeito*, de *você-sujeito*, de tratamento *misto* (*tu/você*) e de tratamento alternativo.

Nas cartas de *você-sujeito*, as formas *lhe* e *zero* se mantiveram em concorrência mais acirrada com 62% (148/240) e 22% (52/240) dos dados, respectivamente, como está exemplificado de (96) a (99), o que se, por um lado, evidencia homogeneidade formal na combinação entre as formas *você* com *lhe*, por outro lado, aponta para um inovadorismo. Tendo em vista a já comprovada funcionalidade do objeto nulo de 3SG (função acusativa) na fala brasileira (cf. DUARTE 1989), constata-se o avanço, ainda que tímido, do *zero* dativo de 2SG. Ainda nas cartas de *você-sujeito*, são interessantes os dados de *te-dativo* e de *dativo nulo*, visto que evidenciam não só a confluência entre os paradigmas de 2^a e 3^a pessoas na referência semântica à 2SG ([-EU]), mas também parecem evidenciar o inovador *zero-dativo* de 2SG como a terceira forma variante dativa mais produtiva nas missivas mineiras analisadas.

(96) Dado de *lhe* em carta de *você-sujeito* exclusivo:

õ[...] Queria dizer-lhe tia, que o Neruda voltou [...] *Você* deve ter recebido meu recado quanto ao endereço do Tiagoö (AVP. Santiago, 06.11.1962)

(97) Dado de *te* em carta de *você-sujeito* exclusivo:

õMinha querida Henriqueta [...] pelo precioso presente do teu retrato pelo cartão de felicitações no dia 19 proximo passado por tudo *te digo* mil vezes obrigada. [...] Aposto sem medo de perder como foi *voce* quem pintou o palhacinho no cartão? [...]ö (L. Thebas, 24.01.1925)

(98) Dado de *zero* em carta de *você-sujeito* exclusivo:

õ[...] Quando eu te telegraphar *você* manda fazer a mudança; será uns dous dias antes de eu chegar. Desgraçadamente acho que levo dous hospedes de importancia, dous senadores do Amasonas, *digo* [ø] isto por que desejava ficar ahi muito pouco tempo e sairmos logo ou para São Paulo. [...]ö (JPS. RJ, 15.02.1891)

(99) Dado de *zero* em carta de *você-sujeito* exclusivo:

õQuerida filha Quequeta [...] Agradeço ø a Opala e renda que pretende enviar-me Graças a Deus passamos sem novidades. Espero em Deus que voce continue passado⁷⁶ bem assim como Alayde seu Pae José Carlos Lourenço e os queridos netinhos de quem tenho tido muitas saudades. [...]ö (MRVL. sl, 29.03.1939)

Em cartas de *você-sujeito*, as duas únicas ocorrências dos clíticos *o* e *a*, expostas em (100) e (101), com uma possível interpretação dativa merecem ser analisadas como casos isolados (raríssimos). Trata-se dos clíticos *o* e *a* projetados pelo verbo *servir*, transitivo indireto (prestar serviços a alguém = servir a alguém) cujos argumentos internos além de poderem ser cliticizáveis na forma *lhe* (õservir-*lhe*ö no sentido de õprestar-*lhe* serviçosö), assumem o papel de experienciador da ação (o ato de servir) com traço semântico [+animado], motivando a sua interpretação formal dativa. Neste trabalho, a interpretação é a dos clíticos *o* e *a* figurarem, somente nesses dois casos específicos em carta de *você-sujeito*, como raras evidências de expressão do objeto indireto de 2SG, o que parece estar legitimado principalmente no fato de o complemento verbal poder se constituir como *um experienciador* da ação com o traço [+animado] de um verbo cuja classificação é a de *movimento psicológico*, cf. a proposta de Berlinck (1996). A interpretação do verbo *servir* como transitivo indireto já estava nos clássicos como exposto por Luft (2006, p. 481), ainda que o autor se mantenha com a interpretação primeira de *servir* como *transitivo direto*.

⁷⁶ Leia-se õpassadoö por õpassandoö.

SERVIR: 1. TD: *servi-lo* (OBS.¹ Transitividade originária, indireta: *õ*Quem serve a dois senhores, a algum há de enganarõ (Prov.). Depois, *õtornou-se transitivo direto* (Nascentes 1960:88), sem abandonar a transitividade indireta, de modo que *õhesita, desde os clássicos, entre a regência direta e indireta.õ* (Hamilton Elia:135), (...)

(LUFT 2006, p. 481)

(100) *õ*[...] Por isso aquí estou, apelando para você, a descoberto. [...] *É o que lhe peço verificar [...] De minha parte, fico aguardando uma oportunidade de servi-lo no campo humilde em que eu aquí trabalho. Desculpe a amolação e receba um grande abraço do [...]*õ (OLR. RJ, 26.07.1951)

(101) *õ*A esta hora, já deve estar *você* com o seu belo livro às mãos. [...] Desceremos amanhã, de vez, para a nossa casa, onde fico, como sempre, disposto a servi-la cordialmente. [...]õ (PP. 01.04.1925)

Nas missivas de *tu-sujeito*, observa-se a prevalência do *te*, em 77% (120/155) em alternância com o *zero*, em 17% (27/155), exemplificadas em (102) e (103), ou seja, as estratégias *te e zero* correlacionadas ao *tu-sujeito* foram as mais usadas nas cartas mineiras analisadas. Isso é, no mínimo, instigante: o avanço do *objeto nulo* (dativo) também em contextos do *tu-sujeito*. Interessante é atentar ao fato de que se trata de cartas de *tu-sujeito* em que é possível levantar ocorrências de complementos dativos vinculadas ao paradigma de *você* (*lhe e a você*), o que se coaduna aos resultados de Lopes e Cavalcante (2011), Oliveira (2014), Rumeu (2015).

(102) Dado de *te-dativo* em carta de *tu-sujeito* exclusivo:

õ[...] Quanto á escola, é como bem *pódes* avaliar. Tenho recebido tuas cartas com muito prazer e contentamento; e, si não *te escrevo* sempre, peço-te dar me desconto [...]õ (RAAP. Lagoa Santa, 30.10.1912)

(103) Dado de *zero-dativo em carta de tu-sujeito exclusivo*:

õ[...] *Podes* despachar a bagagem para Ouro Preto (e faça com dinheiro não posso \emptyset mandar o passe). [...]õ (JPS. RJ, 09.10.1891)

Os dados de *lhe e a você* se mantiveram, por outro lado, com baixíssimas frequências de uso, 02% (02/155) e 01% (01/155), respectivamente, seguidas também pela baixa produtividade de *a ti*, em 03% (02/155), como se observa em (104) e (105).

São significativas, ainda que quantitativamente improdutivas, as cinco únicas ocorrências do *a ti* exclusivamente em cartas de *tu-sujeito* (expostas de (125) a (129)), o que permite entender que o uso do *a ti* pareça estar mesmo subsidiado pelo pronome *tu-sujeito*, como se exemplifica em (106).

(104) Dado de *lhe-dativo* em carta de *tu-sujeito* exclusivo (02 oco):

õTia Henriqueta. Como *vais* passando de saúde. Espero que tudo bem. Eu por aqui estou ótimo e com saudades da senhora. Escrevo-lhe esta pequena carta para contar-lhe uma coisa que acho que será novidade para a senhora. [...]ö (F. RJ, 11.12.1968)

(105) Dado de *a você* em carta de *tu-sujeito* exclusivo:

õFeca Agradeço e retribuo a *Você* e a Dona Emilinha os votos que me-*fases*. [...] *Darias* muito praser com o Marciano, a visita d. Vocês aquiö (JPS. Caeté, 03.05.1903)

(106) Dado de *a ti* em carta de *tu-sujeito* exclusivo:

õ[...] Amadíssimo sobrinho e Amigo Padre Agenor Desejo-te saude e felicidades na nova carreira que *abraçaste*, de coração e da melhor boa vontade possível, vencendo as maiores dificuldades imagináveis, conseguindo, afinal, tua ordenação sacerdotal [...] Agradeço *a ti* muito o gentil oferecimento, prova segura da amizade que me *dedicas*. Obrigado!ö (FAP. Caeté, 19.08.1917)

Nas cartas mistas (*tu ~ você*), *te* e *zero* dividiram o seu espaço funcional em 52% (14/27) e 44% (12/27) dos dados como se observa em (107) e (108), respectivamente. Mais uma vez, observa-se o *zero* como a segunda estratégia dativa mais produtiva nas missivas mineiras analisadas. No domínio da alternância *tu/você* na função de sujeito, levantou-se tão somente uma única ocorrência de *lhe*, (04%, 01/27), cf. está ilustrado em (109), o que comprova as formas *te* e *lhe* como dois pronomes idênticos em relação à pessoa semântica a que fazem referência [-EU], cf. discutido por Lopes e Cavalcante (2011, p. 61), como evidência de ausência de õmistura tratamentalö.

(107) Dado de *te* em carta mista:

õ[...] Muito te agradeço a parte que *estás* tomando em *meus* sofrimentos [...] Peço-te encarecidamente lembra-te sempre de mim e dos meus em tuas fervorosas orações, pois tenho certesa que Deus ouvirá os teus rogos [...] Tenho fé em Deus que *você* há de ser muito feliz em tua melindrosa carreira sacerdotal [...]ö (FAP. Caeté, 03.07.1917)

(108) Dado de *zero* em carta mista (*tu/você-sujeito*):

õQuirino. É preciso que te não *descuides* e 3ª feira mesmo, dia em que *receberás* esta, *procures* o Barcellos, [...] e nem sei que relações *você* mantém com o mesmo: não *descuides* disto. [...] Peco ø accusar por telegramma o recebimento delles pois uma vez se extraviarão contas correntes da mesma Casa Laemert que eu te-enviei. [...]ö (JPS. 25.10.1891)

(109) Dado de *lhe* em carta mista (*tu/você-sujeito*):

õ[...] Mas para Você, meo infeliz amigo, ella vive d. certo, na tua lembrança, nas tuas saudades, nos teos filhinhos, d.' ond. ella está, ella te-continúa amar, no culto que *lhe-prestas* das tuas lagrimas; na puresa do teu amor sublimado hoje pela morte; ella quer d. certo que tenhas della muita saudade [...] defendendo-o como um leão, como tu, com a alma cheia dos sanctos pensamentos da tua amisade, da veneração por tua esposa, da consciência da fragilidad. deste mundo e que *Você* não deixaria tambem soffrer nunca um filho meo [...]ö (JPS. Caeté, 29.12.1896)

Nas missivas de tratamento alternativo, tem-se em análise as cartas em que o missivista optou por tratar o seu interlocutor por uma forma nominal de tratamento (Vossa Mercê, Senhora, Querida madrinha dentre outras formas), pelo conservador e respeitoso *vós*, e até mesmo pelas formas nominais em função de vocativo. Nessas cartas de tratamento alternativo, as formas *lhe* e *zero* mostraram-se em concorrência com índices percentuais de 62% (99/160) e 27% (43/160), respectivamente, como se observa de (110) a (112). A alta produtividade do *lhe* em cartas movidas por formas nominais de tratamento é interpretada como uma evidência da sua correlação às formas que acionam a concordância (formal) com pronomes na 3SG (*lhe*). As evidências quantitativas do *dativo nulo* de 2SG (como a segunda estratégia mais usada) também nas cartas de tratamento alternativo tendem a apontar para o seu espraiamento, o que se coaduna a já alta produtividade do objeto nulo (acusativo) de 3SG, cf. discutido por Duarte (1989), Berlinck (2005).

Dentre as formas nominais tratamentais usadas nas missivas mineiras em análise, é interessante atentar aos dados de *vossa mercê*, categoricamente combinados com o *lhe-dativo*, exemplificado de (113) a (117), além do *vós* em correlação com o *zero dativo* (02/03) e *te-dativo* (01/03), respectivamente, para cada uma das possibilidades dativas de complementação verbal, em (118) e (119). Ainda nas cartas de tratamento alternativo, levantaram-se as formas *para você* e *o/a* com tão somente uma única ocorrência para cada estratégia, cf. (120) e (121).

Dados de *lhe* em carta de tratamento alternativo:

(110) Querida Henriqueta Lisboa, viagens sucessivas, trabalho no Conselho Federal de Educação e o desejo de escrever-lhe de proprio punho - eis os motivos desta retardia palavra de agradecimento pelo cartão que teve a bondade de enviar-me a proposito da homenagem prestada a mim por motivo da minha aposentadoria. [...]ö (AR. BH, 08.07.1973)

(111) ðQuerida titia, Já *lhe mandei* vários agradecimentos pelo livro que nos enviou. Mas hoje vai o agradecimento oficial meu e do Ivan. [...]ö (MAVP. Campanha, 12.06.1955.)

Dado de *zero* em carta de tratamento alternativo:

(112) ðBôa Quequeta, [...] Escreverei ø, brevemente, com mais vagar. Beijos do José.ö (JCL. Pouso Alegre, 03.05.1927)

Dados (06) de *lhe* em carta de *vossa mercê*:

(113) ð[...] Dezejo-lhe completa ventura: ella constitui a minha. não julge *Vossa merce* entereceiras estas exprecões, a franqueza hé quem as dita [...]ö (JPS. Ouro Preto, 21.12.1869)

(114) ð[...] Muito heide estimar que estas tortas linhas vá encontrar a *Vossa merce*; gozando perfeita saude pois é o que de coração *lhe dezejo*. Dirijuli amado tio minhas felicitações, como a pessoa, que tantas vezes me há manifestado seo carinho. [...]ö (JPS. Ouro Preto, 21.12.1869)

(115) ðMeu Tio Luiz. Ja uma vez me dice o meo tio ter o costume de não responder as cartas que *se-lhe-enviavam*. Em todo caso é uma franquesa [...] A *Vossa mercê* a minha visita [...]ö (JPS. Ouro Preto, 06.01.1888)

(116) ð[...] Pois creia o meu tio que sem o-saber andou influenciando com motivo poderoso do meu referido golpe E convido-o, para não me-fazer abortar os planos, a assumir nelles o papel que *lhe designei*. [...] A *Vossa mercê* a minha visita [...]ö (JPS. Ouro Preto, 06.01.1888)

(117) ð[...] ha em Ouro Preto um advogado por quem se interessa, para me-mandarem serviço, apellações [...] Afianço-lhe que se-mandarem a 1ª vez mandarão todos. É a cousa que mais sei neste mundo é trabalhar. [...] A *Vossa mercê* a minha visita [...]ö (JPS. Ouro Preto, 06.01.1888)

(118) Dado de *zero* em carta de *vós*:

ð[...] eu peço ø a finesa de dizerdes a parte que for mentira ou tenha em tal incidente. Pedindo ø por igual permissão para a publicação da resposta, subscrevo-me. [...]ö (JPS. s.l, s.d.)

(119) Dado de *te* em carta de *vós*:

õ[...] Com muito prazer recebi a sua ultima carta e respondendo-a desejo-te muita saude e felicidade. [...] *Tendes* precizão de fallar commigo, e como segue daqui o onibus que vai a B. Horizonte a Caeté [...]ö (JP. 03.01.1918.)

Dado de *para você* em carta de tratamento alternativo:

(120) õQuerida Titia [...] Andamos de bicicleta no Parque Novo e depois fomos no outro parque beber água. Mamãe e papai mandam abraços *para você*. Um abraço para Vicentina. [...]ö (M. Campanha, 30.08.1968)

(121) Dado do clítico *o/a* em carta de tratamento alternativo:

õMeu Tio. [...] E no entanto, meu tio, até hoje, a ninguem devo uma obrigação, d' estas que possam fazer corar a um homem de brio. Em todos os meus exames, sempre aprovado plenamente e algumas vezes distintamente, estas notas digo-o com orgulho ó devo-as ao estudo e á protecção nunca. [...]ö (JPS. SP, 08.06.1884)

Ilustra-se, em (121), a única ocorrência do clítico de acusativo *o* em contexto sintático de dativo de 2SG projetado pelo verbo ditransitivo *dizer* (õSU V OD OIö), o que pode se constituir como uma evidência de hipercorreção. Em contexto de uma missiva familiar redigida, o ilustre João Pinheiro da Silva, em fins do século XIX (1884), relata ao seu interlocutor (õdigo-oö) as dificuldades pelas quais tem passado para avançar nos estudos. À luz de Luft (2006, p. 220) observam-se as únicas duas possibilidades de interpretação do verbo *dizer* como transitivo direto. São elas: TD Pred. (*transitivo direto predicativo*) e TDp Pred. (*transitivo direto pronominal predicativo*) com as semânticas de *dizê-lo+predicativo* (õOs colegas dizem peritoö) e *dizer-se+predicativo* (õO jogador *se* diz lesionado, para que o técnico não o escale.ö). De qualquer modo, parece tratar-se de especificidades semânticas do verbo *dizer* que não se aplicam ao dado de dativo, visto que não se tem predicativo na estrutura em análise, o que legitima a peculiaridade da ocorrência do clítico *o* em função *dativa*.

Uma vez descritos os potenciais de uso das formas pronominais *tu* e *você* (principalmente) correlacionados às estratégias dativas de 2SG, passa-se, na sequência, à descrição-analítica da produtividade dos predicadores verbais projetores de estruturas dativas em relação aos seus possíveis padrões de organização sintática.

3.2 Os padrões de organização sintática das estruturas dativas de 2SG

Pretende-se descrever os padrões de organização sintática pelos quais a expressão do dativo se mostrou proficiente, prevendo uma possível influência da grade argumental do predicador verbal em relação às estratégias pronominais dativas de 2SG, cf. discutido por Oliveira (2014, p. 102).

PADRÕES DE ORGANIZAÇÃO SINTÁTICA ⁷⁷	ESTRATÉGIAS DATIVAS DE 2SG NAS CARTAS MINEIRAS (SÉCULOS XIX E XX)							
	TE	A TI	LHE	A VOCÊ	PARA VOCÊ	O/A	ZERO	TOTAL
VERBOS DE 03 LUGARES (SU V OD OI)	149/559 (27%)	05/559 (0,9%)	239/559 (42%)	21/559 (04%)	11/559 (02%)	01/559 (0,1%)	133/559 (24%)	559/582 (96%)
VERBOS DE 02 LUGARES COM OI (SU V OI)	06/23 (26%)	-	12/23 (52%)	01/23 (4,3%)	01/23 (4,3%)	02/23 (09%)	01/23 (4,3%)	23/582 (04%)
TOTAL	155/582 (27%)	05/582 (0,8%)	251/582 (43%)	22/582 (3,7%)	12/582 (02%)	03/582 (0,5%)	134/582 (23%)	582/582 (100%)

Tabela 05: Distribuição das estratégias dativas de 2SG pelos padrões de organização sintática dos predicadores verbais.

De um modo geral, observa-se que *lhe*, *te* e *zero* com os respectivos índices percentuais de 43% (251/582), 27% (155/582) e *zero* 23% (134/582) constituem-se como as três estratégias mais produtivas nas missivas mineiras. As estruturas verbais ditransitivas mostraram-se profícuos contextos sintáticos de expressão das estratégias dativas de 2SG em 96% dos dados (559 ocorrências) em detrimento dos verbos de dois lugares com OI responsáveis por tão somente 04% dos dados (23 ocorrências) nas cartas mineiras em análise. Em relação ao dativo nulo em estruturas verbais ditransitivas, confirma-se também em consonância com Oliveira (2014, p. 112) a hipótese de simplificação da estrutura verbal que se automatiza com um argumento externo e um interno apenas, daí o apagamento do OIö.

Para os verbos ditransitivos (SU V OD OI), verificam-se, respectivamente, as formas *lhe* (42%, 239/559) e *te* (27%, 149/559), respectivamente, mostrando-se, aliado ao *zero* (24%, 133/559), como formas que pareceram favorecer o dativo de 2SG nas

⁷⁷ Padrões sintáticos propostos por Duarte (2006, p. 277-321) que permitem esquemas relacionais consubstanciados nas funções sintáticas de SU = sujeito, V = verbo, OD = objeto direto, OI = objeto indireto, OBL = oblíquo.

cartas mineiras. De (122) a (124), ilustram-se evidências das formas *lhe*, *te* e *dativo nulo* em estruturas ditransitivas.

Dado de *lhe* em estrutura ditransitiva:

(122) õ[...] Fiquei contentíssima com a linda blusa que me enviou por intermédio de Magda e agradeço-lhe muitíssimo. [...]ö (HL. Lambari, 14.03.1945)

Dado de *te* em estrutura ditransitiva:

(123) õ[...] Ainda uma vez sou obrigado a escrever-te apenas um bilhete apressado: estou numa vertiginosa roda viva de trabalho, ultimamente. [...]ö (AR. BH, 27.01.1926)

Dado de *zero* em estrutura ditransitiva:

(124) õ[...] Pede ao João para madar-me uma biographia sobre as aguas mineiras deque alí vi alguns exemplares, de capa azul, e de que preciso para estudar um ponto, dos exigidos pelo programma daqui. Escreverei ø, brevemente, com mais vagar. Beijos do José [...]ö (JCL. 03.05.1927)

As demais formas pronominais de referência à 2SG que também se mostraram em estruturas dativas ditransitivas, ainda que com inexpressivos índices de produtividade, foram as seguintes: *a você* (04%, 21/559), *para você* (02%, 11/559), *a ti* (0,9%, 05/559) e *o/a* (0,1%, 01/559).

De (125) a (129), estão ilustradas as cinco evidências da forma *a ti* em função dativa estruturadas com os ditransitivos *trazer*, *escrever*, *enviar* e *agradecer*. Observam-se, de (126) a (128), dados de *a ti* nas cartas amorosas redigidas por Abgar Renault a sua esposa. Em tais missivas, o autor opta pelo uso exclusivo de formas do paradigma de *tu*, ao passo que nas cartas ao irmão Lívio (carta familiar), observam-se ocorrências de formas pronominais do paradigma de *você*. Essas especificidades de usos de *tu/você* tendo em vista o subgênero da missiva pessoa (amorosa, familiar, amizade) se coadunam aos resultados alcançados por outros trabalhos com base na análise de missivas amorosas e familiares da família Penna (cf. PEREIRA 2012), bem como nas missivas amorosas produzidas por um casal de noivos entre os anos de 1936 e 1937, cf. discutido por Souza (2012). Em (128) e (129), observam-se duas ocorrências de *a ti* dativo em estruturas de redobro de clítico de 2SG produzidas por Abgar Renault a sua esposa Ignez e por Henriqueta Lisboa a sua irmã Abigail Lisboa. Trata-se de evidências escritas do redobro de clítico de 2SG, fenômeno muito produtivo na fala mineira contemporânea, cf. constatado por Duarte *et alii* (2012, p. 92-93): õEu te_i falei pra você_i;

*que isso não ia dar certo.*ö, öEles *te_i* irrita *ocê_i*.ö, öEu vou *te_i* levá *ocê_i* láö, öCê ia ajudar um camarada desse e se os camarada voltar e *te_i* matar *você_i* também?ö. Interessante constatar que as cartas que contextualizaram as cinco ocorrências de *a ti* se mostraram como missivas de *tu-sujeito exclusivo*, apontando assim para uma produção escrita caracterizada pela *uniformidade formal* entre as estratégias de pronomes-sujeito e pronomes-complemento.

Dados (05) de *a ti* em estruturas ditransitivas:

(125) ö[...] Agradeço *a ti* muito o gentil offerecimento, prova segura da amizade que me dedicas. [...]ö (FAP. Caeté, 19.08.1917)

(126) ö[...] Porque não me escreveste mais? A tua letra é muito grande. Por mais que me escreves, sempre me escreves menos do que eu *a ti* [...]ö (AR. BH, 10.09.1925)

(127) ö[...] Recebeste a carta que foi pelo Caio? Quis enviar por elle uma lembrança *a ti*, mas não houve tempo. [...]ö (AR. BH, 10.09.1925)

(128) ö[...] E ainda te queixas do teu leite! [...] É pena que aquellas taes visitas, que entram mesmo sem bater à porta o sem dar aviso [...] Mas não só pelo mal que possam trazer ao teu leite, mas tambem pelo que *te_i* trazem *a ti_i*. Ha de ser muito incommodo, não? [...]ö (AR. BH, 01.06.1927)

(129) öQuerida Abigail, Desde que soube que *andavas* adoentada, tenho pensado muito em ti, com o desejo de escrever-te para enviar-te as minhas visitas mais affectuosas e os votos que faço para que *recuperes*, quanto antes, a saúde. [...] Todos enviam-te mil saudosos abraços, *a ti_i* e Maria Antonia. [...]ö (HL. RJ, 06.07.1933)

No que se refere à dinâmica de variação entre as formas *a você/para você*, observa-se, nas missivas mineiras (sécs. XIX e XX), a prevalência da preposição *a* sobre a preposição *para*, ainda que o número de dados brutos tenha sido mínimo nas amostras de missivas mineiras analisadas: *a você* (21 ocorrências), *para você* (11 ocorrências). Na sequência, expõem-se, de (130) a (140), os únicos onze dados de *para você* dativo em estruturas verbais ditransitivas implementadas pelos seguintes verbos *comprar, encomendar, deixar, levar, fazer, obter, passar e mandar*.

Dados (11) de *para você* em estruturas ditransitivas:

(130) õ[...] Você não quiz mandar medida para um vestido; mas comprei um corte d. seda *para você*; ahi mesmo elles farão por que você precisa d. um bom vestido [...]ö (JPS. RJ, 15.02.1891.)

(131) õ[...] comprei o fecho para minha mai; chapéu d. sol *para você* meias pretas e sapatos. O calor está horrivel. [...] (JPS. RJ, 15.02.1891)

(132) õ[...] Desejo saber, tia, se quer encomendar alguma coisa do Chile *para você*. [...]ö (AVP. Santiago, 06.111962)

(133) õ[...] Blanca Lobo, que aqui esteve, deixou *para você* um exemplar de Selected Poems (Norwood Editions - Pensilvânia) [...]ö (HL. s.l, 08.05.1979)

(134) õ[...] O Omar lhe leva, além dêste recadinho, o livro do Jesi ó *para Você* e o do Moacir ó que seria ou será, ou é para nós dois. [...]ö (JCL. s.l, 15.09.1960)

(135) õ[...] Sem ter o seu enderêço aí em Belo Horizonte, êle fez um telegrama para mim e outro *para Você*, tendo confiado o seu à Eneida de Moraes, que, não conseguindo o enderêço, não pôde mandar o telegrama. [...]ö (JCL. RJ, 09.10.1947)

(136) õ[...] Você terá de recolher a importancia, explicando por que razão o faz e cuidando de obter um recibo *para Você* proprio, por via das duvidas. [...]ö (AR. 16.10.1989)

(137) õ[...] Mario foi muito amavel em tres corações, passou o telegrama *para você* e comprou jornaes, para seu Pae. [...]ö (MRVL. s.l, 23.12.1944)

(138) õ[...] Mamãe e papai mandam abraços *para você* [...]ö (M. Campanha, 30.08.1968)

(139) õ[...] Ingrid, que manda muitos abraços *para você*, ficou de devolver-me os originais. [...]ö (AM. RJ, 01.06.1941)

(140) õ[...] Ricardo me disse que tem um dinheiro de Augusta para tirar, elle podia bem me entregar uns 50\$000 [...] para fazer umas arrumações *para voçe*. [...]ö (RAP. Caeté, 05.04.1915)

Nas cartas mineiras em análise, os verbos de 02 lugares com argumento interno (OI) se constituem em 23 ocorrências num universo total de 582 dados (04%). Nesse padrão sintático, também observa-se a concorrência entre as formas clíticas *lhe* (52%,

12 ocorrências) e *te* (26%, 06 ocorrências), ainda que com um número muito menor de dados, como se observa de (141) a (144).

Dados de *lhe* e *te* em estruturas com verbos de 02 lugares com OI (SU V OI):

(141) ãHenriqueta, A ãFolha da Tardeã de ante-ontem, publicou a noticia que anexo. Não sei do que se trata, mas é possível que o caso *lhe* interesse. [...]ã (WL. RJ, 25.02.1960)

(142) ãMurilo: Sabia que você andava pelo Rio, quando cheguei aqui. Pretendia telefonar-lhe - quando hoje recebi sua mensagem. Espero vê-lo. [...]ã (OLR. RJ, 09.01.1957)

(143) ã[...] Não compreendo bem como e por que não disponhas de tempo ou de coragem para escrever-me ou para pedir a alguém que me escreva umas poucas linhas. [...] É incrível! Parece até que pouco ou nada *te* interessa a minha inquietação por ti.[...]ã (AR. BH, 02.04.1927)

(144) ã[...] Não sei para que queres os tubos: ó Na Es. d. Sabará, embarcados os d. 0m, 60 comprimento útil e diametro 0m,10 interno, custão um 1:200 imagino que são os que *te*-convem.[...]ã (JPS. 03.05.1903)

Ainda em relação aos verbos de dois lugares com argumento interno (SU V OI), levantaram-se as formas pronominais *a você*, *para você* e *zero* em tão somente uma única ocorrência para cada estratégia dativa respectivamente expostas de (145) a (147). Interessante observar que as evidências de *a você*, *para você* e *zero* foram projetadas pelo mesmo predador verbal *telefonar*, o que curiosamente foi constatado por Oliveira (2014, p. 115) também em relação ao verbo *telefonar* (SU V OI) na projeção de um único dado de *dativo nulo* nessa grade argumental específica.

Dados de *a você*, *para você*, *zero* em estrutura verbal SU V OI:

(145) ã[...] amanhã cedo às dez horas, êle estará ocu (desculpe!) pado e, portanto, telefonará *a você*, na comissão [...]ã (OLR. sl, 21.07.1949)

(146) ã[...] Em Paris, tentei um dia telefonar *para Você*, sem êxito. [...]ã (OLR. 01.12.1958)

(147) ã[...] Eu também quero mandar meu abraço [...] minhas notícias têm ø chegado aí via carandaí não? [...]ã (AVP. 06.11.1962)

Em síntese, constata-se que estratégias dativas se sobressaíram, em 96% dos dados, nas construções projetadas por verbos ditransitivos (SU V OD OI). Esse contexto sintático parece favorecer não só as formas clíticas *lhe* e *te* com 42% (239/559) e 27% (149/559) dos dados, mas também o dativo nulo em 24% (133/559) dos dados.

3.3 O objeto direto e a sua forma em estruturas ditransitivas de complementação verbal (SU V OD OI)

Em estruturas verbais ditransitivas, volta-se o foco para a forma do objeto direto, buscando observar uma possível interferência do objeto direto (acusativo) sobre o objeto indireto (dativo). Assim sendo, atenta-se para a possibilidade de que ãa existência do objeto direto nesse contexto morfossintático possa condicionar qual variante do dativo irá ocorrer, cf. conjecturado por Oliveira (2014, p.121) para as cartas cariocas.

FORMAS DO OD EM VERBOS DITRANSITIVOS	ESTRATÉGIAS DATIVAS DE 2SG NAS CARTAS MINEIRAS (SÉCULOS XIX E XX)							
	TE	A TI	LHE	A VOCÊ	PARA VOCÊ	O/A	ZERO	TOTAL
SINTAGMA NOMINAL	87/347 (25%)	04/347 (01%)	150/347 (43%)	17/347 (05%)	11/347 (03%)	-	78/347 (23%)	347/559 (62%)
SINTAGMA ORACIONAL	30/114 (26%)	-	51/114 (45%)	-	-	01/114 (01%)	32/114 (28%)	114/559 (20%)
OBJETO DIRETO NULO	29/88 (33%)	01/88 (01%)	38/88 (43%)	01/88 (01%)	-	-	19/88 (22%)	88/559 (16%)
CLÍTICO DE ACUSATIVO	03/10 (30%)	-	-	03/10 (30%)	-	-	04/10 (40%)	10/559 (02%)
TOTAL	149/559 (26,6%)	05/559 (0,8%)	239/559 (42,8%)	21/559 (04%)	11/559 (02%)	01/559 (0,1%)	133/559 (23,7%)	559/559 ⁷⁸ (100%)

Tabela 06: Distribuição das estratégias dativas de 2SG pelas possibilidades de expressão do objeto direto nas estruturas ditransitivas das cartas mineiras analisadas.

Os verbos ditransitivos projetam dois argumentos internos: OD (acusativo) e OI (dativo). A combinação entre tais argumentos parece ser produtiva no PE (*mo, to, lho, no-lo, vo-lo*)⁷⁹, o que, por outro lado, não se observa no PB, motivando assim que se volte o foco para a possibilidade de o OD influenciar a estratégia pronominal variante dativa. Nesse sentido, assume-se a hipótese de que ãse a estratégia de realização do OD

⁷⁸ Em análise estão quinhentos e cinquenta e nove dados (559) tendo em vista a exclusão de vinte e três ocorrências relacionadas aos dados de dativos de 2SG projetados por verbos de dois lugares com argumento interno (SU V OI).

⁷⁹ Segundo Cunha e Cintra (1985, p. 300), ãNo Brasil, quase não se usam as combinações *mo, to, lho, no-lo, vo-lo, etc.* Da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, só aparecem em escritores um tanto artificiais.ö

é uma forma *ôpesadaö* ó um sintagma oracional, por exemplo ó a concretização do dativo se daria por outra mais *õleveö* (um clítico, por exemplo).ö, cf. observado por Oliveira (2014, p. 104). Para o PB, levantaram-se os seguintes contextos de expressão do objeto direto: *clítico acusativo, sintagma nominal, sintagma oracional e objeto nulo*. Sob o rótulo de sintagma nominal estão as formas nucleadas por substantivo, adjetivo e pronome. Nesse sentido, passa-se à análise da distribuição das estratégias dativas de 2SG pelas possibilidades de expressão do objeto direto (*clítico acusativo, sintagma nominal, sintagma oracional e objeto nulo*) em estruturas ditransitivas.

Com base na análise da tabela 06, as formas clíticas *lhe* e *te* se evidenciam como as estratégias dativas mais produtivas em adjacência aos ODs cujas formas são o sintagma nominal (150/347 (43%); 87/149 (25%)) e o sintagma oracional (51/114 (45%), 30/149 (26%), respectivamente. De um modo geral, observa-se que a prevalência das formas *lhe* e *te* dativas nesses contextos de *sintagmas nominal e oracional* (formas (ODs) mais *ôpesadasö*) permite interpretar, em consonância com a hipótese de Oliveira (2014, p. 123), que os clíticos *lhe* e *te* tenderam, nesses contextos, a se mostrar como itens mais *leves* em adjacência aos acusativos (sintagmáticos) de 2SG. Ilustram-se, de (148) a (151), dados de complementos verbais dativos expressos por *lhe* e *te* em contextos permeados não só por objetos diretos expressos em *sintagmas nominal e oracional*.

O clítico *lhe* em contexto de OD na forma de SN:

(148) ö[...] Espero que também *lhe* tenha chegado às mãos [a carta]_{SN} que *lhe* escrevi em meados de agosto. [...]ö (HL. BH, 29.10.1978)

O clítico *lhe* em contexto de OD na forma de sintagma oracional:

(149) ö[...] Peço-lhe, querida Mamãe, [que agradeça por nós a Papae a remessa do vale de 200\$, recebidos pelo Waldyr]._{SINT.OR} [...]ö (HL. RJ, 22.08.1933)

O clítico *te* em contexto de OD na forma de SN:

(150) ö[...] Não tens que agradecer [as cousas amáveis]_{SN} (segundo dizes) que *te* escrevi a proposito de tua demora. [...]ö (AR. BH, 01.06.1927)

O clítico *te* em contexto de OD na forma de sintagma oracional:

(151) ö[...] Peço-te [que telefone a Olga] _{SINT.OR} sabendo se recebeu minha carta e diga que logo marque minha viagem passarei um telegrama. [...]ö (MRVL. s.l, 14.06.1940)

O objeto direto nulo também assumiu uma produtividade considerável em adjacência ao *te-dativo* (29/88, 33%) e ao *lhe-dativo* (38/88, 43%). Essa evidência se conforma à constatação de que a fusão de clíticos nas funções de OD e OI é improdutiva na gramática brasileira do português. Nesse sentido, observam-se, de (152) a (154), as únicas três ocorrências das combinações dos clíticos *te-dativo* e *o(s)-acusativo* (*t'o(s)*) em contexto mesoclítico (enviar-t'o-ei). Trata-se de dados que vieram à tona em cartas familiares produzidas pelo pai (professor de latim e francês) e pelo avô (professor e tabelião) do Pe. Agenor, em tom extremamente conservador, nos primeiros vinte anos do século XX. Acredita-se que tal conservadorismo linguístico tenha se deixado escapar como influência do elevado grau de cultura desses informantes, ainda que o tom da carta seja de intimidade.

Dados de *te* em contexto de clítico de acusativo (03 oco):

(152) ã[...] Eu e teus irmãos, que nos achamos saudáveis até o presente, estamos muito alegres e contentíssimos pelo facto auspicioso e santo de estares já com uma ordem sacra, devido a teus esforços e boa vontade, de par com a intelligencia de que és dotado, tão somente Creio que até o fim deste te poderei mandar a certidão do teu baptismo, ou a do registro do nascimento, caso esta tenha o mesmo valor. Ando muito ruim de sorte, razão por que ainda não te mandei o dinheiro. Por estes dias, porém, enviar-t'o-ei pelo correio. [...]ö (RAAP. Lagoa Santa, 06.04.1914)

(153) ã[...] Acuso o recebimento de tua presada missiva de 2 do corrente mez, communicando-me o teu feliz ingresso nessa cidade. Quanto ao dinheiro que necessitas e que me encarregaste de arranjar-t'o aqui com alguns de meus amigos, não me foi possível obtel-o visto a minha situação financeira actualmente ser a mais precaria possível! [...]ö (FAP. Caeté, 14.10.1916)

(154) ã[...] Estou em casa só com Nhonhô e Gustinho. Já escrevi e de novo escrevo, hoje, ao teu tio Joãozinho e em cuja carta vai tua para que elle, tomando em consideração o que queres, cumprir de prompto a tua ordem. [...] Quanto aos cem mil réis, estou dando as providencias e quasi que te posso garantir que *t'os* remetterei por correio até o fim do mez corrente. [...]ö (RAAP. Lagoa Santa, 08.03.1917)

Ainda em relação aos clíticos *lhe* e *te*, constata-se que além de terem se mostrado produtivos em adjacência aos sintagmas oracional e nominal também se deixaram evidenciar em adjacência ao objeto nulo, como está ilustrado de (155) e (156), o que parece previsível, visto que o acusativo nulo de 3SG é considerado um traço do PB (cf. DUARTE, 1989).

O clítico *lhe* em contexto de OD nulo:

(155) õ[...] Murilo amigo: Há vários dias estou para *lhe escrever* Ø. Mas você não imagina por quantas complicações tem passado êste pobre. [...]ö (OLR. RJ, 30.09.1948)

O clítico *te* em contexto de OD nulo:

(156) õ[...] mas tendo recebido o seo telegramma dizendo que o Laemert vendia a 6:200, voltei ao homem que fez o favôr d. deixal-o por 7.000. Elle *te-escreverá* Ø e você extranhe na resposta que o mesmo começasse a negociar assim. [...]ö (JPS. RJ, 25.10.1891)

Voltando o foco especificamente para o dativo nulo, constata-se que nos contextos de sintagmas nominal e oracional, o zero dativo assumiu as maiores frequências de uso, em 23% (78 oco) e 28% (32 oco) dos dados, respectivamente, como está exemplificado em (157) e (158), bem como nos contextos de adjacência ao OD nulo (19 oco, 22%). Ainda em relação ao dativo nulo, constata-se a sua recorrência em contextos de OD nulo, principalmente com os verbos *agradecer* e *escrever*, como está exemplificado de (159) a (161), o que também é observado por Oliveira (2014, p.124) em relação à produtividade do verbo *escrever*. O dativo nulo, por outro lado, em contexto de clítico de acusativo foi observado em tão somente quatro ocorrências ilustradas de (162) a (165). Considerando que o dativo *nulo* se mostrou como a terceira estratégia mais produtiva nas cartas mineiras analisadas, é interessante atentar ao fato de que pareceu difundir-se, nas cartas mineiras analisadas, por todos os contextos de ODs (sintagmático, clítico de acusativo e objeto nulo) como está ilustrado de (159) a (161).

Dado de dativo nulo em contexto de OD na forma de SN:

(157) õQuequeta, querida filha, [...] Sinto passar este dia longe de voce, mas terás ahí teu Pae manos para festejar esta data tão cara para nós [...] Elle manda pedir Ø o favor, se for possivel, mandar para elle o⁸⁰Enternecimento e Velario. [...]ö (MRVL. BH. 15.07.1937)

Dado de dativo nulo em contexto de OD na forma de sintagma oracional:

(158) õ[...] E você, quando vem? Caso surja por aqui, telefone para o Comité: 22-6294. Não preciso dizer Ø que estou inteiramente às ordens para tudo que desejar ou necessitar. [...]ö (AGF. RJ, 04.05.1955.)

⁸⁰ Trata-se das seguintes obras de Henriqueta Lisboa:
LISBOA, Henriqueta. *Enternecimento*. Rio de Janeiro, Pongetti, 1929;
LISBOA, Henriqueta. *Velário*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1936.

Dado de dativo nulo em contexto de OD nulo:

(159) õ[...] Você me fez um grande bem. Não sei agradecer \emptyset . Um abraço amigo. [...]ö (CDA. 06.03.1944)

(160) õ[...] Escreverei \emptyset , brevemente, com mais vagar. [...]ö (JCL. 03.05.1927)

(161) õ[...] Bem, Murilo. Estou escrevendo \emptyset muito depressa e ao correr da pena. [...]ö (OLR. 03.11.1947)

Dados de dativo nulo em contexto de clítico de acusativo (04 oco):

(162) õ[...] Se precisar dos originais que me confiou, posso remetê-los \emptyset sob registro. [...]ö (HL. s.l, s.d)

(163) õ[...] Ingrid, que manda muitos abraços para você, ficou de devolver-me os originais. Gostou muito das histórias e está de acordo com as sugestões que você me deu. Si eu não achar portador esta semana, manda-los-ei \emptyset pelo correio. [...]ö (AM. RJ, 01.01.1941)

(164) õ[...] Á sobrepeliz encantada, está prompta, mas para envial-a \emptyset , só poderei por ocasião das férias leval-a ao Asylo para de lá ser-lhe entregue [...]ö (MA. Itaúna, Serra Azul, 24.09.1916)

(165) õ[...] Queria mandar-lhe hoje um retratinho do Ivan Sérgio, mas não ficou revelado a tempo. Logo que estiver pronto, eu o enviarei \emptyset . [...]ö (MAV. Campanha, 16.10.1957)

As formas *a você* e *para você* mostraram-se preferencialmente em adjacência aos objetos diretos cujas formas são de SNs, como está exposto de (166) a (171), evidenciando a preservação da grade argumental ditransitiva (SU V OD OI) plena de argumentos (OD e OI) em contexto das formas pronominais estruturadas com o *você* explícito (*a você* e *para você*).

Dados de *a você* em contexto de OD na forma de SN:

(166) õQuerida madrinha, [...] Peço [a benção]_{SN} a vovó e vovô e *a você* com carinho e meus agradecimentos. [...]ö (CLB. 09.09.1946)

(167) õMurilo: No dia 25 de abril, mandei *a você* [um cartão]_{SN} comunicando o nascimento de André: recebeu? [...]ö (RJ, 11.05.1951)

(168) õHenriqueta: [...] Os meus desejos para êste ano vão que êle dê *a Você* [novos poemas]_{SN} assim. [...]ö (CDA. RJ, 25.01.1942)

Dado de *para você* em contexto de OD na forma de SN:

(169) ð[...] Você não quiz mandar medida para um vestido mas comprei [um corte d. seda]_{SN} *para você* ahi mesmo elles farão por que *você* precisa d. um bom vestido [...]ö (JPS. RJ, 15.02.1891)

(170) ðQuerida Titia [...] Mamãe e papai mandam [abraços]_{SN} *para você*. [...]ö (M. 30.08.1968)

(171) ðO Omar *lhe_i* leva, [além dêste recadinho, o livro do Jesi]_{SN} ó *para Você_i*; e o do Moacir ó que seria ou será, ou é para nós dois. [...]ö (JCL. sl, 15.11.1960)

As três únicas ocorrências de *a você* em contexto de clíticos de acusativo, como se observa de (172) a (174), se coadunam também aos raros dados das formas preposicionadas a *você* e *a ti* que convivem em tão somente uma única ocorrência para cada uma dessas estratégias dativas em adjacência ao objeto direto nulo (\emptyset), como se observa de (175) e (176).

Dados de *a você* em contexto de clítico de acusativo:

(172) ð[...] Nem é preciso que *o* explique *a você*, que tão bem sabe o que é a gente ficar amarrado em casa, sem vontade de fazer nada. [...]ö (AM. RJ, 01.01.1941)

(173) ð[...] Vejo quase diariamente a Cremilda, que *se* recomenda sempre *a Você*. [...]ö (JCL. RJ, 07.04.1945)

(174) ð[...] Soube, pelo José Carlos, que d. Sinhá já se restabeleceu a ela as nossas visitas, minhas e de Hymirene, que também muito *se* recomenda⁸¹ *a você*. [...]ö (AGF. 09.08.1956)

Dado de *a você* em contexto de OD nulo:

(175) ð[...] Escreví \emptyset *a você*, ante-ontem, para *lhe* dar a boa nova do nascimento de meu filho. [...]ö (OLR. RJ, 27.04.1925)

Dado de *a ti* em contexto de OD nulo:

(176) ð[...] Por mais que me escreves, sempre me escreves \emptyset menos do que eu *a ti*. [...]ö (AR. BH, 10.09.1925)

⁸¹ O verbo *recomendar* é interpretado como *transitivo direto pronominal e indireto* (TDpI), cf. Luft (2006, p. 437): ð[...] **3. TDpI:** [...] Recomendar-se a alguém. Invocar a benevolência, a proteção ou o socorro de: *Recomendo-me a Vossa Excelência*.ö

Observe-se ainda uma única ocorrência do clítico de acusativo *õö* em contexto de sintagma oracional que funciona como um objeto direto oracional da forma verbal *digo* como uma oração justaposta sua oração principal, cf. (177).

O clítico *o-dativo* em contexto de OD na forma de sintagma oracional:

(177) õ[...] E no entanto, meu tio, até hoje, a ninguém devo uma obrigação, d' estas que possão fazer corar a um homem de brio. Em todos os meus exames, sempre aprovado plenamente e algumas vezes distintamente, estas notas digo-o com orgulho ó [devo-as ao estudo e á protecção nunca]_{OD OR.} [...]ö (JPS. SP, 08.06.1884)

Em síntese, observam-se os clíticos dativos *te* e *lhe* como formas dativas que se mostram como formas *mais leves*, influenciadas pelo OD em formas sintagmáticas (SN e sintagma oracional), o que parece corroborar a hipótese de que a forma assumida pelo OD influencia o OI (dativo). Por outro lado, em adjacência aos SPREPs *a você* e *para você* estão ODs em sua forma sintagmática (formas mais *pesadas*). Outro fato bem interessante diz respeito ao dativo *nulo* ter se espreado por todos os tipos de OD analisados (formas sintagmáticas, clíticas e nulo), deixando-se evidenciar também em contexto de OD nulo como uma *pista* para um possível espreado do *nulo* também em contexto de complementação verbal dativa (OI), cf. previu Berlinck (2005).

Passa-se, na sequência, à descrição dos dados de dativo de 2SG em relação à categoria semântica do verbo.

3.4 A categoria semântica do verbo

Assumindo a proposta tipológica dos verbos apresentada por Berlinck (1996, 2005), exposta na subseção 2.3.2, têm-se em análise a categoria semântica do predicador verbal de três lugares (argumentos) responsável pela projeção do dativo de 2SG nas cartas mineiras analisadas. À título de exemplificação, à luz de Berlinck (1996, 2005), listam-se, no quadro 13, alguns predicadores verbais representativos de cada uma dessas categorias semânticas dos verbos.

CATEGORIA SEMÂNTICA DOS VERBOS	EXEMPLOS
TRANSFERÊNCIA MATERIAL	<i>atribuir, confiar, dar, devolver, emprestar, entregar, fornecer, mandar, oferecer, pagar, passar, comprar, emprestar, pedir.</i>
TRANSFERÊNCIA VERBAL E PERCEPTUAL	<i>confessar, contar, dizer, escrever, falar, perguntar, prometer, repetir, responder, telefonar.</i>
MOVIMENTO FÍSICO	<i>conduzir, dirigir, encaminhar, lançar, levar.</i>
MOVIMENTO ABSTRATO	<i>atribuir, conferir, dedicar, destinar.</i>
INTERESSE	<i>faltar, obedecer, servir, pertencer, convir, parecer.</i>
MOVIMENTO	<i>chegar, escapar, fugir, ir, vir.</i>
MOVIMENTO PSICOLÓGICO	<i>agradar, importar, interessar, satisfazer.</i>

Quadro 13: Categoria semântica dos verbos que selecionam complemento dativo, cf. Berlinck (1996, 2005).

Na sequência, a tabela 07 expõe a correlação entre as categorias semânticas dos predicadores verbais e as variantes dativas utilizadas nas cartas mineiras.

CATEGORIA SEMÂNTICA DO VERBO	ESTRATÉGIAS DATIVAS DE 2SG NAS CARTAS MINEIRAS (SÉCULOS XIX E XX)							
	TE	A TI	LHE	A VOCÊ	PARA VOCÊ	O/A	ZERO	TOTAL
TRANSF. MATERIAL	65/252 (26%)	02/252 (01%)	103/252 (41%)	12/252 (05%)	06/252 (02%)	-	64/252 (25%)	252/582 (43%)
TRANSF. VERBAL E PERCEPTUAL	60/211 (28%)	01/211 (0,5%)	91/211 (43%)	07/211 (03%)	03/211 (02%)	01/211 (0,5%)	48/211 (23%)	211/582 (36%)
MOV. ABSTRATO	21/90 (24%)	02/90 (02%)	43/90 (48%)	03/90 (03%)	02/90 (02%)	-	18/90 (21%)	90/582 (16%)
MOV. FÍSICO	03/10 (30%)	-	04/10 (40%)	-	01/10 (10%)	-	02/10 (20%)	10/582 (02%)
MOVIMENTO	01/07 (14%)	-	05/07 (72%)	-	-	-	01/07 (14%)	07/582 (01%)
INTERESSE	02/07 (29%)	-	03/07 (42%)	-	-	02/07 (29%)	-	07/582 (01%)
MOV. PSICOLÓGICO	03/05 (60%)	-	02/05 (40%)	-	-	-	-	05/582 (01%)
TOTAL	155/582 (27%)	05/582 (0,8%)	251/582 (43%)	22/582 (3,7%)	12/582 (02%)	03/582 (0,5%)	133/582 (23%)	582/582 (100%)

Tabela 07: Distribuição das estratégias dativas de 2SG em relação ao valor semântico do predicador verbal.

Através da análise dos dados, constata-se que, assim como discutido por Berlinck (1996), as estruturas transitivas (*transferência material, transferência verbal e perceptual, movimento abstrato e movimento físico*) podem ser consideradas prototípicas do complemento dativo. Dentre os 582 dados encontrados, 563 ocorreram com predicadores que seguem a organização sintática dessas estruturas, o que corresponde a 97% do total da amostra. Tal resultado também está em conformidade com o que foi evidenciado, na pesquisa de Oliveira (2014), cujos dados revelam que 96% das ocorrências de dativo de 2SG estão correlacionados às estruturas transitivas.

Assim como atestado em outros estudos, observa-se também que os verbos que expressam a noção de transferência foram predominantes no *corpus* (cf. BERLINCK, 1998, 2005; OLIVEIRA, 2014). No total, foram contabilizadas 463 ocorrências com predicadores de transferência (252 com verbos de *transferência material* e 211 com verbos de *transferência verbal e perceptual*), o que representa 79% do total da amostra. Como bem destaca Oliveira (2014), tais resultados podem estar associados à especificidade temática do gênero epistolar, pois é comum que os missivistas peçam informações, façam pedidos, mandem lembranças, dentre outros aspectos que caracterizam um processo de transferência. É interessante notar, inclusive, que há uma forte recorrência, no *corpus*, de alguns predicadores que se enquadram nessa categoria, como, por exemplo, os verbos *escrever* (70 ocorrências), *pedir* (69 ocorrências), *mandar* (62 ocorrências), *dizer* (49 ocorrências), *dar* (24 ocorrências), etc.

Atentando especificamente para a distribuição das formas variantes dativas (*te*, *lhe*, *a ti*, *a você*, *para você*, *o/a*, *dativo nulo*), observa-se mais um aspecto similar em relação às categorias semânticas de *transferência*, uma vez que em os clíticos *te* e *lhe*, bem como o *dativo nulo*, foram as formas mais recorrentes, conforme ilustrado de (178) a (183):

(178) ðTomo a liberdade de *lhe escrever* estas poucas linhas para obter uma informação sobre hotéis ahi em Belo Horizonteö. (09.06.1947)

(179) ðQuanto à família, devo *dizer-lhe* que meus falecidos pais foram: João de Almeida Lisboa, nascido em Macaé, e Maria de Vilhena Lisboa, natural de Campanhaö. (HL. 19.09.1976)

(180) ðFiquei sciente de que já obtive ahi a edição allemã, tambem disto *lhe dei* conhecimentoö. (AR. sl, 13.01.1936)

(181) ðEsqueci-me de *contar-te* que os rapazes ó camaradas meus ó querem offerecer-me um almoço ou um jantar pela minha indicaçãoö. (AR. BH, 10.04.1927)

(182) ðNella *te falava* longamente de tua chronica 10 e Ø *pedia* a copia da receitaö. (AR. RJ, 15.01.1930)

(183) ð[...] Mamãe e papai Ø *mandam* muitas lembrançasö. (CLB. Lambari, 25.11.1941)

A categoria semântica de *movimento abstrato* foi a terceira mais recorrente, no *corpus*, sendo contabilizadas 90 ocorrências, o que representa 16% do total da amostra.

Vários predicadores dessa categoria selecionaram um complemento dativo de 2SG, tais como os verbos *atribuir*, *conferir*, *dedicar*, *trazer*, dentre outros. Todavia, o predicador que se destacou entre os demais foi o verbo *agradecer* que, além de ter apresentado o maior número de dados (49 ocorrências), selecionou também a maioria das formas variantes de dativo (*te*, *lhe*, *a ti*, *a você*, *para você* e *dativo nulo*), tal como exemplificado a seguir de (184) a (188):

(184) ðMuito *te agradeço* a parte que estás tomando em meus sofrimentos, conforme se depreende de tua carta acima referida, por mim lida por diversas vezes e com a devida atenção. (FAP. Caeté, 03.07.1917)

(185) ð*Agradeço-lhe* também a remessa do artigo [que linda surpresa!] de Heráclio Salles. (HL. BH, 13.11.1961)

(186) ð*Agradeço a ti* muito o gentil oferecimento, prova segura da amizade que me dedicás. (FAP. Caeté, 19.08.1917)

(187) ð[...] Muito *agradeço a você*, Mamãe e St. Antônio as orações e votos pelo dia 18; Magdala fez questão de melhorar o almôço [...] (M. Lambari, 03.10.1948)

(188) ðEstou, ha varios dias, para Ø *agradecer* sua boa carta, mas não o pude fazer antes. (HL. Lambari, 03.10.1935)

Apesar de os predicadores de movimento abstrato terem selecionado quase todas as variantes dativas, sua presença foi mais significativa com os clíticos *te* (48%) e *lhe* (24%) e com o *dativo nulo* (21%), tal como ocorreu com os verbos de transferência material e verbal e perceptual.

Os verbos de *movimento físico* totalizaram 10 ocorrências, o que corresponde a 02% do total da amostra. Dentre os predicadores dessa categoria que selecionaram um complemento dativo de 2SG estão os verbos *levar* (07 dados), *dirigir* (02 dados) e *lançar* (01 dado). Tais predicadores selecionaram as variantes dativas *lhe* (04 ocorrências), *te* (03 ocorrências), *dativo nulo* (02 ocorrências) e *para você* (01 ocorrência). Assim com ocorreu com todas as demais categorias semânticas, que seguem o padrão sintático das estruturas ditas transitivas, verifica-se, portanto, que os

clíticos *te* e *lhe*, bem como o *dativo nulo*, foram as formas que mais se correlacionaram com os verbos dessa categoria, conforme exemplificado a seguir (189) a (191):

(189) ðTenho esperado, mas em vão, sua prometida cartinha... aqui vai esta levando Ø nossas visitas e votos de muita saúde e alegriaö. (MLB. Lambari, 01.12.1944)

(190) ðEu e Augusta (tua Mãe) *te* lançamos a benção em nome de Deus; teus irmãos te abraçam e queiras abraçar o ó Teu pae e Amigo (...). (RAAP. Ibertioga, 15.06.1907)

(191) ðAssim, fica sem efeito a carta que *lhe* dirigi a 3 do corrente, interessada em conhecer o volumeö. (HL. BH, 11.08.1978)

As estruturas intransitivas (*movimento*, *interesse*, *movimento psicológico*), que selecionaram um complemento dativo de 2SG, correspondem a 03% do total da amostra (19 ocorrências, 03%). Resultado similar também foi evidenciado, no trabalho de Oliveira (2014), no qual tais estruturas correspondem a 04% do total da amostra. Os verbos da categoria semântica de *movimento* contabilizaram 07 ocorrências, 04 com o verbo *chegar* e 03 com o verbo *vir*. Tal como ilustrado a seguir, de (192) a (194), as únicas variantes dativas utilizadas em correlação com os verbos de movimento foram os clíticos *lhe* (05 ocorrências), *te* (01 ocorrência) e o *dativo nulo* (01 ocorrência):

(192) ðCalculando que não *lhe* chegaram às mãos os 2 livros que *lhe* enviei pra Wellesley em janeiro de 77, pretendo mandar-lhe o Humano e Miradouro, este em 2ª Edö. (BH, 12.08.1978)

(193) ðOs meus trabalhos me privaram, assim, de gosar, redobradamente, essa tua victoria, tão significativa, que *te* vem abrir num impeto, mais uma porta do templo da consagraçãoö. (JCL. sl, 04.09.1924)

(194) ðEu também quero mandar meu abraço... Minhas notícias têm Ø chegado aí via carandaí não? (AL. Santiago, 06.11.1962)

Os predicadores da categoria semântica de interesse totalizaram 07 ocorrências, 03 com o verbo *servir*, 02 com o verbo *parecer*, 01 com o verbo *convir* e 01 com o verbo *faltar*. Conforme exemplificado abaixo, de (195) a (198), as únicas variantes dativas de 2SG usadas em correlação com os verbos de interesse foram as formas *te*, *lhe* e *o/a*:

(195) ãNão sei para que queres os tubos: ó Na Estrada d. Sabará, embarcados os d. 0m,60 comprimento útil e diametro 0m,10 interno, custão um 1:200; imagino que são os que *te-convem*ö. (JPS. Caeté, 03.05.1903)

(196) ãJulgue o caso e, se *lhe parecer* razoável, junte ao cartão uma palavrinha sua a êle, que queria muito a Papai e que sempre me pediu notícias dele e suasö. (JCL. RJ, 09.10.1947)

(197) ãDe minha parte, fico aguardando uma oportunidade de *servi-lo*, no campo humilde em que eu aqui trabalhoö. (OLR. RJ, 26.07.1951)

(198) ãDesceremos amanhã, de vez, para a nossa casa, onde fico, como sempre, disposto a *servi-la* cordialmenteö. (PP. sl, [01.04.1925)

Assim como evidenciado no trabalho de Oliveira (2014), os verbos que pertencem à categoria semântica de *movimento psicológico* foram os menos produtivos no *corpus*. No total, foram contabilizadas 05 ocorrências, nas quais foram utilizados os verbos *interessar*, *agradar* e *importar*. Como ilustrado abaixo, de (199) a (203), as únicas variantes dativas utilizadas em correlação com os predicadores de movimento psicológico foram os clíticos *te* (03 dados) e *lhe* (02 dados):

(199) ãEstou a falar-te dessas cousas como si ellas pudessem *interessar-te*... Que imbecilidade alarmante!ö. (AR. BH, 01.06.1927)

(200) ãÉ incrível! Parece até que pouco ou nada *te interessa* a minha inquietação por tiö. (AR. BH, 03.04.1927)

(201) ãO autor é muito considerado aqui e Guy calculou que o livro *lhe agradaria*ö. (CLB. Lambari, 19.07.1967)

(202) ãLugares não *te importam*, mas a repercussão logica, advinda da venda dos volumes, servirá a alicerçar o triumpho do teo apparecimentoö. (JCL. sl, 04.09.1924)

(203) ãNão sei do que se trata, mas é possível que o caso *lhe interesse*ö. (WL. RJ, 25.02.1960)

Em suma, verifica-se que, de um modo geral, os resultados dialogam com as conclusões de outros estudos que se preocuparam com o complemento dativo

correlacionando-o à categoria semântica do verbo (cf. BERLINCK, 1998, 2005; OLIVEIRA, 2014). Tal como atestado no trabalho de Oliveira (2014), as estruturas transitivas que selecionaram um complemento dativo de 2SG, no *corpus*, foram predominantes. Juntos os verbos de *transferência material*, *transferência verbal e perceptual*, *movimento físico* e *movimento abstrato* correspondem a 96% do total da amostra. Em oposição a essas categorias, estão as estruturas intransitivas que, assim como evidenciado em outros estudos (cf. BERLINCK, 1998, 2005; OLIVEIRA, 2014), são menos recorrentes (*movimento*, *interesse*, *movimento psicológico*).

No que concerne à distribuição total das variantes dativas de 2SG, constata-se que as formas mais recorrentes foram os clíticos *lhe* (43%), *te* (27%) e o *dativo nulo* (23%), que contabilizaram 93% do total dos dados. Além de terem sido as variantes mais frequentes no *corpus*, foram também as mais recorrentes em quase todas as categorias semânticas (*transferência material*, *transferência verbal e perceptual*, *movimento abstrato*, *movimento físico* e *movimento*). Apesar de apresentarem valores percentuais distintos, observa-se, na pesquisa de Oliveira (2014), que essas três variantes dativas também foram as mais recorrentes (*te*, *dativo nulo* e *lhe*, respectivamente).

3.5 O papel semântico do complemento dativo

Considerando a classificação apresentada por Company (2006), discutida na subseção 2.3.1, investigou-se a distribuição dos papéis temáticos do dativo e as formas variantes utilizadas. A tabela 08 expõe a distribuição dos resultados:

PAPEL SEMÂNTICO DO DATIVO	ESTRATÉGIAS DATIVAS DE 2SG NAS CARTAS MINEIRAS (SÉCULOS XIX E XX)							TOTAL
	TE	A TI	LHE	A VOCÊ	PARA VOCÊ	O/A	ZERO	
RECEPTOR	70/255 (27%)	01/255 (0,3%)	114/255 (45%)	08/255 (03%)	05/255 (02%)	03/255 (1,7%)	54/255 (21%)	255/582 (44%)
META/FONTE	71/252 (28%)	03/252 (02%)	99/252 (39%)	11/252 (04%)	05/252 (02%)	-	63/252 (25%)	252/582 (43%)
EXPERIENCIADOR	11/61 (18%)	01/61 (02%)	30/61 (49%)	02/61 (03%)	01/61 (02%)	-	16/61 (26%)	61/582 (10%)
BENEFICIÁRIO/ MALEFICIÁRIO	03/14 (21%)	-	08/14 (58%)	01/14 (07%)	01/14 (07%)	-	01/14 (07%)	14/582 (03%)
TOTAL	155/582 (27%)	05/582 (0,8%)	251/582 (43%)	22/582 (3,7%)	12/582 (02%)	03/582 (0,5%)	134/582 (23%)	582/582 (100%)

Tabela 08: Distribuição das estratégias dativas de 2SG em relação ao seu papel semântico.

Através da análise dos dados acima, verifica-se que, dentre os cinco papéis semânticos do complemento dativo previstos por Company (2006), quatro foram

identificados no *corpus*: *receptor*, *meta/fonte*, *experienciador* e *beneficiário/maleficiário*. Dentre as 582 ocorrências, 255 foram com complementos dativos que desempenharam o papel de *receptor*, o que representa 44% do total da amostra. Ao analisar textos de três séculos distintos, Company (2006) também constatou a superioridade do dativo com o papel de *receptor*. No entanto, em sua pesquisa a frequência desse papel semântico foi igual ou superior a 50%. De acordo com a autora, além de o papel de receptor ser o mais frequente em todas as línguas, é também o papel prototípico do OI (COMPANY, 2006).

Apesar dessas considerações, destaca-se o fato de o papel temático *meta/fonte* ter contabilizado um número de ocorrência muito próximo ao do papel de *receptor* (252 dados, 43%). Já os demais papéis semânticos (*experienciador* e *beneficiário/maleficiário*), contabilizaram 75 dados, o que corresponde a 13% do total da amostra.

No que concerne à distribuição das variantes dativas, observa-se a predominância dos clíticos *lhe* (251 ocorrências, 43%), *te* (155 ocorrências, 27%) e do *dativo nulo* (134 ocorrências, 23%), que juntos correspondem a 93% do total da amostra. Tais formas também foram as mais produtivas em todos os papéis temáticos, existindo apenas uma ligeira diferença em relação ao papel de *beneficiário/maleficiário*, cujos dados revelam que o número de ocorrências dos sintagmas preposicionados *a você* e *para você* se equiparou ao do *dativo nulo*. A seguir, de (204) a (209), são exemplificados os papéis temáticos em correlação com as variantes dativas de 2SG:

Receptor:

(204) ðVocê não quiz mandar medida para um vestido; mas comprei um corte d. seda *para você*; ahi mesmo elles farão por que você precisa d. um bom vestido (...). (JPS. RJ, 15.02.1891)

(205) ðEm todos os meus exames, sempre aprovado plenamente e algumas vezes distinctamente, estas notas digo-o com orgulho ó devo-as ao estudo e á protecção nunca. (JPS. SP, 08/09.06.1884)

Meta/fonte:

(206) Recebeste a carta que foi pelo Caio? Quis enviar por elle uma lembrança *a ti*, mas não houve tempo. (AR. BH, 10.09.1925)

(207) ðVale contudo para mostrar \emptyset que nunca a esqueço; que fico penalizado com os seus sofrimentos, que estou aflito por vê-la restabelecida (...).ö.(AM. RJ, 01.10.1945)

Experienciador:

(208) ðA fonte da poesia não secou, mas os poetas em geral, estão confusos diante da avalanche da técnica, não *lhe* parece?ö. (HL. BH, 21.10.1978)

Beneficiário/Maleficiário:

(209) ðAmanhã farei a de outubro, como de costume, em nome do Valdir, para poupar trabalho a *Você*.ö. (JCL. RJ, 26.10.1948)

Em síntese, verificou-se que os complementos dativos de 2SG que exerceram os papéis de *receptor* e *meta/fonte* foram os mais recorrentes, sobressaindo-se um pouco mais o papel de *receptor* em relação ao de *meta/fonte*. De toda forma, esses resultados confirmam que o papel de receptor foi o mais frequente e pode ser considerado prototípico do OI (cf. COMPANY, 2006). Já em relação às variantes dativas, observou-se que os clíticos *te* e *lhe*, bem como o *dativo nulo*, além de terem sido as formas mais frequentes, no *corpus*, estão também entre as mais recorrentes em todos os papéis semânticos.

Considerando que o foco desta dissertação está voltado para as estratégias dativas de complementação gestadas por predicadores verbais, expõem-se um único dado *se-lhe dativo* e mais três ocorrências do *lhe dativo possessivo* na referência à 2SG.

(210) ðMeu Tio Luiz. Ja uma vez me dice o meo tio ter o costume de não responder as cartas que *se-lhe-enviavam*. Em todo caso é uma franquesa [...].ö (JPS. OP, 06.01.1888)

(211) ð[...] Caríssimo Poeta Jorge Guillén, Encantada com sua amizade, venho agradecer-lhe as boas palavras da sua carta de 22 de setembro, a respeito dos livros que *lhe* enviei. Espero que também *lhe* tenha chegado às mãos a carta que *lhe* escrevi em meados de agosto. [...].ö (HL. BH, 29.10.1978)

(212) ð[...] Livio, recebi sua carta de 28 e espero que *lhe* tenham chegado às mãos as duas que enviei sob registro. [...].ö (AR. BH, 06.01.1937)

(213) òCaríssimo Poeta Jorge Guillén [...] Mas se puder volta a Europa, irei vê-lo em Málaga. E com que emoção! Calculando que não *lhe chegaram* às mãos os 2 livros que lhe enviei pra Wellesley em janeiro de 77 [...] ö (HL. BH, 12.08.1978)

Em uma única carta de fins do século XIX (1888), produzida por um missivista culto, levanta-se tão somente uma única construção do tipo *se lhe*. Tal construção *se lhe dativo* está estruturada no predicador verbal de 03 lugares *enviar* cuja categoria semântica é de *movimento físico* (objeto físico em movimento = *cartas*) na projeção do dativo de 2SG com o papel temático de *meta* (*lhe* = o interlocutor da carta, o tio Luiz) como se observa em (210). De (211) a (213), tem-se o predicador verbal de 02 lugares *chegar* cuja categoria semântica, nos dados em análise, é a do *movimento físico* das *cartas* e dos *livros* em convergência a uma determinada *meta* (as mãos do interlocutor da carta), caracterizando, pois, o dativo possessivo de 2SG.

A seguir, serão discutidos aspectos extralinguísticos tais como o subgênero da missiva e os períodos de suas produções, correlacionando-as às estratégias dativas de 2SG.

3.6 Distribuição das estratégias dativas de 2SG pelos subgêneros das missivas pessoais mineiras (séculos XIX e XX)

No que se refere ao gênero textual *carta pessoal*, assumem-se como base para esta dissertação os seguintes subgêneros: *amorosas*, *amizade* e *familiares*. Pretende-se controlar o nível de interferência do subgênero da carta em relação à produtividade das estratégias dativas de 2SG. Nesse sentido, conjectura-se em sintonia com os resultados de Pereira (2012), Oliveira (2014) que as cartas amorosas sejam um importante campo funcional das formas vinculadas ao paradigma de *tu*, ao passo que as cartas familiares e de amizade se evidenciem como profícuos contextos para as formas vinculadas ao paradigma de *você*, ainda que todos esses subgêneros de missivas sejam passíveis, em distintos níveis, da alternância entre as formas dos paradigmas de *tu* e *você*.

PRON. DE 2SG SUJ. DE 2SG	ESTRATÉGIAS DATIVAS DE 2SG NAS CARTAS MINEIRAS (SÉCULOS XIX E XX)							
	TE	A TI	LHE	A VOCÊ	PARA VOCÊ	O/A	ZERO	TOTAL
CARTAS FAMILIARES	88/285 (31%)	02/285 (0,7%)	111/285 (39%)	09/285 (03%)	08/285 (2,8%)	01/285 (0,3%)	66/285 (23,2%)	285/582 (49%)
CARTAS DE AMIZADE	17/227 (07%)	-	140/227 (62%)	13/227 (06%)	02/227 (0,8%)	02/227 (0,8%)	53/227 (23,4%)	227/582 (39%)
CARTAS AMOROSAS	50/70 (71%)	03/70 (04%)	-	-	02/70 (03%)	-	15/70 (22%)	70/582 (12%)
TOTAL	155/582 (27%)	05/582 (0,8%)	251/582 (43%)	22/582 (3,7%)	12/582 (02%)	03 /582 (0,5%)	134/582 (23%)	582/582 (100%)

Tabela 09: Distribuição das estratégias dativas de 2SG em relação aos subgêneros de cartas mineiras.

De modo geral, verifica-se que as formas *lhe* e *te* se sobressaem, sobretudo, nas cartas de amizade e amorosas, com índices percentuais de 62% (140/227) e 71% (50/70), respectivamente.

O *lhe-dativo*, apesar de em termos percentuais ter sido a forma mais produtiva (43%, 251/582), parece ter sido refreado nas cartas amorosas, visto que só assumiu representatividade nas cartas de amizade e familiares, com índices percentuais de 62% (140/227) e 39% (111/285), respectivamente, evidenciando as cartas trocadas entre amigos mineiros um certo grau de formalidade entre os missivistas expresso pelo *lhe* como já observado por Gomes (2003, p. 87) em consonância com Ramos (1998). Na sequência, seguem evidências, de (214) a (215), do caráter formal do *lhe* em missivas produzidas por Drummond acerca da produção de Henriqueta Lisboa e por Maria Antônia Valladão Pires a sua tia Henriqueta Lisboa agradecendo-lhe o envio de texto literário, respectivamente.

(214) õCara Henriqueta: Sendo o Purgatório estação de passagem, o poeta que se aventura até êle tem como destino natural o Paraíso. Assim, você está nos devendo, com a dos demais Cantos do Purgatório a tradução dos Cantos celestiais da õDivina Comédiaõ. [...] De um poeta como Você a gente está sempre esperando o máximo. Não *lhe faltam* condições para a obra, e não vejo outro que a possa executar, entre nós. [...]õ (CDA. RJ, 25.01.1970)

(215) õQuerida titia, Junto com o artigo do Carlos Drummond *envio-lhe* nosso abraço pelo dia 15, com antecipação, mas com muito carinho, *desejando-lhe* felicidade, saude e muita inspiração na poesia. Aproveito para *agradecer-lhe* Madrinha Lua e o belo poema pelo dia das mães que você me mandou. [...]õ (MAVP. Campanha, 08.07.1959)

O potencial produtivo do *te* se deixou evidenciar, ainda que com distintos níveis percentuais, em todos os três subgêneros das missivas pessoais: nas familiares, 31% (88 oco); nas missivas amorosas, 71% (50 oco); e nas cartas de amizade 07% (17 oco). Ao espriar-se por todos os subgêneros de cartas pessoais, o *te* parece mostrar-se como uma òforma neutraõ em virtude de não delimitar as relações sociopragmáticas nas especificidades das relações amorosas, de amizade e familiares mineiras, cf. constatado inicialmente por Oliveira (2014) para as estruturas dativas de 2SG das cartas cariocas (XIX e XX). Nos exemplos a seguir expostos, observam-se ocorrências de *te-dativo* em missiva amorosa trocada entre João Pinheiro e sua Helena sobre o seu ato de escrever-lhe cartas; em missiva de amizade enviada por Abgar Renault a sua amiga-poeta Henriqueta Lisboa tratando do potencial poético de suas obras literárias e em missiva familiar escrita por Maria Rita Vilhena Lisboa a sua filha Henriqueta Lisboa agradecendo-lhe o envio de um vestido.

O *te* em missiva amorosa:

(216) õMinha Helena. Antes d. hontem *te escrevi* por um cartão mandando a chave da caixinha que o Comendador-mor Attrayde levou com o serviço do chá. Hontem estando a ler deitado na cama jornaes e com o pensamento de *te-escrever*, sempre *te-escrevo* na hora d. deitar, dormi sem que o tivesse feito. Vou *passar-te* telegrammas para que a minha negrinha não fique afflicta [...]õ (JPS. RJ, 09.11.1890)

O *te* em missiva de amizade:

(217) õ[...] Meu Poeta, abraços. Ainda uma vez sou obrigado a *escrever-te* apenas um bilhete apressado: estou numa vertiginosa roda viva de trabalho, ultimamente. Tua generosidade saberá relevar-me a impossibilidade em que me acho desde *escrever-te* longamente, longamente, como queria e devia. Esta tem por fim *enviar-te* uma nota de 'Minas Geraes' de hoje sobre, teu livro, que vem despertando aqui, como no Rio, como em qualquer lugar em que haja bom gosto e elegancia intellectual, as mais vivas admirações. [...]õ (AR. BH, 27.01.1926)

O *te* em missiva familiar:

(218) õQuerida filha Quequeta, Venho com saudades *fazer-te* uma carinhosa visita com votos a Deus para que continues com saude assim, como todos os nossos que ahi estão. ... Recebi hontem o registrado com o corte de vestido que enviaste do Rio; achei muito lindo e venho *agradecer-te* muito a optima lembrança. Deus que te recompense. [...]õ (MRVL. s.l, 18.07.1937)

Interessante atentar ainda não só para a presença do *zero dativo* em todos os subgêneros de missivas pessoais (23,4% (amizade) 23,2% (familiar) e 22% (amorosa)), mas também para as evidências de tal estratégia dativa nas correspondências familiares (23,2%) e de amizade (23,4%), evidenciando a produtividade do *zero dativo* (terceira estratégia dativa estatisticamente mais usada nas cartas mineiras) independentemente do subgênero da correspondência pessoal mineira, como também foi observado por Rumeu (2015, p. 105) no que se refere ao dativo nulo nas cartas mineiras de *você-sujeito*. Ilustram-se, de (219) a (221), ocorrências de dativo nulo em cartas produzidas por Drummond a Henriqueta Lisboa agradecendo-lhe elogio recebido sobre o poema escrito, por Henriqueta Lisboa a sua mãe enviando-lhe notícias e por João Pinheiro a sua esposa Helena falando-lhe também sobre o seu amor pela esposa, respectivamente.

(219) òHenriqueta: Eu não podia receber melhor palavra sôbre meu poema do que a tua. [...] Você me fez um grande bem. Não sei agradecer ø. Um abraço amigo.ö (CDA. RJ, 06.03.1944)

(220) òCara Mamãe, Estou, ha varios dias, para agradecer ø sua boa carta, mas não o pude fazer antes. Durante o dia tenho tido provas escriptas no Gymnasio e, á noite, ha sempre visitas. [...]ö (HL. Lambari, 03.10.1935)

(221) ò[...] Quando eu te telegraphar você manda fazer a mudança; será uns dous dias antes de eu chegar. Desgraçadamente acho que levo dous hospedes de importancia, dous senadores do Amasonas, digo isto [ø] por que desejava ficar ahi muito pouco tempo e sahirmos logo ou para São Paulo ou para qualquer lugar d. passeio. [...]ö (JPS. RJ, 15.02.1891)

As únicas cinco ocorrências do sintagma preposicionado *a ti* se deixaram evidenciar em cartas de *tu-sujeito exclusivo* (cf. tabela 04). Em relação aos subgêneros das missivas pessoais, observa-se que dentre as cinco ocorrências, três delas (de 222 a 224) se deixaram evidenciar em cartas amorosas de Abgar Renault a esposa Ignez e de João Pinheiro a esposa Helena, o que vai ao encontro da interpretação das cartas amorosas como o contexto da intimidade entre os missivistas em que as formas de *tu* (*te, a ti, para ti, PREP+ti*) tendem a ocorrer, como observado por Pereira (2012), Oliveira (2014), Souza (2014). As demais duas ocorrências de *a ti* se mostraram nas cartas familiares em missivas produzidas por Francisco Alves Pinto ao sobrinho Pe. Agenor e por Henriqueta Lisboa a irmã Abigail Lisboa, como está exemplificado de

(222) a (226). Em 225 e 226, ilustram-se dados de *a ti* que sucedem o *te*, sendo ambos os pronomes projetados pelas formas verbais *õtrazemõ* e *õenviamõ* assim como o *te*. Trata-se de evidências de estruturas de redobro de clítico na referência à 2SG muito produtivas na fala mineira atual, cf. discutido por Duarte e Ramos (2015, p.188) e Duarte e Diniz⁸² (2012, p. 92).

(222) õ[...] Porque não me escreveste mais? A tua letra é muito grande. Por mais que me escreves, sempre me escreves menos do que eu *a ti*. (AR. BH, 10.09.1925)

(223) õ[...] Recebeste a carta que foi pelo Caio? Quis enviar por elle uma lembrança *a ti*, mas não houve tempo. [...]õ (AR. BH, 10.09.1925)

(224) õ[...] Agradeço *a ti* muito o gentil offerecimento, prova segura da amizade que me dedicas. [...]õ (FAP. Caeté, 19.08.1917)

(225) õ[...] Mas não só pelo mal que possam trazer ao teu leite, mas tambem pelo que te; trazem *a ti*. [...]õ (AR. BH, 01.06.1927)

(226) õ[...] Todos enviam-te; mil saudosos abraços, *a ti* e Maria Antonia. [...]õ (HL. RJ, 06.07.1933)

Apesar das baixas produtividades das formas *a você* e *para você*, observa-se que, nas cartas familiares, tais SPREPs mostraram-se em alternância com 09 e 08 ocorrências, respectivamente, o que parece evidenciar que o contexto da carta familiar tende a neutralizar a alternância *a você/para você* nas cartas mineiras analisadas. Cabe atentar para tais formas com o intuito de descrever as especificidades dos subgêneros das cartas íntimas, tendo em vista os assuntos e as relações entre os missivistas. De (227) a (235), observam-se as ocorrências de *a você* em cartas familiares trocadas entre a afilhada da poetisa mineira Henriqueta Lisboa e entre os irmãos José Carlos Lisboa e Henriqueta, entre o poeta Abgar Renault e o seu irmão Lívio e entre Aníbal Machado e a sua irmã Lúcia Machado em missivas marcadas pela intimidade dos laços familiares que os envolvem. De (236) a (243), elencam-se os oito dados de *para você* atentando para os contextos das relações familiares sobrinha e tia (Henriqueta Lisboa), entre

⁸² Evidências de redobro de clíticos expostas por Duarte e Diniz (2012, p. 92): *õEu vou te; levá ocê; láõ*, *õUma coisa eu vou te; falá com ocê;õ*, *õEu vou te; contá pro ocê; um pouquim da minha vida.õ*.

irmãos da família Lisboa, entre Abgar Renault e o irmão Lívio, entre a mãe de HL e a sua filha, entre Aníbal Machado e sua irmã, Lúcia, Carta entre tia e o seu sobrinho, Pe. Agenor.

Dados de *a você* em cartas familiares:

(227) òQuerida madrinha, Com saudades venho dizer-lhe um afetuoso muito obrigada pelo lindo veludo. Fiquei muito contente Achei-o lindo. Ontem mesmo ainda fui a um baile no cassino das Fontes com êle. [...] Peço a benção a vovó e vovô e *a você* com carinho e meus agradecimentos. [...]ö (CLB. Lambari, 09.09.1946, Carta entre afilhada e madrinha)

(228) òMinha Querida Henriqueta: No domingo, dando a Mamãe a natural prioridade, mandei-lhe uma cartinha, com várias notícias para Você. [...] Pelo cartão, fiquei sabendo que a minha remessa de setembro aí chegou normalmente. Amanhã farei a de outubro, como de costume, em nome do Valdir, para poupar trabalho *a Você*. [...]ö (JCL. RJ, 26.10.1948, Carta entre irmãos)

(229) ò[...] Como eu disse na carta de Mamãe, a Professora Luce deu mais e melhores provas de aprêço *a Você* [...] Ando desanimado de Esperar o ãossoö aumento. O Senado tratou melhor os professores universitários, mas parece que a Câmara cortará os benefícios vivos, que eram ponderáveis. De qualquer forma, creio que até dezembro estaremos recebendo com alguma ãaltaö. [...]ö (JCL. RJ, 26.10.1948, Carta entre irmãos)

(230) òHenriqueta, não quero deixar passar uma brechazinha dêste sábado, sem uma palavra, para agradecer-lhe o poema do Mário, que Você me mandou e de que falei em carta a Papai. [...] Vejo quase diariamente a Cremilda, que se recomenda sempre *a Você* [...]ö (JCL. RJ, 07.04.1945, Carta entre irmãos)

(231) ò[...] Converse com o Jair i de Cantoni, acabo tirando da cabeça ... Pelo que for contar estão erradas, pois só enviei *a Você* até agora 200\$000. Quanto falta ainda? [...]ö (AR. RJ, 01.11.1937, Carta entre irmãos)

(232) ò[...] Hoje assistimos á missa que mandamos celebrar por alma de papai, pois a de amanhã já estava tomada; mais passa o tempo, mais aumentamos as saudades. Muito agradeço *a você*, Mamãe e St. Antônio as orações e votos pelo dia 18; Magdala fez questão de melhorar o almôço [...]ö (M. Lambari, 03.10.1948, Carta entre irmãs)

(233) òQuerida Lucia, [...] Você se admirará de que, até agora, eu nada tenha feito, mas a doença me indispöz para as iniciativas mais urgentes. Nem é preciso que o explique *a você*, que tão bem sabe o que é a gente ficar amarrado em casa, sem vontade de fazer nada. [...]ö (AM. RJ, 01.01.1941, Carta entre irmãos)

(234) õ[...] Não decidirei nada sem nenhum dos ilustradores, sem disso dar conhecimento prévio *a você*. [...] Estou bem desejoso (e pretendo mesmo) de dar um pulo a Belo Horizonte talvez em agosto proximo. Quero vê-los, vê-los Celina, e vê-los o neto.õ (AM. RJ, 01.01.1941, Carta entre irmãos)

(235) õLucia, Você que é tão boa vai me perdoar não lhe ter escrito há mais tempo. [...] Imagino a falta que êle está fazendo *a você*. [...] Para distrair você da doença, vou tocando em outros assuntosõ (AM. RJ, 01.10.1945, Carta entre irmãos)

Dados de *para você* em cartas familiares

(236) õQuerida tia Henriqueta [...] Quer que você lhe envie com certa urgência: "Flor da Morte" parece que é para tradução do poema para Antologia em castelhano. [...] Desejo saber, tia, se quer encomendar alguma coisa do Chile *para você*. [...]õ (AVP. Santiago, 06.11.1962, Carta entre sobrinha e tia)

(237) õ[...] O Omar lhe leva, além dêste recadinho, o livro do Jesi *ó para Você*; e o do Moacir *ó* que seria ou será, ou é para nós dois. [...]õ (JCL. sl, 15.11.1960, Carta entre irmãos)

(238) õMinha boa Henriqueta [...] Agradeço-lhe a remessa dos cartões da õminha listaõ e hoje venho pedir-lhe que mande mais dois: o 1º ao Ciro dos Anjos ó DD Diretor do IPASE, rua Pedro Lessa / esquina da Graça Aranha ó Esplanada ó RIO. O 2º para o Osório Borba ó Câmara dos Vereadores ó Praça Floriano. Quanto a êste, devo-lhe ainda uma explicação. Sem ter o seu enderêço aí em Belo Horizonte, êle fez um telegrama para mim e outro *para Você*, tendo confiado o seu à Eneida de Moraes, que, não conseguindo o enderêço, não pôde mandar o telegrama. [...]õ (JCL. RJ, 09.10.1947, Carta entre irmãos)

(239) õMeu caro Livio, [...] Você poderá utilizar o dinheiro para novas assignaturas se, entretanto, se tratar de exercicios diferentes, Você terá de recolher a importancia, explicando por que razão o faz e cuidando de obter um recibo *para Você* proprio, por via das duvidas. [...]õ (AR. sl, 16.10.1989, Carta entre irmãos)

(240) õQuerida filha Henriqueta [...] Mario foi muito amavel em tres corações, passou o telegrama *para você* e comprou jornaes, para seu Pae. [...]õ (MRVL. sl, 23.12.1944, Carta entre mãe e filha)

(241) õ[...] Mamãe e papai mandam abraços para você. [...]õ (M. 30.08.1968, Carta entre sobrinha e filha)

(242) õ[...] Ingrid, que manda muitos abraços *para você*, ficou de devolver-me os originais. [...]õ (RJ, 01.06.1941, Carta entre irmãos da família Machado)

(243) õ[...] Ricardo me disse que tem um dinheiro de Augusta para tirar, elle podia bem me entregar uns 50\$000 rs para fazer umas arrumações *para voçe*. (RAP. 05.04.1915, Carta entre tia e sobrinho)

Outro aspecto extralinguístico que merece atenção é o fator *tempo*. A distribuição das evidências dos complementos verbais em função dativa em relação ao eixo do tempo (séculos XIX ao XX) pode fornecer pistas para a compreensão da expressão do dativo de 2SG em sincronias passadas

3.7 O dativo de 2SG no eixo do tempo

A descrição-analítica dos dados em relação ao fator *tempo* é motivada, sobretudo, pelo intuito de controle mais minucioso das sete estratégias dativas de 2SG (*te, a ti, lhe, a você, para você, o/a, zero*) em cartas mineiras produzidas entre 1860 e 1989. Optou-se por separar os anos em três fases (Fase I = 1860-1889), Fase II = 1900-1939, Fase III = 1940-1989) tendo em vista a própria distribuição dos dados em termos de prevalência das formas dativas no eixo do tempo. Convém esclarecer que a opção por gráfico de colunas ao invés de gráfico de linhas para a representação do fenômeno no eixo do tempo foi motivada pelo cruzamento de várias linhas, o que dificultaria a interpretação dos resultados estatísticos. O gráfico 05 é precedido pela tabela 10 através da qual é possível evidenciar os números de dados brutos aos quais dizem respeito os índices percentuais.

PERÍODOS	ESTRATÉGIAS DATIVAS DE 2SG NAS CARTAS MINEIRAS (SÉCULOS XIX E XX)							
	TE	A TI	LHE	A VOCÊ	PARA VOCÊ	O/A	ZERO	TOTAL
1860-69	-	-	03/03 (100%)	-	-	-	-	03/559 (0,5%)
1880-89	-	-	09/12 (75%)	-	-	01/12 (08%)	02/12 (17%)	12/559 (2,3%)
1890-99	13/37 (35%)	-	02/37 (05%)	-	02/37 (05%)	-	20/37 (55%)	37/559 (6,6%)
1900-09	08/19 (42%)	-	04/19 (21%)	01/19 (05%)	-	-	06/19 (32%)	19/559 (3,3%)
1910-19	55/73 (76%)	01/73 (01%)	09/73 (12%)	-	01/73 (01%)	-	07/73 (10%)	73/559 (13%)
1920-29	56/86 (66%)	03/86 (03%)	09/86 (10%)	01/86 (01%)	-	01/86 (01%)	16/86 (19%)	86/559 (15%)
1930-39	15/49 (30%)	01/49 (02%)	16/49 (33%)	01/49 (02%)	-	-	16/49 (33%)	49/559 (09%)
1940-49	04/112 (04%)	-	61/112 (54%)	13/112 (11%)	03/112 (03%)	-	31/112 (28%)	112/559 (20%)
1950-59	-	-	63/78 (81%)	04/78 (05%)	01/78 (01%)	01/78 (01%)	09/78 (12%)	78/559 (14%)
1960-69	-	-	31/44 (70%)	-	03/44 (07%)	-	10/44 (23%)	44/559 (08%)
1970-79	-	-	32/39 (82%)	01/39 (2,5%)	01/39 (2,5%)	-	05/39 (13%)	39/559 (07%)
1980-89	-	-	05/07 (72%)	01/07 (14%)	01/07 (14%)	-	-	07/559 (1,3%)
TOTAL	151/ 559 (27%)	05/ 559 (0,8%)	244/ 559 (43,6%)	22/ 559 (04%)	12/ 559 (2,1%)	03/ 559 (0,5%)	122/ 559 (22%)	559/ 559 ⁸³ (100%)

Tabela 10: Distribuição das formas pronominais dativas de 2SG no decorrer do tempo nas missivas: 1860-1989.

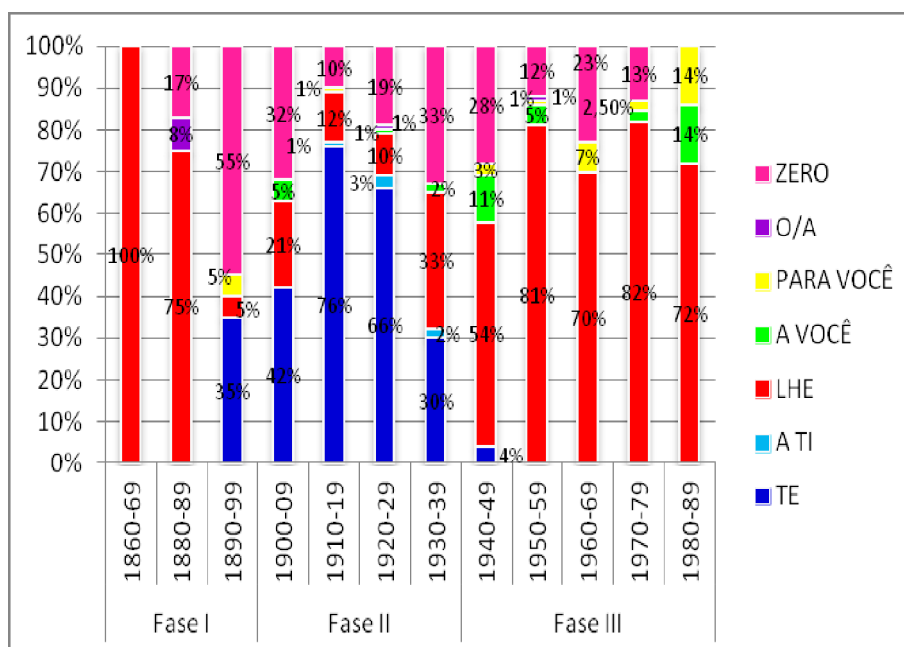


Gráfico 05: As estratégias de complementação verbal dativa nas missivas entre 1860 e 1989.

⁸³ Em análise estão quinhentos e cinquenta e novos dados (559) em virtude da exclusão de vinte e três deles provenientes de cartas que estavam sem datação, mas certificadamente produzidas por *mãos* mineiras.

Com base no gráfico 05, observa-se a diversidade de estratégias com seis formas (*te, lhe, a ti, a você, para você, zero*) dativas efetivamente concretizadas na referência à 2SG. De modo geral, observa-se que a dinâmica variável é mais intensa entre as formas *lhe, te* e *zero* com 43,6% (244/559), 27% (151/559) e 22% (122/559) dos dados, respectivamente. Por outro lado, a interpretação desse gráfico deve se dar em termos de um esboço dos níveis de produtividade das estratégias dativas de 2SG em amostras de cartas muito específicas e insuficientemente equânimes principalmente em relação aos subgêneros das missivas (amorosas, familiares e de amizade), aos gêneros dos missivistas (masculino e feminino) e as suas faixas etárias (jovens, adultos e idosos). Além disso, há de se considerar a natureza da amostra. Trata-se de cartas, em sua maioria, trocadas entre informantes extremamente cultos como escritores, professores, políticos (todos missivistas mineiros) que pareceram se deixar conduzir muito mais pela norma-padrão, ainda que no contexto de intimidade da missiva pessoal.

Em 1860, a produtividade categórica do *lhe* é testemunhada por tão somente três dados de *lhe*-dativo. Nas cartas produzidas entre 1890 e 1899, o *lhe* passou a dividir o seu espaço funcional com o *zero*, em 17%, e com os clíticos *o/a*, em 08% dos dados. Em fins do século XIX, entre 1890 e 1899, o *zero* dativo apresenta-se, em 55% dos dados, como a forma mais produtiva no período em questão (fase I), o que parece confirmar o estatuto variável do objeto indireto nulo já a partir da 2^a metade do século XIX, cf. discutido por Berlinck (2005). Entre 1900 e 1929 (fase II), observa-se que, por outro lado, o *te*, passa a alcançar os maiores índices de produtividade entre os anos 10 (1910 e 1919) e 20 (1920 e 1929) do século XX com 76% e 66%, respectivamente. É interessante é observar também que o dativo *zero* mantém, nas primeiras décadas do século XX (1900-1910 e 1930-1939), as frequências de uso, 32% e 33%, respectivamente. Tais fatos já parecem sugerir, na escrita mineira de sincronias passadas, tênues indícios da funcionalidade do nulo para o dativo de 2SG, cf. já observado por Gomes (2007, p. 11) em relação ao dativo de 2SG na escrita jornalística contemporânea (32%, 20 oco) e por Berlinck (2005, p. 128) em relação aos dados da escrita brasileira a partir da 2^a metade do século XIX (em torno de 20%).

Na fase III, entre 1940 e 1989, observa-se a prevalência do *lhe*-dativo com expressivos índices percentuais de 54% (1940-49), 81% (1950-59), 70% (1960-69), 82% (1970-79) e 72% (1980-89). Entre 1940 e 1989, as formas *a você, para você* e *zero*

se mostraram em tão somente 19, 09 e 55 ocorrências, respectivamente. Observa-se também o SPREP *a ti* com ínfimos índices percentuais de 01% (01 oco) em 1910-1919, 03% (03 oco) em 1920-1929, 02% (01 oco) em 1930-1939.

Em suma, as amostras de cartas mineiras expostas nesta dissertação evidenciaram a produtividade do *lhe* dativo de 2SG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Análises linguísticas embasadas em *corpora* históricos podem oferecer restrições não só em relação à desproporcionalidade quantitativa entre os subgêneros das cartas pessoais (amor, amizade, família), mas também no que se refere ao desequilíbrio entre o número de missivistas distribuídos pelas categorias sociais *gênero* e *faixa etária*. Feitas essas breves considerações/justificativas para que se pondere o alcance desta análise, passa-se à exposição dos principais resultados desta dissertação cujo objetivo principal é oferecer uma visão panorâmica das estratégias dativas de 2SG em missivas mineiras produzidas desde fins do século XIX até fins do século XX. Nesse sentido, é importante retomar as questões norteadoras deste trabalho com o intuito de formular algumas generalizações acerca do dativo de 2SG.

(I) Quantas e quais seriam, então, as formas dativas de 2SG na escrita mineira íntima de sincronias passadas (séculos XIX e XX)?

Dentre as seis estratégias dativas levantadas (*te, a ti, lhe, a você, para você, zero*), as três formas estatisticamente mais usadas nas cartas mineiras foram, respectivamente, as seguintes: *lhe* (251/582, 43%), *te* (155/582, 27%) e *dativo nulo* (134/582, 22%), cf. tabela 04. Acredita-se que uma importante contribuição desta dissertação é a comprovação da produtividade do *lhe dativo* de 2SG na escrita mineira de sincronias passadas (séculos XIX e XX). Em termos gerais, é bem interessante constatar que enquanto na variedade brasileira do português os clíticos dativos de 3SG se mostraram apagados (nulos), cf. Freire (2005, p. 149), os clíticos dativos de 2SG (*lhe* e *te*) se mantiveram funcionais, ainda que com distintos níveis de produtividade, na produção escrita mineira entre os séculos XIX e XX.

O *lhe* prevaleceu nas cartas de *você-sujeito* e de *tratamento alternativo*, o que não só evidenciou tal clítico como uma produtiva estratégia de referência à 2SG na função dativa, mas também expôs o acentuado grau de formalidade impresso nas relações entre os missivistas mineiros. O *te*, por outro lado, se sobressaiu nas cartas de *tu-sujeito*, ainda que tenha se deixado evidenciar nas missivas *mistas* (*tu/você*) e nas missivas de *você-sujeito*, corroborando o seu caráter ãneutrõ, cf. Oliveira (2014). Em outros termos, constata-se que o *te-dativo* parece propenso à difusão tanto pelo contexto de *tu-*

sujeito, quanto pelo contexto de *você-sujeito*. Confirma-se, pois, a hipótese de que se trata de um processo de retenção do *te* também na produção escrita dos mineiros em sincronias passadas (séculos XIX e XX), cf. discutido por Lopes e Cavalcante (2011), Oliveira (2014), Souza (2014) para as missivas cariocas.

Outro resultado interessante diz respeito ao fato de o *dativo nulo* ter se mostrado como a terceira estratégia dativa mais usada independentemente de qual tenha sido o pronome sujeito (cartas de *tu-sujeito*, cartas de *você-sujeito*, cartas de alternância *tu/você* e cartas de tratamento alternativo) com a qual esteve correlacionada nas missivas mineiras. É importante mencionar que também esse resultado acompanha as constatações de Oliveira (2014, p. 158) para o dativo de 2SG nas cartas cariocas (séculos XIX e XX).

Considerando ainda que os sintagmas preposicionados *a você* (22/582, 3,7%) e *para você* (12/582, 02%), cf. tabela 04, apresentaram-se com baixíssimas frequências de uso, não foi possível comprovar, com base na análise das cartas mineiras, que tais formas substituíssem a forma *a ti* (05/582, 0,8%) e, muito menos, acerca da forma *para ti* uma vez que esta não encontrou produtividade alguma nas cartas mineiras analisadas.

(II) Haveria, na produção escrita culta dos mineiros, um panorama de *uniformidade* (nos termos da gramática tradicional) na correlação entre as formas de representação do sujeito e as estratégias de dativo de 2SG?

Na produção escrita dos mineiros cultos entre 1860 e 1980, observou-se que as estratégias dativas de 2SG (*te*, *a ti*, *lhe*, *a você*, *para você*, *zero*) pareceram relativamente condicionadas pelo pronome sujeito, apontando para uma certa uniformidade tratamental na escrita culta mineira: as cartas de *você-sujeito* tendem a motivar o *lhe* (149/239, 62%) e as cartas de *tu-sujeito* tendem a condicionar o *te* (120/155, 77%), cf. tabela 04. Por outro lado, o fato de o *te-dativo* já ter se mostrado em correlação com o *você-sujeito*, na escrita culta mineira de sincronias passadas (séculos XIX e XX), parece apontar para a fusão entre os paradigmas de 2^a e 3^a pessoas do discurso já amplamente discutida com base em amostras históricas do PB principalmente por Lopes e Cavalcante (2011), Oliveira (2014), Rumeu (2013), Rumeu (2015).

(III) Discutir as possíveis interferências dos subgêneros de missivas pessoais (*amor, amizade, familiar*) na representação do dativo de 2SG.

Em relação ao subgênero da missiva pessoal (*amor, amizade, familiar*), comprovou-se a produtividade do *lhe* nas cartas de amizade (140/227, 62%) e familiares (111/285, 39%), ao passo que o *te-dativo* não parece ser condicionado por subgênero de carta algum, visto que se manteve proficiente nas missivas familiares (88/285, 31%), em concorrência com o *lhe*, nas amorosas (50/70, 71%), em alternância com o *zero dativo* (15/70, 22%), e nas cartas de amizade (17/227, 07%), em variação com o *lhe* (140/227, 62%), cf. tabela 09. É preciso levar em consideração que o *dativo zero* (terceira estratégia mais produtiva nas cartas mineiras), ainda que com índices mais modestos de produtividade, mostrou-se em competição mais acirrada nos contextos das cartas familiares, em 23,2% dos dados (66/285), e das cartas de amizade, em 23,4% dos dados (53/227), corroborando os resultados de outras análises com base em *corpora* históricos através dos quais o nulo de 2SG também se mostrou como uma possibilidade de representação do dativo, cf. Oliveira (2014) e Rumeu (2015).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, 46^a ed. São Paulo, Ed. Saraiva, 2013.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, 09^a ed. São Paulo, Ed. Saraiva, 1957.

ARAÚJO, Francisco Jardes Nobre. *A variação te/lhe em cartas pessoais de cearenses no século XX*. 2014. Dissertação (Mestrado) ó Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 51. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BERLINCK, Rosane Andrade. The Portuguese dative. In: VANBELLE, N.; VAN LANGENDONCK, N. (Ed.). *Case and grammatical relations across languages*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. v.1. p.119-151.

BERLINCK, Rosane Andrade. *O objeto indireto no português do Brasil*. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras (UNESP), 1998. Relatório.

BERLINCK, Rosane Andrade. O objeto indireto no português brasileiro: um estudo diacrônico. In: BERLINCK, Rosane Andrade *et al.* (Orgs.). *Estudos de Linguística Histórica do Português*. 1. ed. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP/Cultura Acadêmica, 2005. v. 1, p.123-139.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 38. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

BLAKE, Barry J. *Case*. Second Edition. Cambridge University Press. 2004.

CAMPOS, Ednalvo Apóstolo. *O dativo de terceira pessoa no português culto falado em Belém*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) ó Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, Ian.; KATO, Mary A. (Orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1993, p. 163-184.

COMPANY, Concepción Company. El objeto indirecto. In: COMPANY, Concepción Company. *Sintaxis histórica de la lengua española*. México: UNAM/FCE, 2006. p. 479-572.

CONDE SILVESTRE, J. Camilo. *Sociolingüística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. Problemas y principios. In: CONDE SILVESTRE, J. Camilo. *Sociolingüística histórica*. Madrid: Gredos, 2007, p. 19-72.

CONDE SILVESTRE, J. Camilo. La sociolingüística histórica y el cambio lingüístico. In: CONDE SILVESTRE, J. Camilo. *Sociolingüística histórica*. Madrid: Gredos, 2007, p. 73-142.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUARTE, Fábio Bonfim; DINIZ, Carolina Ribeiro. Eu te falei para você: redobro de pronomes?, em RAMOS, Jania Martins; COELHO, Sueli. (Orgs.). *Português Brasileiro Dialectal: temas gramaticais*, São Paulo, Mercado de Letras, 2012, p. 91-102.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; RAMOS, Jânia M. Variação nas funções acusativa, dativa e reflexiva. In.: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara. *Mapeamento sociolingüístico do português brasileiro*. São Paulo, Contexto, 2015, p.175-195.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In.: TARALLO, Fernando. *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: São Paulo, Pontes, 1989, p. 19-34.

DUARTE, Inês; BRITO, Ana Maria. Predicação e classes de predicadores verbais. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (Orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2006, p. 179-203.

DUARTE, Inês. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (Orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2006, p. 275-321.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In.: TARALLO, Fernando. (Org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas, Pontes, 1989, 19-34.

ELSPASS, Stephan. The Use of Private Letters and Diaries in Sociolinguistic Investigation. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, p.156-169.

FARIA, Ernesto. *Gramática da Língua Latina*. 2. ed. Brasília: FAE, 1995.

FREIRE, Gilson Costa. *A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) ó Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

FREIRE, Gilson Costa. Acusativo e dativo anafóricos de 3ª pessoa na escrita brasileira e lusitana. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2011.

GOMES, Christina Abreu. Uso variável do dativo em textos jornalísticos. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 7-19, Jun. 2007.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa ó instrumental de análise*, São Paulo, Parábola Editorial. 2007.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan M.; CONDE SILVESTRE, J. Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford, Wiley-Blackwell, 2012.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan M; SCHILLING, Natalie. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford, Wiley-Blackwell, p. 63-79, 2012.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; SCHILLING, Natalie. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 63-79.

IVO, Oscarino da Silva. INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO LATIM VULGAR. *Ensaio de Literatura e Filologia*. Volume 1, p. 73-99, 1978.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, Volume 2. 2001.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972]. 389 p. Título original: *Sociolinguistic Patterns*.

LASMAR, Jorge. *Júlio César Pinto Coelho, o Instituto Histórico, Clube Floriano Peixoto (1907-2007)*. Belo Horizonte: Instituto Histórico e Geográfico, 2015.

LOBO, Tânia Conceição Freire. *Para uma sociolinguística histórica doportuguês no Brasil. Edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) ó Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Volume II, 2001.

LOPES, Célia Regina dos Santos; CAVALCANTE, Sílvia Regina de Oliveira. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística*, v. 25, p. 30-65, jun. 2011.

LOPES, Célia Regina dos Santos; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos, In.: CASTILHO, Ataliba Teixeira; MORAIS, Maria Aparecida Torres; LOPES, Ruth E. Vasconcellos; CYRINO, Sônia. (Orgs.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro ó Estudos dedicados a Mary Kato*. São Paulo: Campinas, Fapesp, Pontes Editora, 2007, p. 419-435.

LUFT, Celso Pedro. 2006. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática.

LUZ, Ricardo Dias. *O tratamento na produção epistolar de João Pinheiro da Silva: análise sociopragmática de TU x VOCÊ e respectivas formas gramaticais*. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.

MACHADO, Ana Carolina Morito. *As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) ó Língua Portuguesa. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MOTA, Maria Alice. *A variação dos pronomes ÷tuø e ÷vocêø no português oral de São João da Ponte (MG)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) ó Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

NASCIMENTO, André Marques do. *Variação e mudança na expressão do dativo em comunidades rurais goianas e suas relações com as origens do português brasileiro*. *Domínios de Lingu@gem*, Ano 3, n. 2, p. 36-74, 2º sem. 2009.

OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. *Entre o Linguístico e o Social: Complementos Dativos de 2ª pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980)*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PEREIRA, Rachel de Oliveira. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico*, Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PINTO, Hebert Sardinha. NOTAS GENEALÓGICAS SOBRE A FAMÍLIA ALVES PINTO E SEUS DESCENDENTES (RESUMO). In.: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*. Volume XVI. Belo Horizonte, Minas Gerais, 1975.

PINTO, Hebert Sardinha. PADRE AGENOR DE ASSIS ALVES PINTO. In.: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*. Volume XV. Belo Horizonte, Minas Gerais, 1974.

RAMOS, Conceição M. A. *O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo português brasileiro/espanhol peninsular*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1998.

REZENDE, Antônio Martinez de. *Latina essent a: preparação ao latim*. 4. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge University Press. New York, [1982] 2009.

RUBIO, Lisardo. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. 2. ed. Barcelona: Editorial Ariel, S.A, 1984.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito.; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. A expressão da 2ª pessoa do singular em contextos de complementação e de adjunção: retratos do encaixamento estrutural e social. *Revista Linguística (Online)*, v. 32, p. 25-46, 2016.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. 'Tu' ou 'você', 'te' ou 'lhe?': a correlação entre as funções de sujeito e complemento verbal de 2ª pessoa. *Linguística*, v. 31-2, p. 83-109, dez. 2015.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A difusão do você pelos contextos sintáticos de complementação e de adjunção. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 18, p. 91-114, 2014.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Língua e sociedade: a história do pronome ãVocêõ no português brasileiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

SILVA, Érica Nascimento. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) ó Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SOUZA, Janaina Pedreira Fernandes de. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) ó Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.

SOUZA, Camila Duarte de. *Eu te amo, eu lhe adoro, eu quero você: a variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980)*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) ó Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

TARALLO, Fernando. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português do aquí e do além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian.; KATO, Mary A. (Orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1993, p. 69-106.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida C. R.; BERLINCK, Rosane Andrade. A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In: LOBO, Tânia *et alii*. (Orgs). *Para a história do Português Brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, 2006. v. 6, p. 73-106.

VOTOSCH, W. *Gramática Latina*. Espanha: Editorial Labor, S. A., 1943.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968]. 151 p. Título original: *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*.